



UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

ADRIANA DA SILVA DAS NEVES

ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: UMA REFLEXÃO SOBRE
APRENDIZAGEM DE JOVENS E ADULTOS EM MARABÁ – PA

MARABÁ
2017

ADRIANA DA SILVA DAS NEVES

**ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: UMA REFLEXÃO SOBRE
APRENDIZAGEM DE JOVENS E ADULTOS EM MARABÁ – PA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Pedagogia, Faculdade de Ciências da Educação (ICH/UNIFESSPA), como pré-requisito para obtenção do Título de Licenciada Plena em Pedagogia, sob a orientação da Prof^a. Msc. Cleide Pereira dos Anjos.

MARABÁ
2017

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
Biblioteca Josineide da Silva Tavares da UNIFESSPA. Marabá, PA

Neves, Adriana da Silva das

Alfabetização e letramento: uma reflexão sobre aprendizagem de jovens e adultos em Marabá-PA / Adriana da Silva das Neves ; orientadora, Cleide Pereira dos Anjos. — 2017.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, Campus Universitário de Marabá, Instituto de Ciências Humanas, Faculdade de Ciências da Educação, Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, 2017.

1. Educação de jovens e adultos – Marabá (PA). 2. Alfabetização de adultos – Marabá (PA). 3. Letramento. 4. Prática de ensino. I. Anjos, Cleide Pereira dos, orient. II. Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. III. Título.

CDD: 22. ed.: 374.98115

Elaboração: Alessandra Helena da Mata Nunes Bibliotecária-Documentalista
CRB2/586

ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: UMA REFLEXÃO SOBRE APRENDIZAGEM DE JOVENS E ADULTOS EM MARABÁ – PA

ADRIANA DA SILVA DAS NEVES

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a
Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará –
UNIFESSPA - aprovado para obtenção do título de
Licenciada Plena em Pedagogia, pela Banca Examinadora
formada por:

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Msc. Cleide Pereira dos Anjos
(Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará – Orientadora)

Prof^a. Dra. Terezinha Cavalcante Feitosa
(Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará – Membro)

DATA DA AVALIAÇÃO: 25/08/2017

Dedico este trabalho a meus pais, que nunca mediram esforços para realização deste sonho.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por me dar saúde e muita força para superar todas as dificuldades.

Agradeço aos meus pais, Alberto Carlos das Neves e Maria Oliveira da Silva das Neves, pelo apoio e ao incentivo.

Agradeço a professora, Cleide Pereira dos Anjos, pela sabedoria e determinação com que me orientou durante a realização deste trabalho.

Agradeço a todas as pessoas que fizeram parte dessa etapa decisiva em minha vida.

RESUMO

O objetivo do presente trabalho é analisar as dificuldades que os alunos da 1ª etapa da Educação de Jovens e Adultos enfrentam no processo de alfabetização e letramento. Investigar se as práticas de letramento atendem a realidade dos alunos, além de verificar se a formação dos professores interfere no processo de alfabetização e letramento, pois é de suma importância que educadores reflitam sobre a Educação de Jovens e Adultos, já que esta modalidade requer uma ação pedagógica diferenciada, que não seja apenas a reprodução do que é oferecido no ensino regular, mas considerar as especificidades dos envolvidos. Ao final do trabalho, pode-se comprovar que o letramento não está restrito ao sistema escolar, mas é de competência da escola levar os indivíduos a um processo mais profundo e autônomo nas práticas sociais que envolvam a leitura e a escrita. No entanto, saber ler e escrever não é o bastante para capacitar o indivíduo para as demandas sociais aos quais estão sujeitos em seu cotidiano, é necessário desenvolver graus de letramento aos envolvidos no processo de aprendizagem para que estes possam interagir-se de forma crítica à sociedade. Diante de tudo pesquisado, fica evidente que não basta somente o educador refletir e discutir sobre as questões do ensino, tão somente, se não forem em busca de mudança, se não permitirem mudanças em suas práticas. Ao final do trabalho, pode-se comprovar que há uma necessidade de serem elaboradas atividades em sala de aula, as quais valorizem os conhecimentos prévios dos educandos, pois quando o trabalho de alfabetização é incorporado na perspectiva do letramento há mudanças significativas. Portanto, as dificuldades de aprendizagens estão intimamente associadas à desmotivação por parte de alunos, problema de memória ocasionado pela idade, atividades desvinculadas da proposta de letramento e em alguns casos problema de visão. A fundamentação teórica empregada foram Paiva (2003), Di Pierro e Haddad (2000) que tratam da história da alfabetização no Brasil e os autores Soares (2000), Freire (1996), Pinto (2010) que trabalham a reflexão da importância do processo de alfabetização e letramento na EJA.

Palavras-chave: alfabetização; letramento; dificuldade de aprendizagem; Educação de Jovens e Adultos.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

LISTA DE GRÁFICO

Gráfico 01 - Estudou quando jovem? 41

Gráfico 02 - Com quantos anos deixou de frequentar a escola? 41

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 - Perfil das professoras 50

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABC - Cruzada de Ação Básica Cristã

ALFASOL - Associação Solidária

CEAA - Primeira Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos

CNER - Campanha Nacional de Educação Rural

CNEA - Campanha Nacional de Erradicação do Analfabetismo

CNBB - Conferência Nacional dos Bispos do Brasil

CPC - Centro Popular de Cultura

EDUCAR - Fundação Nacional para Educação de Jovens e Adultos

FNEP - Fundo Nacional do Ensino Primário

FUNDEF - Fundo de Desenvolvimento do Ensino Fundamental e Valorização do Magistério

LDB - Lei Federal de Diretrizes e Bases

MCP - Movimentos de Cultura Popular

MOBRAL - Movimento Brasileiro de Alfabetização

MEC - Ministério da Educação e Cultura

MEB - Movimento de Educação de Base

MNCA- Mobilização Nacional Contra o Analfabetismo

OEA - Organização dos Estados Americanos

ONG - Organização Não Governamental

PNA - Plano Nacional de Alfabetização

PAS - Programa Alfabetização Solidária

PRONERA - Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária

PROJOVEM - Programa Nacional de Inclusão do Jovem

PROEJA - Programa de Integração da Educação Profissional ao Ensino Médio para Jovens e Adultos

PRONATEC - Programa Nacional de Acesso ao Ensino técnico e Emprego

UNESCO - União das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura

UNE - União Nacional dos Estudantes

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I: MARCO HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS	
1. História da alfabetização e da educação de jovens e adultos no Brasil	12
2. Concepções sobre alfabetização	25
2.1. Concepções sobre letramento	26
2.2. Formação pedagógica de alfabetizadores de jovens e adultos.....	27
2.3. Ação pedagógica do professor e suas contribuições para o processo de alfabetização e letramento.....	30
2.4. Dificuldades de aprendizagem no processo de alfabetização e letramento	33
2.5. A realidade social do adulto: conjunto de conhecimentos	34
CAPÍTULO II: PROCEDIMENTO DE PESQUISA	
3. Abordagem metodológica	36
3.1. Procedimentos metodológicos.....	37
3.2. Local da pesquisa.....	39
CAPÍTULO III: RESULTADO E DISCUSSÃO	
4. Análise da entrevista direcionada aos alunos.....	40
4.1. Análise dos perfis da formação pedagógica das professoras	50
4.2. Análise das entrevistas direcionada as professoras	51
4.3. Prática pedagógica do professor	55
CAPÍTULO IV: ANÁLISE DAS ATIVIDADES REALIZADAS	
5. Análise das atividades realizadas pelos alunos	57
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	96
7. REFERÊNCIAS	98
APÊNDICES	102
ANEXOS	125

INTRODUÇÃO

Este trabalho visa analisar as possíveis dificuldades de aprendizagem enfrentadas pelos alunos da 1ª Etapa da Educação de Jovens e Adultos (EJA) no processo de alfabetização e letramento, além de verificar se a formação do professor poderá interferir no processo de alfabetização e letramento dos alunos, de uma escola municipal da cidade de Marabá – Pará.

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) apresenta uma trajetória de desafios na história, especialmente por ser uma alternativa para diminuir o problema da exclusão social. Porém, essa modalidade de educação, por muito tempo, não se apresentou como prioridade educacional, sendo entendida e tratada apenas como política compensatória direcionada a suprir a perda da escolaridade em idade própria.

Com a implantação da Lei 9.394 de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional) no artigo 37 aparece a preocupação em garantir o acesso e a continuidade dos estudos àqueles que não tiveram a oportunidade em idade própria. Mas é necessário que além de garantir a oferta de vagas seja proporcionado aos alunos um ensino comprometido com a qualidade.

Assim, a EJA tem como função não somente oferecer vagas para suprir a escolaridade perdida, mas produzir as condições necessárias para que o cidadão esteja preparado para interagir e, por meios próprios, buscar melhorias na qualidade de vida pelo acesso aos bens sociais.

Para o desenvolvimento deste trabalho, optei por uma metodologia que leva em consideração os aspectos qualitativos baseados em uma pesquisa participante, realizada por meio de entrevistas semi-estruturadas, atividades e observação participante. A pesquisa permite ao pesquisador envolvimento com os sujeitos, tal envolvimento proporciona informações que podem chegar a compreender a visão de mundo e as ações dos sujeitos envolvidos. É importante salientar que a reflexão esteve presente em todo o processo na realização deste trabalho

Tendo em vista a importância da trajetória histórica da Educação de Jovens e Adultos no Brasil, a primeira abordagem neste trabalho se volta para a história da alfabetização e da Educação de Jovens e Adultos no Brasil, a fim de verificar as grandes transformações ao longo da história, o pensamento pedagógico, as iniciativas das políticas públicas e um balanço da conjuntura atual da EJA.

Foi investigada a formação pedagógica dos professores atuantes no primeiro seguimento da EJA, tendo em vista o compromisso de desenvolver um trabalho de

alfabetização através das práticas de letramento, que devem valorizar os conhecimentos prévios dos alunos. Por alfabetização desenvolvida através do letramento entende-se, de acordo com Soares (2000), trabalhar a leitura e escrita valorizando os conhecimentos que os alunos trazem para sala de aula e desenvolver um processo de libertação pela consciência crítica a estes cidadãos da Educação de Jovens e Adultos.

É de fundamental importância que professores desta modalidade de ensino sejam educadores comprometidos verdadeiramente com a aprendizagem, pois são alunos de diversas idades, culturas e conhecimento de mundo diferenciados. De acordo com Pinto (2010), a educação tem que ser uma possibilidade igual para todos, em qualidade e quantidade. Por isso, a alfabetização é apenas o início de um processo educacional que deve sempre visar aos graus mais altos do saber. É através da educação que há mudança da condição humana daquele que adquire o saber, pois passa a ver o mundo e a si mesmo com outro ponto de vista, tornando – se um elemento transformador de seu mundo.

De acordo com as autoras Klriman e Signorini (2001), para amenizar as dificuldades de aprendizagem é necessário que educadores vejam o aluno como ponto de partida, pois através da investigação do que o aluno já sabe e o que é capaz de fazer dará subsídios para o professor trabalhar em cima de tais dificuldades, mas levando em consideração os interesses, conhecimentos e as experiências dos alunos. Para Pinto (2010), o adulto analfabeto possui saberes, o desenvolvimento fundamental do homem é de natureza social, faz – se pelo trabalho e pela sua vivência.

Para detectar os desafios que alunos da 1ª etapa da EJA confrontam em sala de aula, foram realizadas atividades dentro da perspectiva do letramento, ou seja, atividades que estão relacionadas com a realidade de vida destes alunos, com o intuito de verificar as possíveis dificuldades.

A problemática investigada nesta pesquisa foi averiguar os possíveis desafios e dificuldades no processo de alfabetização e letramento enfrentados pelos alunos da 1º Etapa da Educação de Jovens e Adultos, investigar se as práticas de letramento atendem à realidade dos alunos, além de verificar se a formação do professor interfere no processo de alfabetização e letramento.

CAPÍTULO I: MARCO HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

1. História da Alfabetização e da Educação de Jovens e Adultos no Brasil

Período colonial

A história da educação de adultos no Brasil vem desde o período do Brasil Colônia, mas nesta época a educação para adultos era de cunho religioso do que educacional. Paiva (2003, p. 52) ao abordar o tema diz que “os cristãos – especialmente católicos – eram tradicionalmente responsáveis por grande parte das atividades educacionais no país”, portanto as discussões das iniciativas governamentais são recentes em torno da educação de adultos no Brasil e neste período a técnica da leitura e da escrita não eram necessárias para desempenharem as atividades exigidas na sociedade colonial.

Brasil Império

Com a expulsão dos Jesuítas do Brasil em 1759, a educação destinada aos adultos aparecem no Brasil Império, a primeira escola noturna a funcionar para adultos foi no estado do Maranhão em 1860 e a partir de então se multiplicaram por todo o Império, e por muitos anos esta era a única forma de educação para adultos.

Porém, um grande número de escolas para adultos deixou de existir, no entanto, nos anos de 1881 ressurgiram devido à reforma eleitoral (Lei Saraiva Decreto nº 3.029, 09 de janeiro de 1881), que impossibilitava os analfabetos de votarem ou serem votados nas eleições, sendo que a maioria da população era analfabeta nesta época.

Reforma do Distrito Federal

Segundo Paiva (2003, p. 196) “a reforma do Distrito Federal em 1928 havia cuidado da educação dos adultos ao reorganizar os cursos elementares noturnos e moralizar o seu funcionamento”, a frente da reforma estava Fernando de Azevedo, no entanto, em 1932, Anísio Teixeira assumiu o cargo fazendo grandes modificações.

Foi criado por Anísio Teixeira cursos de Extensão de artes e ofícios e de aperfeiçoamento, os cursos eram ofertados todos no período noturno, sem faixa etária e a duração das aulas era de acordo com as necessidades dos alunos. No entanto, os cursos só foram instalados em 1934, e se expandiram rapidamente com grandes números de matriculados. Em dezembro de 1935, com a saída de Anísio Teixeira os cursos de aperfeiçoamento para adultos são interrompidos.

Período de 1940 a 1952

No ano de 1940, o Brasil passa apresentar altos índices de analfabetismo e com esse diagnóstico foi criado em 1942 o Fundo Nacional do Ensino Primário (FNEP) pelo Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP). Os recursos financeiros do FNEP foram destinados às campanhas de alfabetização para adultos analfabetos.

Em 1945, após a Segunda Guerra Mundial cria-se a União das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) que solicitou maior mobilização dos países membros em prol da educação, em especial a educação dos adultos analfabetos, na qual o Brasil aparece como país líder no analfabetismo, e a partir deste momento intensifica no país a defesa pela alfabetização por parte dos políticos.

Em 1947, o governo brasileiro lança a Primeira Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos (CEAA) com o objetivo de alfabetizar os adultos e adolescentes analfabetos tanto na zona urbana quanto na zona rural e desta forma contribuindo para melhorar as estatísticas mundiais do analfabetismo do Brasil.

De acordo com Paiva (2003, p. 208) “a educação para democracia parece ter sido o principal fundamento da CEAA: um meio para assegurar a estabilidade das instituições através da integração das massas marginalizadas ao processo político”, pois através da

Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos ampliaram a quantidade de eleitores no país, já que através do voto a população participaria da vida política.

A partir de então surgem grandes debates sobre a alfabetização dos adultos no país. Neste período o adulto analfabeto era visto como marginal, incapaz, sinônimo de pobreza e era impossibilitado de votar ou ser votado e sofriam grandes preconceitos da sociedade, mas no final da década de 50 foram vencidos alguns preconceitos relacionados aos adultos analfabetos sendo colocados como um ser capaz de aprender.

As atividades da Campanha de Educação de Adolescentes e Adultas (CEAA) iniciaram em 1947, mas devido a problemas de desistência de professores, ensino precário e abandono de diversos Estados na execução das tarefas em relação à educação de adultos, ocasionou o declínio e extinção da CEAA em 1963.

No mesmo ano da criação da CEAA em 1947, foi realizado o 1º Congresso Nacional de Educação de Adultos com o slogan “ser brasileiro é ser alfabetizado”, com o objetivo de enfatizar os problemas de analfabetismo no país ressaltando a necessidade da educação de adultos para uma sociedade democrática. Nesse Congresso foi apoiada a existência da Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos.

Muitos acreditavam que os problemas que o país enfrentava eram ocasionados pela falta de instrução da população brasileira. Paiva (2003, p. 216) ao referir sobre tema diz que “doenças, analfabetismo, ideologias estranhas, crimes, contravenções são males de um povo que vem vivendo anos a fio sem o benefício da escola”. Com a realização do Congresso, a CEAA ganha fortes incentivos para a realização imediata de suas atividades no país.

Em 1949, ocorre o Seminário Interamericano de Educação de Jovens e Adultos realizado no Brasil sob o patrocínio da União das Nações para Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) e da Organização dos Estados Americanos (OEA), onde estavam reunidos diversos estudiosos de vários países a fim de discutir soluções para o problema do analfabetismo tanto no ensino primário das crianças quanto na Educação de Jovens e Adultos no país.

Segundo Paiva (2003, p. 223) “o analfabetismo aparece como um mal a ser combatido; a existência de 70 milhões de analfabetos no continente é apontada como a maior ameaça da América: estas “zonas escuras” precisam de luz”. Portanto, o analfabetismo era visto como um empecilho para o progresso e a democracia do país.

Encerraram o Seminário com a tese de que deveriam desenvolver um sistema eficaz de educação de Jovens e Adultos dando atenção especial à educação primária das crianças aos problemas em comum dos adultos, levando em conta que a educação de adultos era de ordem social e não especificamente pedagógica.

A Campanha Nacional de Educação Rural (CNER) criada em 1952, com o objetivo de minimizar os altos índices de analfabetismos nas comunidades rurais, acelerar o processo evolutivo do homem, despertando o espírito comunitário e a responsabilidade, incentivando desta forma elevar o padrão de vida e a organização social da comunidade.

A CNER desenvolveu a educação comunitária para a população do interior e as missões nas comunidades que duravam até que a própria comunidade estivesse preparada para assumir os problemas e serem capazes de arcar com as soluções.

Congresso Nacional da Educação de Adultos

Foi realizado o 2º Congresso Nacional da Educação de Adultos na cidade do Rio de Janeiro com o apoio do Ministério da Educação e Cultura (MEC) em 1958, com a finalidade de discutir o fracasso da Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos e os problemas de analfabetismo que ainda se mantinha no país.

O congresso recebeu diversos participantes os quais propôs ao governo, que o povo brasileiro tivesse a oportunidade de exercer o voto e elevar o nível cultural da população através da educação, dentre os participantes estava Paulo Freire. Segundo Paiva (2003, p. 236) no congresso “eram discutidos os problemas com o objetivo de encontrar novas diretrizes para a educação de adultos no país, de modo a torná-la funcional a sociedade brasileira em transformação”.

A Campanha CEAA recebe algumas críticas tais como: as escolas foram preparadas apenas para preparar eleitores, que ao decorrer do tempo não estava mais oferecendo educação adequada para os adultos e os materiais didáticos utilizados pelos professores eram inadequados para diversas regiões, pois utilizam os mesmos materiais didáticos em todos os Estados não levando em consideração a diversidade dos lugares.

Mesmo com grandes problemas a Campanha foi de grande importância para a educação nesse período, pois a partir da existência da CEAA houve a diminuição dos índices de analfabetismo dos adultos no país. No mesmo ano de 1958, surgiu a Campanha Nacional de Erradicação do Analfabetismo (CNEA) destinada à educação popular em geral.

A Campanha preocupou-se, fundamentalmente, com ensino primário, pois acreditavam que a escolarização das crianças era a solução para o problema do analfabetismo no país. O programa destinado ao ensino primário oferecia aos alunos materiais didáticos, roupas, sapatos, merenda, garantindo desta forma frequência nas aulas.

E para a educação dos adolescentes e adultos a Campanha estimulou os professores através de estímulos financeiros, oferecendo salário móvel de acordo com a frequência e aprovação dos alunos.

De 1960 a 1963, um período de luz para a educação de adultos

Em 1960, é criado o Movimento de Educação de Base (MEB), as atividades do MEB estavam sob a responsabilidade da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), a igreja tinha o objetivo de realizar um trabalho de educação do povo, sem propósitos evangelizadores as populações rurais.

O Movimento recebeu convênios do MEC e de outros órgãos da administração pública, suas atividades ocorreram nas regiões norte, nordeste, centro-oeste do país. O MEB trabalhou o sistema rádio educação criando escolas radiofônicas distribuídas pelos Estados do Pará, Ceará, Rio Grande do Norte, Pernambuco, Sergipe, Bahia e Goiás.

Em 1961, surgiu o Centro Popular de Cultura (CPC) no Rio de Janeiro em parceria com a União Nacional dos Estudantes (UNE) composto por jovens intelectuais e artistas dedicados ao cinema, artes plásticas e a filosofia. O Centro estava preocupado em atingir a população através do teatro popular com problemas sociais e políticos e, portanto foi criado o teatro de rua que aconteciam em lugares estratégicos, além do teatro o Centro Popular de Cultura realizou cursos de cinema, artes plásticas e de filosofia.

No segundo ano de existência do Movimento de Educação de Base em 1962, começou a se desenvolver como um movimento de cultura popular oferecendo a população rural uma educação de base tornando-os conscientes de seus valores físicos, morais, cívicos e espirituais, com a finalidade de que o povo participasse da vida social, política e econômica do país.

Além das escolas radiofônicas o MEB desenvolveu a Animação Popular nas comunidades rurais, a Animação Popular era um grupo de pessoas que agiam e pensavam em comum, onde refletiam sobre a participação política na vida da comunidade.

Em 1962, é criado pelo governo federal o programa de Mobilização Nacional Contra o Analfabetismo (MNCA), os objetivos do programa referiam-se a educação popular em geral, abrangendo a educação primária das crianças a educação dos adultos. Suas atividades seriam executadas em seis capitais dos Estados brasileiros: Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Bahia, Santa Catarina e o Distrito Federal.

Entretanto, em setembro de 1962 surgiu o Programa de Emergência substituindo a MNCA. O Programa de Emergência tinha como objetivo a ampliação e melhoria da educação tanto da educação primária quanto para a educação de adultos. O programa tinha o intuito de elaborar, editar e distribuir gratuitamente materiais didáticos para a população de adultos e crianças, a qual tal objetivo foi realizado.

Somente no final de 1963 os Centros Populares de Cultura se mobilizaram em prol do problema da alfabetização através de uma arte didática de conteúdo político. Paralelamente aos Centros Populares de Cultura surge os Movimentos de Cultura Popular em Pernambuco vinculado a Prefeitura de Recife composto por estudantes, artistas e intelectuais da capital com o objetivo de combater o analfabetismo e elevar o nível cultural da população as quais foram se multiplicando por vários Estados do Brasil.

O Movimento de Cultura Popular de Pernambuco desenvolveu o programa de rádio para a alfabetização do povo, criando o Livro de Leitura do MCP que seria usado no programa de alfabetização. Para os adultos eram destinados 50 a 60 minutos de programa e para a educação de base 10 a 20 durante os dias úteis. Foi criado em Recife pelo movimento o Parque de Cultura, Praças de Culturas e Núcleos de Cultura e dentro destes centros eram promovidos atividades para a educação infantil, dos adolescentes e dos adultos. Paulo Freire

teve participação ativa nas atividades desenvolvidas no Movimento de Cultura Popular de Pernambuco, onde seu método para a educação de adultos foi utilizado.

A partir do Movimento de Cultura Popular de Pernambuco, Paulo Freire tornou-se cada vez mais conhecido e foi convidado pelo governador do Rio Grande do Norte a realizar na cidade de Angicos uma experiência de seu método de alfabetização.

Em 1962, é criado o Plano Nacional de Alfabetização (PNA) por um grupo de estudantes universitários e integrantes da equipe de assessoria do Ministério do Trabalho com o intuito de desenvolver um trabalho voltado para os adultos através do método de Paulo Freire. Em setembro de 1963, foi realizado o Primeiro Encontro Nacional de Alfabetização e Cultura Popular em Recife – PE.

Foram convocados através de rádios e jornais todos os movimentos existentes no país e, o comparecimento se dava de forma voluntária. O Encontro tinha como finalidade a troca de experiências dos movimentos de alfabetização e cultura popular e a criação de uma coordenação nacional para representá-los.

Segundo Paiva (2003, p. 275) “o Encontro propunha que, além de se ampliar a ação alfabetizadora dos movimentos, estes trabalhassem também na formação da opinião pública no sentido de que se estendesse aos analfabetos o direito do voto”.

As recomendações que o Encontro fazia aos Movimentos de Alfabetização seria que a alfabetização dos adultos deveria ser priorizada e que a zona rural merecia um olhar especial, pois no campo são encontrados os maiores números de analfabetos, baixo nível de esclarecimento político e pouco conhecimento tecnológico. E para os Movimentos de Cultura Popular era recomendado que desenvolvessem a consciência crítica do povo através de debates e discussões em grupos.

No mesmo ano de 1963 foi criado o Plano Nacional de Alfabetização – PNA, o Plano desenvolveu um programa extensivo de educação de adultos usando o método de Paulo Freire com o objetivo de alfabetizar cinco milhões de brasileiros até 1965. O início do funcionamento do PNA foi através dos projetos localizados na região sul na cidade do Rio de Janeiro e na região nordeste na cidade de Recife cada projeto com sua independência.

O Projeto da região nordeste recebia verbas escassas, dificultando o seu funcionamento. Entretanto, o projeto no Rio de Janeiro conseguiu manter-se com verbas do

governo e iniciou suas atividades com a abertura de inscrições para o curso de formação de coordenadores e em seguida oferta de cursos de treinamento de alfabetização, mas os cursos funcionaram somente até março de 1964. As atividades do PNA foram suspensas em 2 de abril de 1964 e extinta pelo decreto nº 53.886 no dia 14 de abril do mesmo ano.

Período militar

Em 1964, ocorre o regime militar, onde o Presidente do Brasil João Goulart foi deposto do cargo e assume o General do Exército Humberto Castelo Branco. Houve uma ruptura política no país na qual os movimentos de educação e cultura popular foram reprimidos e seus dirigentes perseguidos. Foram reprimidos todos os programas de educação destinados aos jovens e adultos, pois contrariavam os interesses do regime militar.

Diversas práticas educacionais persistiram durante o regime militar de forma dispersa, algumas resistiram até o final do regime e outras duraram pouco tempo. Entre os grandes programas, sobrevive somente o Movimento de Educação de Base (MEB), mas para o programa continuar existindo foi necessário à revisão do material didático, da metodologia, da orientação do programa e uma grande quantidade de pessoas foram demitidas do Movimento, causando restrição das atividades e grandes dificuldades financeiras.

Criada em 1966, a Cruzada de Ação Básica Cristã (ABC), dirigido pelos evangélicos norte-americanos, servindo de maneira assistencialista do regime militar. Em 10 de agosto de 1966, era assinado um convênio entre o MEC e a Cruzada, a qual a Cruzada se comprometia a atingir um total de 2 milhões de adultos em até 5 anos com o objetivo de trabalhar a alfabetização básica com a educação de adultos, mas sem desenvolver atividades que prejudicasse os interesses do Brasil, o seu regime político, ético e cristão.

Em 1966, o Presidente da República estabelece através do Decreto nº 57.895 de 28 de fevereiro de 1966 que todos os saldos de alguns programas que não foram usados deveriam ser aplicados pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC) em programas intensivos de erradicação do analfabetismo com o objetivo de alfabetizar pessoas com mais de 10 anos de idade.

O setor da educação básica para adultos não poderia ser abandonado por parte do Governo, então em 1967, nasce o Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL), criado pela Lei 5.379 de dezembro de 1967, trabalhava por um lado, a alfabetização da população analfabeta e por outro atendia aos objetivos do governo militar.

As atividades do MOBRAL se difundiram por todo o país e, recebeu verbas de diversos setores públicos e privados para seu funcionamento. Foi descentralizada para todos os Municípios brasileiros a responsabilidade de executar as atividades nas comunidades de alfabetização, providenciando salas de aulas, materiais didáticos e professores. No final da década de 1970, o MOBRAL passa por algumas modificações, passou a trabalhar desde a educação comunitária até a educação de crianças.

O Ensino Supletivo

Em 1971, o Ensino Supletivo foi regulamentado pela Lei Federal de Diretrizes e Bases (LDB) de número 5.692 de 11 de agosto, um sistema de ensino mais rápido que o convencional, hoje conhecido como Educação de Jovens e Adultos, direcionado a quem não concluiu o ensino fundamental ou o ensino médio.

De acordo com Di Pierro e Haddad:

A Lei atenderia ao duplo objetivo de recuperar o atraso dos que não puderam realizar a sua escolarização na época adequada, complementando o “êxito empolgante do MOBRAL que vinha rápida e drasticamente vencendo o analfabetismo no Brasil”, e germinar “a educação do futuro, essa educação dominada pelos meios de comunicação, em que a escola será principalmente um centro de comunidade para sistematização de conhecimentos, antes que para sua transmissão”. (DI PIERRO; HADDAD, 2000, p.116).

O Ensino Supletivo foi formado com três características: a primeira foi à definição como um subsistema integrado, independente do sistema regular, porém ligado ao Sistema Nacional de Educação e Cultura, a segunda característica foi alfabetizar formando para a força do trabalho e a terceira que o Ensino Supletivo tivesse sua própria doutrina e a metodologia apropriada ao público alvo.

Portanto, o objetivo do Ensino Supletivo era escolarizar aqueles que não estudaram na idade certa, mas com uma escolarização voltada para a formação de mão de obra para o desenvolvimento nacional do país. Para cumprir com os objetivos de escolarização e formação de mão de obra, o ensino supletivo foi dividido em quatro funções: suplência, suprimento, aprendizagem e qualificação.

De acordo com Di Pierro e Haddad:

A Suplência tinha como objetivo: “suprir a escolarização regular para os adolescentes e adultos que não tenham seguido ou concluído na idade própria” através de cursos e exames (Lei 5.692, artigo 22, a). O Suprimento tinha por finalidade “proporcionar, mediante repetida volta à escola, estudos de aperfeiçoamento ou atualização para os que tenham seguido o ensino regular no todo ou em parte” (Lei 5.692, artigo 24, b). A aprendizagem correspondia à formação metódica no trabalho, e ficou a cargo basicamente do SENAI e do SENAC. A qualificação foi à função encarregada da profissionalização que, sem ocupar-se com a educação geral, atenderia ao objetivo prioritário de formação de recursos humanos para o trabalho. (DI PIERRO; HADDAD, 2000, p.117).

De acordo com Di Pierro e Haddad (2000), foi recomendado que os professores do ensino supletivo tivessem uma formação específica para essa modalidade, mas a princípio foram aproveitados os professores do Ensino Regular para ministrar as aulas.

O Ensino Supletivo surgiu como uma grande oportunidade para a população brasileira, porém o governo não investiu suficientemente para suprir a demanda, deixando de garantir gratuidade e vagas suficientes para todos e consequentemente abrindo “brechas” para o ensino privado assumir a responsabilidade.

Os estados brasileiros foram encarregados de regulamentar o Ensino Supletivo em seus respectivos estados, ocasionando diversidade na nomenclatura do ensino e na maioria das vezes os estados deixavam de privilegiar a oferta de turmas de alfabetização para jovens e adultos.

Em 1972, acontece a III Conferência Internacional de Educação de Adultos em Tóquio convocada pela UNESCO, onde foi discutida a educação de jovens e adultos do Brasil analisando as iniciativas educacionais do governo no país, a qual o Brasil ainda passava pelo

Período Militar e a maioria dos movimentos voltados para a educação de jovens e adultos e educação popular foram extintos.

Fim do período militar

Em 1985, com o fim do Regime Militar assume a Presidência da República José Sarney, esse novo período no Brasil representa a democratização nas relações civis. No mesmo ano de 1985 o MOBRAL foi substituído pela Fundação Nacional para Educação de Jovens e Adultos – Educar, herdando os funcionários, estrutura burocrática, concepções e práticas pedagógicas do MOBRAL. A Educar assumiu junto ao MEC a responsabilidade de articular, em conjunto, o subsistema de ensino supletivo, a política nacional de educação de jovens e adultos, promover a formação e o aperfeiçoamento dos educadores, produzir material didático, supervisionar e avaliar as atividades.

Em 1988, foi promulgado a Lei da Constituição Federal consagrado no Artigo 208 à responsabilidade dos estados e municípios a ofertar aos jovens e adultos o direito a educação pública, gratuita e universal. Além dessa garantia constitucional, as disposições da Carta Magna estabeleceram um prazo de dez anos durante os quais os governos e a sociedade civil deveriam concentrar esforços para a erradicação do analfabetismo e a universalização do ensino fundamental.

Em 1990, assume a presidência do Brasil Fernando Collor de Melo e em seu governo a Fundação Educar é extinta, devido ajustes das contas públicas e controle da inflação.

Fernando Henrique Cardoso é eleito em 1994 para a Presidência do Brasil e reeleito em 1998, e em seu governo é aprovado à emenda constituição da nova Lei de Diretrizes e Bases de 1996 que reafirma o direito dos jovens e adultos ao ensino básico adequado às suas condições peculiares de estudo, e o dever do poder público em oferecê-lo gratuitamente na forma de cursos e exames supletivos.

O ensino supletivo é ofertado para os jovens a partir dos 15 anos de idade para o ensino fundamental e a partir dos 18 anos para o ensino médio. Com a nova Lei da LDB é suprimido a distinção entre ensino regular e supletivo, integrando organicamente a educação de jovens e adultos ao ensino básico comum.

É aprovada a Emenda constitucional nº 14, de 12 de setembro de 1996, modificando os artigos 34, 208, 211 e 212 da Constituição Federal, a emenda desobriga o governo federal de cumprir as disposições do artigo da Constituição Federal de 1988 em que prometia a sociedade a erradicar o analfabetismo e universalizar o ensino fundamental até 1998.

A nova redação ao art. 60 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias criou, em cada um dos estados, o Fundo de Desenvolvimento do Ensino Fundamental e Valorização do Magistério (FUNDEF), de natureza contábil, o Fundo seria constituído de pelo menos, quinze por cento dos recursos públicos vinculados a educação que seria distribuída entre cada Estado e seus Municípios, proporcionalmente ao número de alunos nas respectivas redes de ensino.

A lei obrigou Estados e Municípios a implementar um plano de carreira ao Magistério, aplicando uma proporção não inferior a sessenta por cento dos recursos de cada Fundo ao pagamento dos professores do ensino fundamental em efetivo exercício no magistério. Os Municípios ficariam responsáveis pelo ensino fundamental, os Estados pelo ensino médio e a União responsável pelo ensino superior.

Criado em 1997, o Programa Alfabetização Solidária (PAS) era coordenado pelo Conselho da Comunidade Solidária com o objetivo de estimular um movimento nacional para reduzir os índices de analfabetismo no país. O programa era destinado principalmente para os jovens, aos municípios e às periferias em que se encontram os maiores índices de analfabetismo.

De 2002 a 2016: conjuntura atual da EJA

Durante o segundo semestre de 2002 o PAS passou a se chamar Associação Solidária (AlfaSol) e ser uma Organização Não Governamental – ONG. O AlfaSol continua atuando na alfabetização de jovens e adultos e em municípios brasileiros com os maiores índices de analfabetismo, indicados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) mais baixos (ou bolsões de pobreza de municípios de IDH médio e alto), com o objetivo de reduzir o analfabetismo no país.

Em 1998, o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (PRONERA) criado com a parceria do governo federal, universidades brasileiras e os movimentos sociais do campo que tinha como objetivo alfabetizar os trabalhadores rurais em que se encontra em analfabetismo absoluto.

Assume a Presidência do Brasil Luis Inácio Lula da Silva (2003 a 2010), em seu governo foi criado o Programa Brasil Alfabetizado voltado para a alfabetização de jovens, adultos e idosos e posteriormente foram desenvolvidos mais Programa para a modalidade da EJA.

Em 2005, é criado o Programa Nacional de Inclusão do Jovem (PROJOVEM) que está voltado ao jovem de 18 a 24 anos, com escolaridade superior a 4ª série (atualmente o 5º ano), mas que não tenha concluído o ensino fundamental e que não tenha vínculo formal de trabalho.

Em 2006, cria-se o Programa de Integração da Educação Profissional ao Ensino Médio para Jovens e Adultos (PROEJA) voltado à educação profissional técnica em nível de ensino médio.

Em 2011, é criado o Programa Nacional de Acesso ao Ensino técnico e Emprego (PRONATEC) no qual busca ampliar as oportunidades educacionais e de formação profissional qualificada aos jovens, trabalhadores e beneficiários de programas de transferência de renda.

Em 2016, é criado o PRONTAEC EJA com o objetivo de atender estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Trata-se de uma estratégia para ampliar a qualidade da educação para jovens e adultos que não tiveram oportunidade de concluir os estudos na idade própria. Os cursos da EJA são organizados de maneira a contemplar os conhecimentos advindos do mundo do trabalho e das experiências de vida dos estudantes, por meio de reconhecimento de saberes, na perspectiva de garantir o direito à educação ao longo da vida.

Atualmente (2016), houve algumas modificações ao PROJOVEM, no momento atual o projeto se chama PROJOVEM URBANO – NOVO que tem como objetivo elevar a escolaridade de jovens com idade entre 18 e 29 anos, que saibam ler e escrever e não tenham concluído o ensino fundamental, visando à conclusão desta etapa por meio da modalidade de Educação de Jovens e Adultos integrada à qualificação profissional e o desenvolvimento de ações comunitárias com exercício da cidadania, na forma de curso.

O Brasil já deu grandes passos ao longo da história nas questões que se referem à alfabetização de jovens e adultos, embora o Brasil ainda permaneça dentro da escala dos países com maior taxa de analfabetos. E o problema, é que o adulto que procura a escola não quer apenas aprender a ler e a escrever, ele busca um espaço de sociabilidade, de construção social e de construção de conhecimento.

A seguir, serão apresentadas algumas concepções sobre alfabetização e letramento.

2. Concepções sobre alfabetização

É importante definir o conceito de alfabetização e letramento, pois possuem conceitos diferentes, porém indissociáveis. Segundo Soares (2000) a alfabetização passou historicamente por mudanças, até a década de 40 o formulário do Censo considerava analfabeto aquele que não conseguia escrever o seu próprio nome e somente a partir dos anos 40 era classificado como analfabeto aquele que não sabia escrever e nem ler um pequeno bilhete simples. Para Soares (2000), ser alfabetizado é viver na condição ou estado de quem sabe ler e escrever, mas não necessariamente que este alfabetizado seja letrado.

De acordo com Klriman e Signorini (2001) alfabetização é o processo de aquisição do código da escrita e da leitura. Portanto, tornar-se alfabetizado é ter domínio da escrita alfabética e da leitura, pois é necessário ser alfabetizado para tornar de fato um cidadão letrado. O ideal seria alfabetizar letrando, ou seja, ensinar a ler e escrever no contexto das práticas sociais da leitura e da escrita pra que o indivíduo se torne, ao mesmo tempo, alfabetizado e letrado.

De acordo com Pinto (2010, p. 89) “o ato de ler e escrever em si constitui uma habilidade lúdica, um jogo de decifração, um reconhecimento de sinais gráficos arbitrários, e só ganha valor pelo conteúdo de saber real que permite adquirir”, pois a simples alfabetização constitui um jogo sem finalidades se não usada em sociedade. A alfabetização não se trata de um mero processo de uma técnica da escrita e leitura, mas sim de produzir uma mudança de consciência do educando, mudança na qual a leitura é apenas um elemento. No entanto, para haver a mudança é necessário alfabetizar e letrar ao mesmo tempo.

Segundo Soares (2000), o fracasso das campanhas de alfabetização acontece por:

Contentar-se em ensinar a ler e escrever; deveriam em seguida, criar condições para que os alfabetizados passassem a ficar imersos em um ambiente de letramento, para

que pudessem entrar no mundo letrado, ou seja, num mundo em que as pessoas têm acesso a leitura e a escrita, têm acesso aos livros, revistas e jornais, têm acesso às livrarias e a biblioteca, vivem em tais condições sociais que a leitura e a escrita têm uma função pra elas e tornam-se uma necessidade e uma forma de lazer. (SOARES, 2000, p.58,59).

2.1 Concepções sobre letramento

Historicamente o conceito de letramento é recente, e surgiu por volta de 1986 no Brasil. Segundo Soares (2000, p. 45) “à medida que o analfabetismo vai sendo superado, um novo fenômeno se evidencia: não basta apenas às pessoas aprenderem a ler e a escrever”. Nesta perspectiva, as pessoas são alfabetizadas, aprendem a ler e escrever, mas não necessariamente adquirem competências para usar a escrita e a leitura nas práticas sociais, nesse cenário surge o fenômeno chamado letramento.

De acordo com Klrman e Signorini (2001), o letramento é o conjunto de práticas sociais relacionadas ao uso, à função e ao impacto da escrita na sociedade. Desta forma, o foco não está na escrita, mas em como os sujeitos usam a escrita em suas interações sociais e o que fazem com ela.

Nas escolas surge um novo conceito, o letramento escolar e para conceituá-lo a autora Soares (2000), afirma que são critérios definidos pela escola através de provas para avaliar e medir as habilidades de leitura e escrita: um contexto em geral insuficiente para responder as exigências das práticas sociais que envolvem a língua escrita fora da escola. Portanto, esse letramento escolar limita as práticas sociais que de fato os educandos deveriam fazer parte, fazendo com que tenham dificuldades na vida cotidiana e também no trabalho.

Segundo Leal, Albuquerque e Arthur (2010) muitas pessoas apresentam dificuldades ao fazer uso da leitura e escrita para finalidades corriqueiras os quais são chamadas de analfabetismo funcional, ou seja, são alfabetizadas, mas não são letradas. No entanto, alunos da Educação de Jovens e Adultos, possuem experiências de letramento e conhecimentos sobre diversos gêneros com os quais convivem, diariamente, mas não são alfabetizados, uma vez que não dominam o código da escrita e da leitura sem mediação de outra pessoa.

De acordo com Soares (2000) o indivíduo pode ser analfabeto, mas é de certa forma letrada, nesse sentido, o analfabeto não domina o código da leitura e da escrita, mas um indivíduo letrado por viver em um meio em que a leitura e escrita tem forte influência. Nesta perspectiva, o analfabeto é letrado ao fazer uso da leitura e da escrita em práticas sociais, pois

se interessa em ouvir a leitura de jornais feita por outra pessoa, pede a alguém que leiam avisos ou indicações que encontra escrito, não sabe ler, mas conhece as funções da escrita, mas usa-a através de uma pessoa alfabetizada e desta forma se inserindo no mundo do letramento.

Em outros casos, o indivíduo é alfabetizado, mas não é letrado, ou seja, sabe ler e escrever, porém não cultiva e nem exerce as práticas de leituras e de escrita, não lê livros, jornais, ou não é capaz de interpretar um texto lido e tão pouco é capaz de preencher formulários, currículos e resolver situações que envolvem a escrita e a leitura no cotidiano.

A seguir, destaco como a formação pedagógica pode influenciar no processo de alfabetização e os desafios enfrentados por aqueles que trabalham com a educação de jovens e adultos.

2.2 Formação pedagógica de alfabetizadores de jovens e adultos

De acordo com Freire (1996), ao se referir à formação dos professores diz que esta deve insistir na importância inegável sobre o contorno ecológico, social e econômico em que vivem o educando, neste sentido é imprescindível conhecer a realidade que os cercam.

De acordo com Pinto (2010, p. 45), “[...] o conteúdo da educação não está constituído somente pela “matéria” do ensino [...]”, portanto, o conteúdo vai além de se prender somente na matéria, assim o conteúdo abrange o professor, o aluno, a escola e tudo aquilo que seja pertinente a sua realidade. Os conteúdos de ensino são resultados de uma metodologia dialógica entre professor e aluno, pois não há docência sem discência, já que quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender.

Para Freire (1996, p. 23), “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção”, pois o importante não é transmitir conteúdos específicos, mas despertar uma nova forma de relação com a experiência vivida. A transmissão de conteúdos estruturados fora do contexto social do educando é considerada “invasão cultural” ou “depósito de informações” porque não emerge do saber popular.

Portanto, antes de qualquer coisa, é preciso que o professor conheça o aluno. Conhecê-lo enquanto indivíduo inserido num contexto social, partindo do conhecimento do aluno para extrair “conteúdos” a serem trabalhados. Para que as dificuldades dos alunos que estão sendo alfabetizados sejam supridas, o professor tem que partir da realidade do aluno, pois a primeira leitura que o sujeito faz é a leitura do mundo. É evidente que o aluno da Educação de Jovens e

Adultos quando decide voltar a estudar, traz consigo descobertas e concepções que precisam ser estudadas e evidenciadas dentro do processo de ensino/aprendizagem.

Nesta perspectiva, o educador deve buscar informações pessoais, econômicas e sociais dos educandos. Essas informações são importantes para que o professor trace o perfil dos alunos fazendo o seu planejamento das aulas dentro desta realidade.

Freire (1996), defende a ideia de que não há ensino sem pesquisa e nem pesquisa sem ensino, pois o professor deve se perceber e se assumir como pesquisador, uma vez que a pesquisa é uma ferramenta para conhecer o desconhecido e aperfeiçoar-se em suas práticas tornando-se e despertando o senso crítico dos alunos.

Segundo Pinto (2010), o verdadeiro educador do educador é a sociedade num processo sem fim, pois sua ação deve ser exercida sempre no tempo histórico, por isso que a ação do professor deve estar em constante mudança de acordo com os interesses gerais de tal momento. No entanto, grande parte dos educadores representa, de maneira geral, um fator de inércia, pois suas práticas se tornam pouco rentáveis por não adaptar as novas exigências da realidade.

Tal fato acontece por faltar aos educadores à noção crítica de seu papel e muitas das vezes sua preparação tem sido realizada para uma função regular em um ambiente estável, no entanto, a sociedade está em constante mudança e precisa de profissionais capazes de acompanhar as transformações. Diante disso, é necessário que educadores sejam preparados para se converterem em forças atuantes do desenvolvimento econômico e cultural da sociedade, além de despertar o conceito crítico do seu papel na sociedade, da educação e da realidade em geral.

Klriman e Signorini (2001), destacam que um professor bem formado consegue manter o aluno na escola e torná-lo um sujeito letrado, mesmo quando as condições para as realizações das tarefas sejam precárias. No entanto, um professor mal preparado que não esteja consciente do seu papel político na alfabetização de jovens e adultos que mesmo inserido num ambiente que forneçam condições necessárias para realização de suas atividades, continuará a dar aula em que acabam por excluir os alunos.

O professor é de total importância para a permanência e o aproveitamento do aluno, pois através do seu envolvimento, do seu grau de preparação e sua flexibilidade de mudar seu planejamento de acordo com as especificidades dos alunos tornarão satisfatórios os resultados no processo de alfabetização. A escola pode ser um local de descobertas, incentivos e aprimoramentos pessoais, visando, principalmente, o desenvolvimento intelectual da autonomia, criando sujeitos ativos dentro da sociedade.

Segundo Freire (1996), o professor que não leva a sério a sua formação, que não estuda e que não se esforça para estar à altura para coordenar a classe, terá fracassos em sua docência. O profissional incompetente perde toda a autoridade frente aos alunos.

A sala de aula deve ser um ambiente de letramento, uma prática em que os alunos usam socialmente o código da leitura e escrita e que a prática destes torne uma função relevante para o seu cotidiano. Klriman e Signorini (2001), afirmam que quando o aluno sabe meramente ler e escrever há um fracasso na aquisição de práticas letradas legitimadas pela sociedade.

A prática de ensino voltada para a educação de jovens e adultos devem ser diferenciada do ensino regular correspondente. Segundo Klriman e Signorini (2001), os jovens e adultos que retornam à escola para complementar seus estudos, ou serem alfabetizados, têm experiências de vidas e objetivos marcadamente distintos daqueles que se encontra em idade regular de escolarização. Portanto, as especificidades dos alunos desta modalidade de ensino devem ser levadas em consideração e ser trabalhada de forma eficaz pelo o professor.

Segundo Freire (1996), o professor deve respeitar a curiosidade do aluno, o seu gosto ético, a sua inquietude, a sua linguagem, a sua autonomia, sua identidade e na prática, procurar a coerência a estes saberes. O professor deve respeitar os saberes que alunos trazem consigo para a escola, pois não há saber menos ou saber mais, há saberes diferentes que devem ser respeitados, pois a verdadeira prática docente é profundamente formadora, por isso então, ética.

É de suma importância que o professor discuta temas pertinentes à realidade do aluno, fazendo conexões entre as disciplinas e suas relações culturais, econômicas e sociais, tais atitudes são primordiais para prender a atenção do aluno, pois torna o aprendizado mais atraente, despertando o seu interesse, e fazendo com que descubra na educação um verdadeiro significado, um poder transformador da sociedade e de sua própria vida.

Pinto (2010, p. 58) afirma que “a principal tarefa do educador dotado da consciência crítica seja o incessante combate a todas as formas de alienação que afetam a sua sociedade [...]”, desta forma, a educação não alienada serve de desenvolvimento para a sociedade e de transformação para a vida do homem.

De acordo com Freire (1996), o professor é um ser inacabado que está constantemente em busca de conhecimento e o ideal é que na experiência educativa, educadores e educandos, juntos caminhem na busca do conhecimento. Nesse processo de caminharem juntos,

educadores e educandos, o professor exercita a capacidade de aprender e de ensinar sujeitos e não objetos do processo.

Para Pinto (2010, p. 51), “a preparação do professor é permanente e não se confunde com a aquisição de um tesouro de conhecimentos que lhe cabe transmitir aos seus discípulos”, desse modo, os conhecimentos são construídos diariamente entre professores e alunos. O autor defende a tese de que a capacitação do educador é dividida em duas vias: a primeira via é externa, representada por cursos de aperfeiçoamento, seminários, leituras e etc.; e a segunda via é interior, que é a indagação que cada professor se submete, relativa ao seu papel social.

Nesta perspectiva, o progresso do educador, não consiste somente em novos conhecimentos, mas muito mais da sua consciência como servidor social e do seu papel como interlocutor no diálogo da educação.

A seguir, será abordado sobre a ação pedagógica do professor e suas contribuições para o processo de alfabetização dos alunos da Educação de Jovens e Adultos.

2.3 Ação pedagógica do professor e suas contribuições para o processo de alfabetização e letramento

A alfabetização é uma das etapas mais relevantes e desafiadoras da jornada escolar e é um processo contínuo e gradativo. A alfabetização consiste no processo de ensinar crianças, jovens ou adultos a ler e escrever e o letramento é o resultado desta ação.

Não basta apenas codificar e decodificar, é preciso que o aluno desenvolva sua capacidade de interpretar, compreender e assimilar o conteúdo escrito. Nessa perspectiva, a efetividade da alfabetização e do letramento acontece quando o aluno exerce e interpreta as práticas sociais da leitura e da escrita no cotidiano. Estar alfabetizado e letrado nessa concepção ampla é poder utilizar o caixa eletrônico, pegar um ônibus, resolver as situações do dia a dia sem precisar consultar alguém.

Assim, a alfabetização e o letramento se desenvolvem de acordo com a dinâmica das relações existentes dentro e fora da sala de aula, vinculados à vida dos alunos, ou seja, estão sempre aprendendo em qualquer espaço que estejam. Pinto (2010, p. 103), assegura que “nas sociedades iletradas não existe saber graficamente conservado pela

escrita, e, contudo, há transmissão de conhecimento pela prática social, pela via oral e, portanto, há educação”.

Segundo Rocha e Souza (2013), as atividades envolvendo leitura devem ser feita pelo professor desde o início da alfabetização, pois fortalece a curiosidade dos educandos a descobrirem o que está escrito em todos os lugares e desta forma, os educandos terão a oportunidade de associar aquilo que estão aprendendo em sala de aula com aquilo que veem no seu cotidiano.

De acordo com Klriman e Signorini (2001), o trabalho do professor em sala de aula é ensinar a leitura numa concepção com funções sociais ampliadas a fim de possibilitar a autonomia, a aprendizagem independente e o desenvolvimento dos alunos, por meio de textos com temas abertos para permitir a inserção e a discussão de forma de conhecimento e de ação alternativa.

Ainda seguindo o pensamento de Klriman e Signorini (2001), o papel da escola não é apenas o de ensinar aquilo que o aluno precisa, mas também o de criar novas necessidades que lhe permitam ter acesso a outras instituições. Nessa perspectiva, a escola é um dos principais espaços para a busca do conhecimento, e que a intervenção pedagógica do professor como um mediador do conhecimento promove aprendizagens significativas para os alunos.

Para tanto, é necessário que, durante o decorrer do ano letivo, o professor indague-se, reflita e faça ajustes sempre que necessário em suas práticas de modo a atender os desafios da alfabetização na grande diversidade da sala de aula. Isso significa “ensinar” a ler e escrever de modos diversos para alunos diferentes.

Em conformidade com Pinto (2010, p. 51), “o educador precisa possuir antes de tudo a noção crítica de seu papel, sobre as circunstâncias que a determinam e a influenciam, e sobre as finalidades de sua ação”, portanto, ao refletir sobre as ações pedagógicas no espaço da alfabetização, o professor percebe que medidas se articulam e se entrelaçam às dimensões sociais, culturais e individuais, dado que o conhecimento evolui e se transforma constantemente na sociedade.

É preciso que o educador tenha consciência e faça uma alta reflexão de suas práticas pedagógicas, pois do contrário continuaremos imersos em práticas educativas vazias e sem significado, que formam indivíduos apenas para o ideal do mercado estabelecido pela classe dominante e pessoas sem senso crítico para lutar por seus ideais na sociedade.

De acordo com Freire (1996, p. 39), “pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática”, pois cada vez que se percebem as razões por agir de uma determinada forma, mais o professor se torna capaz de compreender a necessidade de mudança, de se aperfeiçoar em sua prática docente.

Segundo Pinto (2010), a ação pedagógica do professor deve partir dos elementos que compõem a realidade autêntica do educando, seu mundo de trabalho, suas relações sociais, suas crenças, valores, gostos artísticos, gírias etc. Desta forma, os textos trabalhados surgirão dos elementos motivadores que se destacam como expressão de sua relação direta e contínua com a realidade na qual vive.

Seguindo o pensamento de Freire (1996), é fundamental que professores e alunos tenham posturas dialógicas, aberta, curiosa, indagadora e não passiva enquanto fala ou enquanto ouve. A aula ministrada pelo professor deve ser desafiadora e não uma cantiga e para que aconteça uma aula dinâmica é indispensável à curiosidade, pois é ela que faz com que aflorem dúvidas, perguntas e o querer conhecer.

Para Pinto (2010, p. 52), “a educação tem que ser uma possibilidade igual para todos, em qualidade e quantidade. Por isso, a alfabetização é apenas o início de um processo educacional que deve sempre visar aos graus mais altos do saber”. É através da educação que há mudança da condição humana daquele que adquire o saber, pois passa a ver o mundo e a si mesmo com outro ponto de vista, tornando – se um elemento transformador de seu mundo, por isso que todo movimento educacional possui consequências sociais e políticas na sociedade.

Segundo Pinto (2010):

O que compete ao educador é praticar um método de educação de adultos que dê ao aluno a oportunidade de alcançar a consciência crítica instruída de si e de seu mundo. Nestas condições ele descobrirá as causas de seu atraso cultural e material e as exprimirá segundo o grau de consciência máxima possível em sua situação. (PINTO, 2010, p. 87).

Nesta perspectiva, o método crítico visa constituir no educando uma consciência crítica de si e sua realidade, e como parte dessa consciência, surge à necessidade de alcançar um plano mais elevado do saber, o plano letrado.

Segundo Rocha e Souza (2013, p. 33), “a percepção do educador é fundamental para a escolha de bons textos, o que possibilitará uma aula reflexiva e produtiva. [...]. Um texto só tem sentido quando é lido e refletido”. As autoras confirmam que é o leitor que dá sentido a leitura, pois ao fazer a leitura envolve tudo aquilo que o constitui, sua história de vida, leituras

de outros textos, o ambiente em que vive, caso contrário, será apenas um texto. É importante que os textos trabalhados pelos educadores na educação de jovens e adultos contemplem os interesses dos alunos, que possibilitem o diálogo do saber prévio dos alunos e o saber científico.

A seguir, será abordado sobre as dificuldades de aprendizagem no processo de alfabetização e letramento que alunos da Educação de Jovens e Adultos enfrentam em sala de aula.

2.4 Dificuldades de aprendizagem no processo de alfabetização e letramento

O ponto de partida do ensino/aprendizagem do aluno deveria ser de acordo com a Klirman e Signorini (2001), a investigação do que o aluno já sabe e o que é capaz de fazer e como usar esse conhecimento para ajudá-lo a construir as novas práticas sociais que se baseiam na leitura e escrita, tornando o aluno como ponto de partida levando em consideração seus interesses, seus conhecimentos e suas experiências. Nesta perspectiva, Pinto (2010) afirma que o analfabeto não é um inculto, mas que possui o letramento de sua cultura, ou seja, mesmo que não saiba o código da leitura e escrita, possui seus saberes e consciência do seu papel social.

Se adotada uma concepção de ensino/aprendizagem que torna o aluno como ponto de partida, o professor será peça chave na descoberta e no incentivo aos novos conhecimentos dos educandos partindo das hipóteses sobre a escrita que já construiu e a função que a escrita e a leitura representa em sua vida.

De acordo com Pinto:

O adulto analfabeto é em verdade um homem culto, no sentido objetivo (não idealista) do conceito de cultura, posto que, se não fossem assim, não poderiam sobreviver. Sua instrução formal (alfabetização, escolarização) tem que se fazer sempre partindo da base cultural que possui e que reflita o estado de desconhecimento (material e cultural) da sociedade a qual pertence. (PINTO, 2010, p.66)

O educando é o sujeito da educação e nunca o objeto dela, o professor atua somente como um componente indispensável no processo de escolarização, pois a sociedade se desenvolve, se educa, se constrói, pela interação de todos os indivíduos da sociedade. O

professor deve aproveitar o conhecimento do analfabeto como ponto de partida para o desenvolvimento de novos conhecimentos.

Pinto (2010, p. 85), afirma que “o educador de adultos tem que considerar o educando não como um ser marginalizado, um caso de anomalia social, mas, ao contrário, com um produto normal da sociedade que vive”. Portanto, o professor deve considerar o educando como um ser pensante, cheio de ideias e conhecimentos, pois ao contrário o educando se sentirá inferiorizado e seu comportamento se torna retraído prejudicando o rendimento escolar ou até mesmo desistência da escola.

De acordo com Klriman e Signorini (2001), fatores como: baixa autoestima e frustrações da escolarização anterior dificultam o processo de alfabetização dos alunos. A baixa autoestima faz com que o adulto se ache incapaz de realizar as atividades propostas em sala de aula ocasionando fracasso na alfabetização. Nesse sentido, o grande desafio do alfabetizador de adultos é incentivá-los a permanecer em sala de aula e lutar por seus objetivos.

Segundo Pinto (2010), a alfabetização de adultos é um processo pedagógico qualitativamente distinto da infantil, dessa forma, não se pode reduzir o adulto à criança, tampouco se pode reduzir a criança ao adulto. Não se pode cair no erro da infantilização do adulto ao propor aos educandos métodos alienados, obtusos de alfabetização, pois adultos e crianças possuem realidade existencial diferenciada uma da outra.

Ainda seguindo o pensamento de Pinto (2010), o autor afirma que o que distingue uma modalidade da outra não é o conteúdo, os métodos, as técnicas de instruir, mas sim os motivos, os interesses, que a sociedade tem quando educa o adulto ou a criança. E que a educação dos adultos não deve ser alcançada separadamente da educação da criança, pois o adulto não irá desejar se alfabetizar se não considerar saber ao menos tanto quanto os seus filhos.

A seguir, será exposto sobre a realidade social do adulto como um ser analfabeto ou semianalfabeto, mas que possui grandes conhecimentos culturais.

2.5 A realidade social do adulto: conjuntos de conhecimentos

De acordo com Pinto (2010, p. 82), “o adulto é o membro da sociedade ao qual cabe a produção social, a direção da sociedade e a reprodução da espécie”. Neste sentido, sua situação de analfabeto ou semianalfabeto não representa um obstáculo à consciência do seu

papel social, pois na sociedade eles já estão atuando como educandos, não em forma escolarizada. A educação dos adultos é uma condição necessária para o avanço do processo educacional nas gerações infantis e juvenis.

O adulto não deve ser considerado como um “atrasado”, pois segundo Pinto (2010), o adulto possui saberes, o desenvolvimento fundamental do homem é de natureza social, faz – se pelo trabalho e pela sua vivência. O analfabeto em sua essência não é aquele que não sabe ler, mas sim aquele que não necessita saber ler para sua existência, porque se necessitasse ler para sobreviver, certamente dominaria o código da escrita e da leitura.

Para Pinto (2010, p. 96), “pode se dizer que o trabalho que alfabetiza ou analfabetiza o homem, segundo exija dele o conhecimento das letras, ou seja, de tal espécie que o dispense de conhecê – las”. Nesse sentido, o meio social em que os indivíduos estejam inseridos será crucial para fazer com que procurem a escolarização, caso contrário sentirá que não precisam.

Erros principais que educadores cometem ao trabalhar com a educação de jovens e adultos, segundo a concepção de Pinto (2010):

- Partir da concepção que alunos da educação de jovens e adultos são ignorantes de conhecimento no qual, em verdade, há considerável acervo de saberes;
- Explicar a realidade do iletrado através de conceitos imaginários, deixando assim de buscar as reais raízes que educandos se encontram inseridos;
- Apresentar recursos de baixo rendimento e de elevado valor para solucionar problemas da alfabetização;
- Despertar campanhas contra o analfabetismo, mas de forma errada, colocando o educando como um ser marginalizado ou como uma enfermidade no meio da sociedade que deve ser combatido. O que deve haver apenas é uma ação normal, constante e intensa do poder público para dar instruções, dentro de um programa de governo que começaria por atuar sobre as causas sociais do analfabetismo.

A transmissão do conhecimento por vias não letradas presume que seja pela linguagem oral/falada, a qual é aprendida no desenvolvimento social do ser humano. Pinto (2010), afirma que a linguagem falada é o fundamento de todo o conhecimento e, portanto, o analfabetismo não existe em sua totalidade, pois o homem é sempre capaz de falar seus pensamentos. O papel do educador é fazer com que o aluno consiga se expressar graficamente, através da escrita e da leitura seus pensamentos, mas esta necessidade sempre precisará da primeira ação que seria a linguagem falada de seus pensamentos.

Nesta perspectiva, o adulto ao expressar seus conhecimentos por via oral já está usando o sistema social básico da comunicação faltando apenas passar da linguagem falada à escrita. Pinto (2010, p. 105), afirma que “o adulto se torna analfabeto porque as condições materiais de sua existência lhe permitem sobreviver desta forma com um mínimo de conhecimento [...]”.

A seguir, será exposto o segundo capítulo abordando o procedimento metodológico usado durante a pesquisa.

CAPÍTULO II: PROCEDIMENTO DE PESQUISA

3. Abordagem metodológica

Para o desenvolvimento deste trabalho, optei por uma metodologia que leva em consideração os aspectos qualitativos baseados em uma pesquisa participante, realizada por meio de entrevistas semi- estruturadas, atividades e observação. Optei por esta porque, segundo Brandão (1988), a pesquisa participante refere-se, a uma:

Pesquisa da ação voltada para as necessidades básicas do indivíduo que responde especialmente as necessidades de populações que compreendem operários, camponeses, agricultores e índios – as classes mais carentes nas estruturas sociais contemporâneas – levando em conta suas aspirações e potencialidades de conhecer e agir. É a metodologia que procura incentivar o desenvolvimento autônomo (autoconfiante) a partir de bases e uma relativa independência do exterior. (BRANDÃO, 1988, p. 43)

As observações ocorreram durante o período de maio de 2016 a março de 2017, devida à greve que ocorreu durante os meses de agosto a setembro nas escolas do município, ocasionando desta forma atrasos na conclusão e conseqüentemente atrasos nas entrevistas. As atividades realizadas tiveram o objetivo de diagnosticar as possíveis dificuldades que os alunos da EJA enfrentam no processo de alfabetização e letramento.

As entrevistas aconteceram individualmente, tanto para as professoras da 1ª e 2ª etapa quanto para alunos da 1ª etapa. As entrevistas para as professoras foram baseadas em sua formação pedagógica, as dificuldades que interferem no processo de aprendizagem dos alunos e como é usado o conhecimento do aluno em sala de aula.

Para os educandos, foi questionado sobre noções de leitura e escrita, por qual motivo pararam de estudar, dificuldades que enfrentam em sala de aula e em relação à metodologia pedagógica da professora.

Estas entrevistas buscaram identificar quais as contribuições que a Educação de Jovens e Adultos traz para seus alunos, seus anseios e dificuldades. As informações coletadas algumas foram discutidas e analisadas através de gráficos.

A finalização das atividades aconteceu no período de fevereiro a março de 2017, muito dos alunos da 1ª etapa do ano de 2016 desistiram, outros continuaram na mesma série e os demais passaram para a 2ª etapa. Para a realização das atividades foram reunidos todos os alunos que permaneceram na 1ª etapa juntamente com os que passaram para a série seguinte em uma sala de aula. Todas as atividades foram organizadas de acordo com as necessidades dos alunos fazendo adaptações sempre que necessário com o objetivo de identificar as possíveis dificuldades que interferem no processo de alfabetização e letramento.

3.1 Procedimentos metodológicos

O objetivo primordial da pesquisa é identificar as possíveis dificuldades no processo de alfabetização e letramento que alunos da 1ª etapa da Educação de Jovens e Adultos enfrentam. Procedemos da hipótese de que as dificuldades que os alunos defrontam no processo de aprendizagem está intimamente ligada à metodologia do professor, além de outras situações de cunho pessoal que alunos desta modalidade enfrentam no processo de alfabetização e letramento.

O estudo foi realizado através de observações diárias, participação ativa, realização de entrevistas com duas professoras e alunos da turma da 1ª etapa. As atividades foram realizadas com o objetivo de identificar as barreiras que os alunos defrontam na alfabetização.

Ludke e André (1986), afirmam que a observação direta permite que o observador chegue mais perto dos sujeitos e na medida em que o observador acompanha as experiências diárias dos sujeitos, pode tentar compreender sua visão de mundo e suas ações. A observação participante não envolve somente a observação direta, mas todo um conjunto de técnicas metodológicas pressupondo um grande envolvimento do pesquisador com os sujeitos.

As autoras ainda acrescentam o conceito do observador como participante, o qual o papel e a identidade do pesquisador e os objetivos da pesquisa são reveladas ao grupo. Desse modo, utilizei este procedimento, sendo uma observadora participante durante todo o período.

Nesta perspectiva, Brandão (1988) menciona que o pesquisador deve esforçar-se para ser aceito pelo o grupo, mas deve ser aceito como um pesquisador que vem de fora e que em um determinado momento, irá embora. No entanto, ao decorrer de todos os meses que estive presente na escola, tanto a professora quanto os alunos se habituaram a minha presença e se lamentaram bastante com o fim da pesquisa que desenvolvi com eles.

Recorri à entrevista semi-estruturada por proporcionar uma maior articulação nos diálogos entre pesquisador, professoras e alunos. Neste sentido, a entrevista semi-estruturada possibilitou uma grande interação com os sujeitos entrevistados, desse modo foram discutidos com os sujeitos envolvidos a questão das dificuldades tanto dos alunos quanto das professoras.

De acordo com Ludke e André:

[...] nas entrevistas não totalmente estruturadas, onde não há a imposição de uma ordem rígida de questões, o entrevistador discorre sobre o tema proposto com base nas informações que ele detém e que no fundo são a verdadeira razão da entrevista. Na medida que houver um clima de estímulo e de aceitação mútua, as informações fluirão de maneira notável e autêntica. (LUDKE; ANDRÉ, 1986, p. 34).

Desse modo, optei por esse procedimento metodológico, nessa modalidade, já que a mesma proporciona uma maior interação entre os sujeitos. Nesse caso, o entrevistador, poderia se articular de uma maneira desejável à obtenção de dados que numa modalidade de uma estrutura fechada não conseguiria.

Para a análise documental, recorri às atividades feitas pelos alunos, a fim de explorar as dificuldades que estes alunos enfrentam em relação à escrita, a interpretação ao resolver atividades e se há de fato uma aprendizagem voltada para o letramento. De acordo com Ludke e André (1986), os documentos consistem em uma fonte poderosa que podem ser retiradas evidências de confirmações que fundamentam as hipóteses do pesquisador.

Para analisar os dados, recorri à análise qualitativa por buscar, segundo Alves e Silva (1992 apud Fernandes, 1991) “uma apreensão de significados na fala dos sujeitos, interligada ao contexto em que eles se inserem e delimitada pela abordagem conceitual (teoria) do pesquisador”.

A coleta de dados visou mostrar as principais dificuldades que os alunos e educadores da Educação de Jovens e Adultos enfrentam no processo de escolarização.

3.2 Local da pesquisa

A pesquisa foi realizada em uma escola municipal no bairro da Nova Marabá na cidade de Marabá – Pará no 1º segmento da Educação de Jovens e Adultos na turma da 1ª etapa, que corresponde ao primeiro e ao segundo ano do ensino fundamental (alfabetização e 1ª série).

A sala de aula escolhida para a coleta das informações contava com aproximadamente 25 alunos no início do ano letivo de 2016, sendo que foram entrevistados 5 alunos, trabalhado com entrevista semi-estruturada, sabemos que a entrevista semi-estruturada é organizada em questionários previamente preparadas, mas a maioria das perguntas geram-se à medida que a entrevista vai decorrendo, permitindo flexibilidade para aprofundar certos questionamentos.

A sala de aula no início do ano letivo de 2016 não havia exposição de materiais como: cartazes, listas, calendários, alfabetos, textos, músicas e poesia. Segundo Rocha e Souza (2013) tais materiais são necessários para que seja construído um ambiente propício para que os educandos façam associações, busquem informações e ampliem seus conhecimentos, já que só se aprende a ler lendo e só se aprende escrever, escrevendo.

No entanto, ao decorrer do tempo e aos poucos, a professora juntamente com a minha ajuda foi providenciando o alfabeto e fixação do calendário. É indispensável, um ambiente alfabetizador na sala de aula, pois de acordo com Teberosky (2003), o professor deve ser como guias do processo de alfabetização, tendo como responsabilidade criar um ambiente alfabetizador rico em materiais apropriados, levando em consideração o conhecimento do aluno.

Ao retornar para a escola no início do ano letivo de 2017 com a finalidade de concluir as atividades e entrevistas com os alunos, me deparei com a sala de aula sem o alfabeto, entretanto a professora mostrou-se preocupada com esta questão e está providenciando a colagem do alfabeto na parede, que serve de apoio para os alunos na escrita.

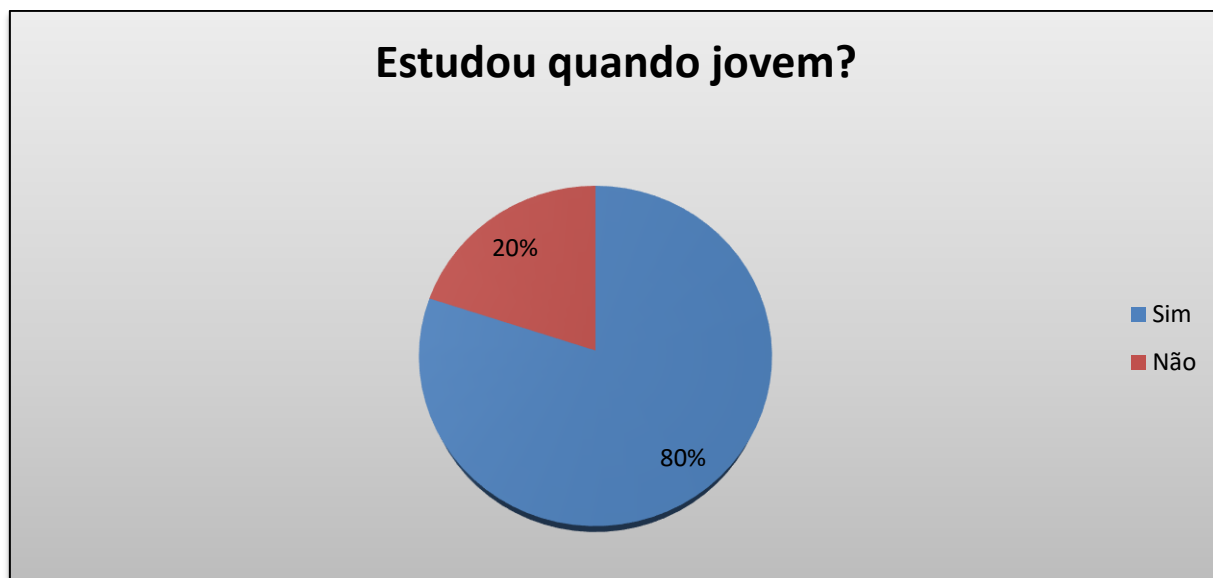
A finalização das atividades foi realizada com 6 alunos, dos quais alguns passaram para a 2ª etapa e outros permaneceram na mesma série, para que fosse executado tais atividades foi necessário reunir estes alunos em uma sala durante alguns dias da semana.

A seguir, no capítulo III serão analisadas todas as entrevistas das educadoras e alunos da 1ª etapa da Educação de Jovens e Adultos com ênfase em evidenciar as principais dificuldades tanto das educadoras quanto dos alunos em sala de aula.

CAPÍTULO III: RESULTADO E DISCUSSÃO

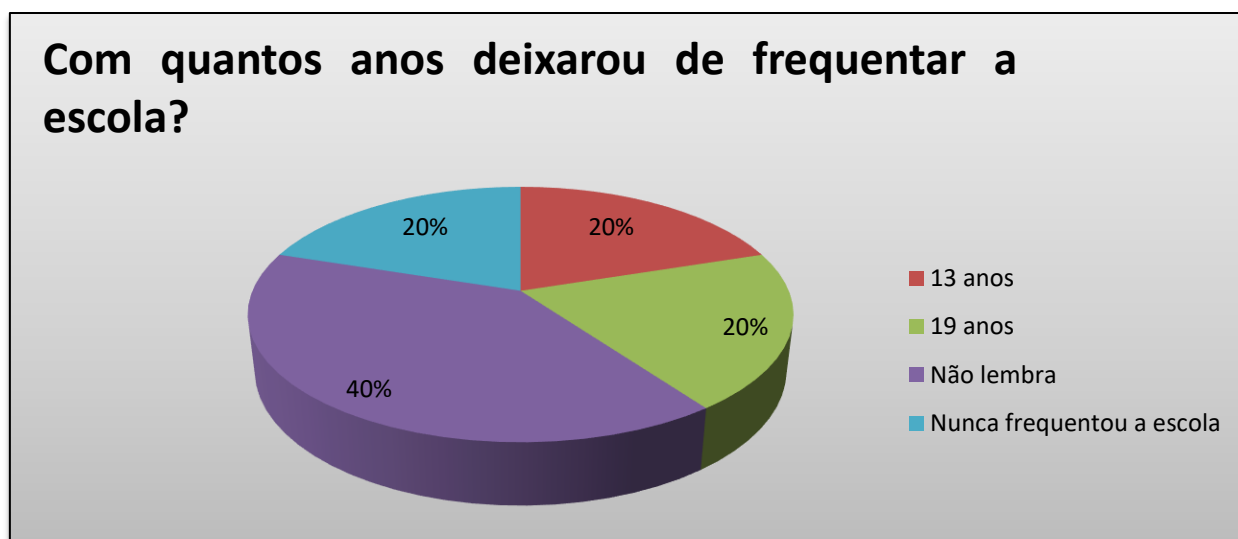
4. Análise da entrevista direcionada aos alunos

Uma das perguntas indagava se o aluno frequentou a escola quando jovem, com quantos anos deixou de estudar e os motivos. Devido à diversidade de respostas, este gráfico será demonstrado como gráfico 1 e gráfico 1.1, uma vez que se tratam das respostas deste questionamento e analisados de acordo com cada um deles.

Gráfico 1: Estudou quando jovem?

Fonte: Adriana Neves

De acordo com o gráfico 1, 80% dos alunos entrevistados responderam que estudaram quando jovens, apesar de pouco tempo, como demonstrado no gráfico a seguir, no entanto, 20% deles não estudaram, pelos motivos que serão explicados descritivamente.

Gráfico 1.1: Com quantos anos deixou de frequentar a escola?

Fonte: Adriana Neves

O gráfico 1.1 demonstra que 40% dos alunos deixaram de estudar entre as idades de 13 a 19 anos; 40% não lembram com que idade deixou de frequentar as aulas e 20% nunca frequentou a escola antes.

Quanto aos motivos por não terem frequentado a escola ou por terem interrompido os estudos, as respostas foram diversificadas, as quais serão transcritas a seguir:

- Meu pai dizia que não precisava estudar, então trabalhei na roça dos 10 aos 17 anos e só comecei a estudar em 2016 pela primeira vez aos 57 anos. (Aluno F)
- Porque era muito difícil onde eu morava lá na vila aí comecei a trabalhar desde cedo na roça com meu pai e lá comecei a estudar com 7 anos e já ajudava o meu pai na roça e não sabia se estudava ou se trabalhava. Às vezes o meu pai interferia em me deixar estudar. (Aluno C)
- Porque engravidei aí parei de estudar e depois fui cuidar de roça mais o marido, panhar arroz, quebrar milho aí pronto, parei de estudar. (Aluna E)
- Porque não me interessei mesmo quando era mais nova, mas depois que voltei a estudar estou achando muito melhor porque me desenvolvi mais. (Aluna Z)
- Por falta de interesse mesmo, eu não boto a culpa nos meus pais, eu mesmo que não me interessei por estudar. (Aluno J)

Observa-se nestes relatos que a maioria dos alunos deixou de estudar ou não frequentou a escola quando jovem, pela necessidade de trabalhar muito cedo, destacando em alguns casos que o pai intervia diretamente para não se escolarizarem, outros afirmam que deixou de estudar por falta de interesse e apenas uma aluna deixou de frequentar a escola por ter engravidado, mas o fator indispensável que merece uma discussão é a questão do analfabetismo.

De acordo com história da educação de jovens e adultos da autora Paiva (2003), o analfabetismo no Brasil só se tornou uma preocupação por parte do governo a partir de 1940, quando o país passa a apresentar altos índices de analfabetismo em âmbito internacional. Infelizmente, o Brasil ainda apresenta altos índices de analfabetismo, no entanto há uma mobilização maior nos dias atuais por parte dos governantes em prol da erradicação do analfabetismo no país.

Nessa perspectiva, encontra-se no Plano Nacional de Educação (PNE) a ementa da Lei nº 13.005/2014 com as 20 metas e estratégias do governo federal, a qual traz uma contextualização das metas com a proposta de erradicar o analfabetismo, no entanto somente as metas 9 e 10 do PNE contemplam a Educação de Jovens e Adultos. Portanto, as mesmas serão expostas para uma maior compreensão. Meta 9:

[...] encontram-se: assegurar a oferta gratuita da educação de jovens e adultos a todos os que não tiveram acesso à educação básica na idade apropriada (Estratégia 9.1); realizar diagnóstico dos jovens e adultos com ensinos fundamental e médio incompletos, para identificar a demanda ativa por vagas na educação de jovens e adultos (Estratégia 9.2); implementar ações de alfabetização de jovens e adultos com garantia de continuidade da escolarização básica (Estratégia 9.3); e assegurar a oferta de educação de jovens e adultos, nas etapas de ensino fundamental e médio, às pessoas privadas de liberdade em todos os estabelecimentos penais, assegurando-se formação específica dos professores e implementação de diretrizes nacionais em regime de colaboração (Estratégia 9.8). (PNE, 2014, pag. 35)

Ainda contextualizando a meta 9, o PNE afirma que o objetivo desta meta é a superação do analfabetismo entre jovens com 15 anos ou mais, adultos e idosos, concebendo a educação como direito, e a oferta pública da alfabetização como porta de entrada para a educação e a escolarização das pessoas ao longo de toda a vida.

Lamentavelmente, em nosso município houve algumas mudanças na educação de jovens e adultos, ocasionando fechamento de muitas escolas que ofertavam a primeira e a segunda etapa que abrangem da alfabetização ao 5ª ano (antiga 4ª série) do ensino fundamental. Deste modo, não está sendo assegurando a oferta em grande número, pois sabemos que há um número incontável de pessoas que não concluíram o ensino fundamental ou não tiveram a oportunidade de frequentar a escola quando jovem.

Nessa perspectiva, muitos jovens e adultos são obrigados a procurar escolas muito longe de suas residências, sucedendo em muitas vezes em evasão e novamente esse adulto é privado da escolarização. Portanto, compreende-se que é necessário que haja de fato uma política pública voltada para EJA, porém é preciso que não seja apenas na teoria, mas que aconteça na prática, pois é assegurado pela Constituição Federal de 1988 no artigo 205, o direito a todos à educação.

Além da Constituição Federal, existem ainda duas leis que regulamentam e complementam o direito à Educação: o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) de 1990; e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) de 1996. Juntos, estes mecanismos abrem as portas da escola pública a todos os brasileiros, já que nenhuma criança, jovem ou adulto pode deixar de estudar por falta de vaga.

Retornando as metas, é importante expor a contextualização da meta 10 que também contempla a educação de jovens e adultos que assegura:

Oferecer, no mínimo, 25% (vinte e cinco por cento) das matrículas de educação de jovens e adultos, nos ensinos fundamental e médio, na forma integrada à educação profissional. (PNE, 2014, pag. 37)

A meta 10 tem como estratégia fomentar a integração da educação de jovens e adultos com a educação profissional, em cursos planejados, de acordo com as características do público desta modalidade, incluindo a educação à distância. Deste modo, foi implantada em Marabá a modalidade de educação à distância na educação de jovens e adultos a partir da 3ª etapa, tendo aula presencial apenas duas vezes por semana.

Em outra questão, buscou saber os motivos que os incentivou a retornar à escola ou estudar pela primeira vez, as respostas foram variadas, as quais serão transcritas a seguir:

- Eu trabalhava em uma grande empresa aqui em Marabá [...] eles viram a minha capacidade eles me ofereceram um cargo de gerente, mas fui obrigado a pedir conta pra não passar vergonha. Agora mesmo quando estava em Goiânia recebi uma proposta de fiscal em uma empresa grande também, mas por causa dos estudos fui obrigado a recusar. O que me motivou foi essas propostas de emprego que recebi que fui obrigado a recusar e até hoje o pessoal das empresas não sabem por que pedi conta, mas o motivo foi o estudo que eu não sabia. (Aluno J)

- Eu mesmo pensei mesmo a voltar a estudar, já era pra muito tempo eu ter voltado, mas voltei depois dos quarenta e poucos anos. (Aluna Z)

- O que me incentivou foi uma colega que todo dia me ligava pra vim estudar, mas eu dizia que não porque trabalhava muito e não dava tempo pra estudar e falei pra

ela que quando saísse desse trabalho iria vim estudar, mas todo dia ela me ligava até que não resisti e vim [...]. (Aluna E)

- Porque deu vontade mesmo de estudar e aprender porque nunca é tarde pra gente aprender. (Aluno C)

- Eu mesmo tive a iniciativa porque depois que criei todos os meus filhos e formaram tudo, aí eu resolvi estudar [...]. (Aluno F)

Observa-se nestes depoimentos que três alunos tiveram iniciativa de procurar a escola por conta própria, um deles foi motivado a voltar a estudar em razão do emprego que estava exigindo, pois sempre que recebia uma proposta de emprego ou uma promoção se via na obrigação de recusar por falta de escolarização, pois sentia envergonhado e apenas uma aluna foi incentivada por uma colega a voltar a estudar.

Nesta questão nota-se claramente o interesse dos alunos em estudar, aprender a ler e escrever corretamente, tornando-se cidadãos participativos no mundo em que estão inseridos.

Segundo as autoras Rocha e Souza (2013), os educadores da educação de jovens e adultos trabalham com alunos que, por diferentes motivos, estiveram por um longo período fora do ambiente escolar, portanto é necessário que estes alunos sejam bem acolhidos em sala de aula, pois ao contrário, não desejarão retornar. Dessa forma, é imprescindível desenvolver diariamente práticas de acolhimento para que estes alunos se sintam incentivados a participar das aulas e se sintam motivados a retornarem no dia seguinte.

Outra questão discutida versou sobre as dificuldades encontradas ao ingressar/voltar a estudar em sala de aula e na permanência dos educandos na escola. As respostas foram diversificadas, por esse motivo serão transcritas:

- Porque as letras eu misturo muito ainda pra ler porque a gente sabendo ler, escrever é o mais fácil, então ainda misturo muito as letras. [...] tem o meu trabalho que agora estou trabalhando como segurança e assim exige muito da gente, tirando isso não tenho problemas para se manter na escola. (Aluno J)

- Matemática, a matéria que eu sou mais ruim é matemática. Na leitura eu estava indo bem. A dificuldade é que a escola é muito longe, mas estou enfrentando e faço de tudo pra vim para a aula. (Aluna Z)

- A dificuldade é em ler molde à vista, se não fosse eu lia correndo. Tem o meu trabalho, quase que eu não vinha hoje, minha patroa chegou muito tarde e a escola é muito longe. (Aluna E)
- O que tenho mais dificuldade é na leitura. Não tenho nenhuma dificuldade pra continuar na escola. (Aluno C)
- Só pra saber ler porque sei resolver contas de matemática. Não tenho nenhuma dificuldade pra continuar na escola. (Aluno F)

De acordo com as respostas dos alunos fica evidente que a maior dificuldade enfrentada por estes educando em sala de aula é em relação à leitura e escrita, com exceção de uma aluna que menciona que sua dificuldade está em aprender matemática. Uma das entrevistadas chama atenção ao relatar que o seu problema de vista atrapalha ao ler e desta forma dificulta a aprendizagem.

As dificuldades de aprendizagem dos alunos da Educação de Jovens e Adultos são diversas, então para que fossem focalizadas dividi a análise em dois eixos temáticos: leitura e escrita.

Leitura

“A minha maior vontade é ler a bíblia, jornal e conseguir ler as mensagens que recebo no celular. Sempre tenho que pedir ajuda alguém. [...] Quando eu aprender a ler ficarei muito feliz!”. (Aluno F, 57 anos)

As práticas de leitura na turma eram praticamente diárias, eu como pesquisadora participante, ficava com um grupo de alunos e a professora “M” com outro grupo a fim de ajudá-los no desenvolvimento da leitura.

Para aqueles que ainda não decifrava o código da leitura e estava no processo de descoberta das letras, foi trabalhada diariamente a fixação das letras do alfabeto. Ao decorrer do ano, alguns dos alunos conseguiram se desenvolver, porém outros permanecem sem conhecer todas as letras do alfabeto. A maior dificuldade que esse grupo enfrenta está em

reter os conhecimentos que são trabalhados em sala de aula, pois muito deles nem as letras do seu próprio nome não sabem identificar no alfabeto.

No entanto, a sala de aula também possuía outro grupo de aluno que conseguiam ler e escrever bem, dentro de suas possibilidades, mas tais alunos entraram na turma com dificuldades na leitura, alguns apenas conseguia ler soletrando e outros conseguiam ler com bastante dificuldade. Contudo, no final do ano letivo essas dificuldades foram vencidas aos poucos.

Segundo Klriman e Signorini (2001), o incentivo para a leitura está no próprio cotidiano dos alunos, e o professor deve procurar conhecê-los, pois a leitura tem funções sociais e que devem ser ampliadas, a fim de possibilitar a autonomia, a aprendizagem independente e o desenvolvimento do aluno na sociedade.

Escrita

- Eu sei escrever os nomes de todos os carros, mas não sei ler. Aprendi a escrever os nomes por causa do meu trabalho. (Aluno F, proprietário de lava jato, 57 anos).

Com o depoimento acima do aluno F, verifica-se que se trata de um educando copista: consegue copiar no caderno o que vê no quadro ou mesmo palavras que já memorizou a forma de escrever que é o caso deste aluno. Se a definição mais conhecida de analfabeto funcional é quem lê, mas não interpreta um texto, com o copista é pior: como só copia, não sabe que o "a" que escreveu, por exemplo, é um "a".

Ao decorrer das entrevistas foram questionados aos educandos se era de fácil entendimento a forma que a professora ministrava as aulas e também indagado se os mesmos achavam adequado o material (livro didático, texto xerocado e atividade) usado em sala de aula pela educadora. As respostas foram diversificadas, portanto serão transcritas seguindo a ordem das perguntas:

- É muito bom porque antes quando estudei era mais difícil, hoje acho mais fácil.
[...] Sim, até onde o meu conhecimento, até onde eu sei, acho adequado. (Aluno J)

- Sim, não tive dificuldade em compreender. [...] Eu acho bom o material, assim normal. (Aluna Z)

- É tenho um pouco de dificuldade molde a vista, mas eu compreendo o que ela explica, mas molde a vista porque o óculo não está bom não dá pra responder muito. [...] Acho que ela tem que focar na leitura pra nós vê se a gente aprende mais ler, a leitura tá muito pouco pra nós. Ela tem que focar na dificuldade que é a leitura e não perder tanto tempo em outras atividades. (Aluna E)

- Às vezes a gente entende e tem umas que a gente não entende e fica com dificuldade em entender. [...] Não acho muito não, porque tinha que ter um livro mais bom pra gente aprender pra praticar mais na leitura porque só aquele livro que ela deu pra gente não é muito bom pra praticar a leitura não. [...] Não acho não, eu acho que tem que ser praticar mais na leitura até porque a gente tá aprendendo ainda e está na primeira série e tem que praticar bastante a leitura e ela deveria focar mais um pouco na leitura. (Aluno C)

Nesta questão constata-se através dos relatos que apenas dois alunos demonstram insatisfação, pois segundo eles a educadora deveria destacar mais em suas aulas a questão da leitura, não perdendo tanto tempo em outras atividades. Um dos educandos destaca em sua fala que o livro utilizado não é adequado para a leitura e cita em vários momentos que em algumas situações não compreende o conteúdo explicado, mas afirma que quando essa situação acontece à educadora explica novamente.

Outra aluna acrescenta que entende as atividades, porém o que dificulta a sua aprendizagem é por ter problema na visão e usar um óculo inadequado para sua necessidade. Os demais entrevistados mostram-se satisfeitos tanto com a metodologia quanto com os materiais utilizados pela educadora.

Nessa perspectiva, as autoras Kleiman e Signorini (2001) abordam sobre a importância da leitura:

Sabemos que a leitura, a qual significa reflexão sobre as coisas do mundo, fonte de questionamentos e respostas, está intimamente ligada à cidadania. É justamente a leitura engajada a que permite a emergência do sujeito questionador dos acontecimentos, participante e crítico, resultando na melhor compreensão dos fatos do mundo, fazendo com que o cidadão posicione-se nele. (KLEIMAN; SIGNORINI, 2001, p. 151).

Nota-se nesses relatos que os educandos têm pressa em aprender a ler, no qual fica evidente que este é o principal objetivo e a maior expectativa dos alunos perante a escola e a educadora.

Posteriormente, buscou-se saber se o que os alunos aprendem em sala de aula é usado no cotidiano, para análise será transcrito os relatos abaixo:

- Tem coisas que a gente utiliza no dia a dia, como tratar as pessoas é uma das coisas. (Aluno C)

- Sim, utilizo. Leio a bíblia que ganhei esses dias, o pessoal tão querendo que vou ser crente, mas aí eu não tenho muito leitura até o homem lá ficou sorrindo de mim porque ele me deu a bíblia pra ler e eu disse que não sabia ler [...]. (Aluna E)

- Sim, utilizo quando vou ao supermercado comprar alguma coisa e ir em uma loja, então me desenvolvi mais. (Aluna Z)

- Sim, utilizo. Uso conhecimento no dia a dia o pouco que aprendi tendo usar durante o dia. (Aluno J)

Observa-se nesses relatos que todos dizem usar o que aprende na escola no seu dia a dia, no entanto, duas alunas em especial relatam usar seu conhecimento ao fazer compras no supermercado, comprar em lojas e em casa ler a bíblia. Fica evidente especificamente no relato destas duas alunas, que as mesmas fazem o uso do letramento, pois o letramento de acordo com Soares (2004, p. 97), são “[...] comportamentos e práticas de uso do sistema de escrita, em situações sociais em que a leitura e/ ou a escrita estejam envolvidas”.

É importante salientar da importância de alfabetizar letrando, pois a alfabetização e o letramento devem caminhar lado a lado durante o processo de aprendizagem, uma vez que, de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), o ensino da linguagem deve abordar três aspectos fundamentais: leitura, interpretação e escrita. É importante alfabetizar letrando para que os educandos sejam inseridos no contexto cultural da sociedade, que está fundamentalmente relacionado à leitura. Durante o processo de ensino/aprendizagem o papel dos educadores é essencial, pois eles irão atuar como agentes facilitadores ao incentivar e guiar o aluno ao longo de sua vida escolar.

4.1 Análise dos perfis da formação pedagógica das professoras que contribuíram com a pesquisa

Quadro 1: Perfil das professoras

Identificação	Formação	Pós-graduação	Anos de atuação na EJA
Professora “M”	Graduada em Pedagogia	Mestrado em Ciências da Educação	6 anos
Professora “J”	Graduada em Pedagogia e Educação Física	Não possui	5 anos

Fonte: Adriana Neves

Constata – se através do quadro 1, que as professoras entrevistadas não possuem especialização direcionada para trabalhar com a Educação de Jovens e Adultos e que as mesmas trabalham nesta modalidade, há pelo menos, 6 anos. As professoras declararam, também, participar de cursos de aperfeiçoamento pela Secretaria de Educação do Município de Marabá/Pará, mas dando ênfase que em 2016 não tiveram formação para professores devido à gestão municipal.

Voltando um pouco na história da Educação de Jovens e Adultos, percebe-se através dos autores Di Pierro e Haddad (2000), que em 1972 foi criado o ensino supletivo (atualmente conhecido como EJA), nos quais os documentos da época e a legislação recomendavam:

[...] que os professores do ensino supletivo recebessem formação específica para essa modalidade de ensino, aproveitando-se para tanto os estudos e pesquisas que seriam desenvolvidos. Enquanto isso não fossem realizado, deveriam aproveitar os professores do ensino regular que, mediante cursos de aperfeiçoamento seriam adaptados ao Ensino Supletivo”. (DI PIERRO; HADDAD, 2000, p. 117)

Verifica-se que através do quadro 1 ao relacionar com a citação, que mesmo passado 45 anos após a criação do ensino supletivo, ainda ocorre esse aproveitamento dos professores do ensino regular para ministrar aulas para a educação de jovens e adultos, sem ao menos ter uma especialização para atuar nesta modalidade de ensino. Lamentavelmente, até a formação

de professores segundo as falas destas profissionais não ocorreu em 2016, ao indagar a professora “M” como estava “se virando” sem formação continuada, a mesma responde que o jeito é sentar e pesquisar sozinha para desenvolver a aula.

De acordo com Rocha e Souza (2013) os cursos superiores e profissionalizantes oferecem as bases necessárias para o exercício profissional. No entanto, esses conhecimentos não são suficientes para os desafios encontrados em sala de aula. Como todo bom profissional, é importante refletir sobre suas práticas e buscar outras formas de se aprimorar em seu exercício enquanto profissional. Aliando a curiosidade, pesquisa e estudo, desta forma o educador ampliará seus conhecimentos e aprimorará suas práticas.

4.2 Análise das entrevistas direcionada as professoras

Foram realizadas entrevistas com duas professoras que atuam com a EJA, uma trabalha com a 1ª etapa e a outra na 2ª etapa. Esta análise busca compreensão a respeito da Educação de Jovens e Adultos com enfoque nas dificuldades que educadores e educandos enfrentam no processo de alfabetização e letramento.

Foi indagado as educadoras, se o trabalho desenvolvido na sala de aula leva em consideração o conhecimento que o aluno já possui, as respostas serão transcritas abaixo.

- Sim, é importantíssima essa questão da gente usar o conhecimento do aluno porque a gente não é o detentor do conhecimento, eles sempre têm algo que a gente possa estar aproveitando sim, as histórias de vida, aqueles momentos de diálogo entre eles e é muito bem aceito entre eles trabalhar a oralidade contando a própria história de vida deles. (Professora “J” da 2ª etapa)

- Geralmente a gente traz um texto e faz uma roda de conversa, e aí a gente vai perguntando, conversando e eles vão falando da realidade deles, porque não estudaram o que aconteceu, é um riquíssimo trabalho. (Professora “M” da 1ª etapa).

Pinto (2010) cita:

O adulto analfabeto é em verdade um homem culto, no sentido objetivo (não idealista) [...]. Sua instrução formal (alfabetização, escolarização) tem que se fazer

sempre partindo da base cultural que possui e que reflita o estado de desconhecimento (material e cultural) da sociedade à qual pertence. (PINTO, 2010, p. 66)

É pertinente citar as autoras Rocha e Souza (2013), para relacionar com a fala da professora “M” quando menciona fazer em suas aulas roda de conversa com seus alunos, pois as autoras defendem a importância de promover rodas de conversa em sala de aula, em que discutiam e exponham seus conhecimentos. Com isso, se amplia os conhecimentos e da consciência crítica dos educandos sobre os problemas sociais com base em suas experiências. Deve-se estimular o diálogo e a reflexão e valorizar a história e os saberes dos alunos para que estes se sintam fazendo parte de um grupo.

Durante o período letivo de 2016, a professora “M” ao menos uma vez por semana fazia roda de conversa, onde eram discutidas notícias dos acontecimentos da cidade e cada qual falava o seu ponto de vista, às vezes eram levados pela educadora jornais ou revistas para que cada um lesse, dentro de suas possibilidades, para aqueles que não havia desenvolvido a leitura teria que ler as mensagens que as ilustrações transmitiam. Todos se sentiam bastante desinibidos para colocar sua opinião e ler quando solicitado.

Foi questionado as educadoras, quais as dificuldades que os alunos da EJA enfrentam em sala de aula, abaixo serão transcritas.

- O que eu observo no decorrer do ano é a questão da visão, os alunos tem muita dificuldade de enxergar as letras e assim, nós também tem muita dificuldade de imprimir, porque tem vez que tem tinta na impressora, tem vez que falta folhas e a gente tem que se virar, escrever de pincel [...], mas assim, não tem nenhum programa que ajude na questão do óculos, da consulta no oftalmologista, esses é um dos problemas que mais se vê na educação de jovens e adultos. (Professora “M”)

- Eu acredito que seja mesmo a aprendizagem porque assim, como são a maioria deles pessoas de idade mais elevada e eles acabam ficando um pouco desacreditados, às vezes eles estão até se apropriando do conhecimento, mas não querem acreditar que estão conseguindo escrever e que estão conseguindo a ler, eles tem essa dificuldade de acreditar em si. A gente sempre tem que estar incentivando para que eles possam acreditar neles que eles são capazes. (Professora “J”)

Observa-se que as respostas foram distintas, a professora “M” relata que, o que impede dos alunos se desenvolvam é a questão do problema de visão que a maioria dos alunos da EJA possui por serem pessoas de idade elevadas, por outro lado, a outra educadora cita que os alunos por serem já de idade avançada são desacreditados e desta forma dificulta o aprendizagem, a mesma ainda acrescenta que é necessário que professores sempre incentivem os alunos a acreditarem em si.

A professora “M” ao ser questionada sobre a sua ação para ajudar os alunos a superar as dificuldades de aprendizagem, a mesma responde que faz uso de:

- Atividades diversificadas, a gente tenta buscar atividades de acordo com os conhecimentos dos alunos, textos, atividades direcionada a aquela faixa etária, assim, eles tem conhecimentos muito vasto de vida, a dificuldade mesmo é de conhecer as letras e de leituras. (Professora “M”)

Neste relato constata o trabalho desenvolvido pela a professora e demonstra sempre buscar materiais de acordo com as dificuldades de seus alunos, além de reconhecer que estes educandos possuem grandes conhecimentos que adquiriram em sua vivência diária e que os mesmos precisam de um conhecimento escolarizado para que façam com que estes alunos usem o código da escrita e da leitura em suas práticas sociais.

O papel do professor da EJA é determinante para evitar situações de fracasso escolar. Um caminho seguro para diminuir esses sentimentos de insegurança por parte dos educandos é valorizar os saberes que os alunos trazem para a sala de aula, além de incentivarem a batalharem por seus objetivos e fazê-los acreditar que são capazes de realizá-los.

Em outra questão foi indagado sobre as dificuldades que estas educadoras enfrentam como professoras da EJA, portanto as respostas estão transcritas abaixo para serem analisadas posteriormente.

- Manter os alunos com o mesmo foco do inicio do ano até o final do ano, porque a maioria deles são pessoas de idade, pessoas que trabalham, pessoas que às vezes tem que se deslocar de um município pra outro município e agente acaba muitas das vezes perdendo alguns alunos. (Professora “J”)

- Os desafios que nós encontramos é o seguinte, nós não temos formação, não temos hora pedagógica reservada, exclusivamente pra nós, nós não temos um professor pra substituir a gente na hora de fazer as formações, quando tinha formação os alunos ficavam sem aula. A gente encontra desafio de sala de aula, sem luz, sem energia, sem ar condicionado, é no calor fica mudando de sala, a direção também não ajuda muito nos momentos, e para você desenvolver um bom trabalho você tem que ser um professor bem responsável, tem que buscar, inovar, trazer aulas inovadoras. Eu faço de tudo para que eles não vão embora, eu levo eles para sala de recursos. A gente sempre tá buscando para ver se eles não desistem. (Professora “M”)

Percebe-se nestes relatos que são inúmeras dificuldades enfrentadas por estas educadoras na EJA, mas que nenhuma se desmotiva e procura sempre meios para ajudar seus alunos no processo de aprendizagem. Fica evidente na fala da professora “M” os problemas de estrutura física que a escola possui que afetam diretamente o desenvolvimento eficaz de uma aula.

Outra questão versou sobre se a formação e a metodologia do professor podem influenciar no desenvolvimento de aprendizagem dos alunos além de propiciar evasão, as respostas das educadoras serão transcritas.

- Muito! Se o professor não estiver a capacidade de diversificar atividades do dia a dia, no decorrer do mês ela perde todos seus alunos, professor tem que ter estratégias, mesmo sem formação, sem conhecimento, sem essa preparação o professor tem que ser muito esperto se não ele encerra o ano sem nenhum aluno em sala de aula. (Professora “M”)

- Eu como professora e há cinco anos que estou aqui, eu não acredito que eu tenha contribuído pra isso porque são pessoas que a gente observa pela própria fala deles que graças a Deus sou bem querida entre os alunos [...]. É interessante discutir sobre esse assunto, porque cada educador tem uma visão, mas aqui entre nós colegas discutimos muito nas nossas reuniões na questão da gente manter os nossos alunos em sala, é uma coisa que a gente sempre está batendo na tecla, meios para incentivar a questão da arte, da cultura dentro da escola, então assim, nós temos que ter a preocupação de manter a nossa carga horária, pois se a gente fizer com que o nosso aluno se afaste da escola nós também estamos perdendo o nosso trabalho. (Professora “J”)

Percebe-se nestas falas que as educadoras sabem que a metodologia do professor podem provocar evasão escolar e um déficit na aprendizagem destes alunos. Freire (1996), salienta que o professor deve estar atento as leituras que os alunos fazem de suas ações enquanto educador. Precisa compreender a significação de um silêncio, de um sorriso ou de uma retirada de sala.

O espaço pedagógico é um texto para ser constantemente “lido”, interpretado, “escrito” e “rescrito”. Neste sentido, quanto mais solidariedade exista entre o educador e educandos no “trato” deste espaço, tanto mais possibilidades de aprendizagem democrática se abrem na escola. (FREIRE, 1996, p. 97)

4.3 Prática pedagógica do professor

Para análise da prática pedagógica, procederei somente das práticas de letramento e alfabetização utilizadas pela professora “M” da 1ª Etapa da EJA. Durante as observações e participação, percebi que a educadora deve atentar para trabalhar atividades que fazem parte do contexto social do aluno, por essa razão é importante conhecer a história de vida dos educandos, levando em consideração os conhecimentos que já possuem e desenvolver tarefas que contemplem os saberes e suprindo desta forma as dificuldades destes alunos.

A educadora trabalha 3 turnos, sendo manhã e tarde com a educação infantil e o período noturno com a educação de jovens e adultos, percebe-se que há uma sobrecarga de trabalho, impossibilitando que a mesma tenha tempo suficiente para planejar as aulas. Desta forma, dificulta uma prática de letramento e alfabetização com excelência.

No final do ano letivo de 2016, muitos alunos desistiram de frequentar as aulas, e os que permaneceram apenas 5 passaram para a série seguinte e o outros, pouco avançaram na escrita e na leitura. Os alunos da EJA, quando ingressam em uma turma de alfabetização, desejam efetivamente aprender a ler e escrever de forma autônoma.

Para isso, diante dos conhecimentos que possuem, eles querem perceber que, ao longo do ano, estão conseguindo compreender o que significa aquele conjunto de letras e que com essas letras juntas, podem formar palavras. Caso eles não percebam que está havendo uma

evolução de conhecimento e suprimindo as expectativas perante a escola, os alunos acabam desistindo da escolarização.

Trabalhar com a educação de jovens e adultos, é saber acolhê-los, pois se não se sentirem bem recebidos na sala de aula, não desejarão retornar. Dessa forma, é preciso desenvolver práticas de acolhimento diariamente para que os educandos se sintam estimulados a participar das aulas e querer voltar no dia seguinte à escola. De acordo com Rocha e Souza (2013, p. 27), o educador “deve estimular o diálogo e a reflexão e valorizar a história e os saberes dos educandos para que estes se sintam fazendo parte de um grupo”.

Além do acolhimento é importante existir um ambiente alfabetizador, um ambiente que estimule a curiosidade da escrita e da leitura dos educandos, portanto é interessante que haja exposição de cartazes, listas, calendários, músicas e poesias em sala de aula para que os alunos busquem informações e ampliem seus conhecimentos. Porém, este ambiente alfabetizador não há na sala da 1ª etapa, o ano de 2016 foi fixado somente o alfabeto, no entanto, em 2017 a sala encontra-se sem exposição que possam auxiliar o aluno.

A professora começou desenvolver com os alunos no início do ano letivo de 2016 rodas de conversas que eram trabalhados o senso crítico perante os problemas sociais da cidade, mas com o decorrer do ano essa prática deixou de ser desenvolvida em sala de aula.

Percebi que deve haver atividades que trabalhe a oralidade dos alunos da EJA, pois são alunos que tem medo de expor seus conhecimentos, deixando muitas vezes de interagir em sala de aula.

É recomendável que a professora trabalhe atividades de alfabetização que esteja totalmente unida ao letramento, pois Soares (2000), ao se referir sobre letramento diz que a prática de letramento vai muito além do processo de alfabetização, que volta-se para a aquisição da leitura e da escrita desvinculada do contexto social, como uma ação individual e cognitiva.

Portanto, fica averiguado que um trabalho de alfabetização e letramento desvinculado da realidade não atende a necessidade do aluno que precisa estar associada a sua realidade social.

No capítulo seguinte, serão analisadas as atividades realizadas pelos alunos da 1ª Etapa da Educação de Jovens e Adultos com o objetivo de detectar as possíveis dificuldades

que estes alunos enfrentam nas resoluções de suas atividades em sala de aula. É importante salientar que todas as atividades foram desenvolvidas dentro da perspectiva do letramento.

CAPÍTULO IV: ANÁLISE DAS ATIVIDADES REALIZADAS

5. Análise das atividades realizadas pelos alunos

As primeiras atividades foram realizadas em dezembro de 2016 na turma da 1ª etapa, onde se encontravam 9 alunos em sala de aula. O primeiro momento ocorreu na sala de informática, no qual usei como recurso áudio visual o data show para transmitir um fragmento de uma reportagem sobre desmatamento para ser usado como base para se discutir os problemas ambientais que enfrentamos em Marabá – Pará. Algumas das falas do debate serão transcritas abaixo.

- A questão do lixo é um grande problema, porque quando chove entope tudo e alaga em vários lugares na cidade. (Aluna “P”)
- O frigorifico joga resto de animais nos rios deixando poluídos e causando um grande mau cheiro na cidade. (Aluno “C”)
- A seca foi muito feia aqui, nunca vi os rios tão secos e tudo isso que acontece é por causa da ação do homem. (Aluna “F”)

Foto: Alunos da 1ª etapa da EJA assistindo a uma reportagem sobre desmatamento



Fonte: Adriana Neves

O debate foi bastante rico, pois cada educando expôs suas insatisfações perante os problemas ambientais que a cidade enfrenta e que deve ser uma luta de todos os cidadãos, pois são os principais prejudicados. Além disso, foi discutido o papel dos governantes diante destes problemas.

Freire (1996, p. 30) menciona que professores devem aproveitar a experiência daqueles que vivem em áreas da cidade descuidadas pelo poder público para discutir. Discutir, por exemplo, “a poluição dos riachos e dos córregos e os baixos níveis de bem-estar da população, os lixões e os riscos que oferecem à saúde das gentes”. Desta forma, o educador estará respeitando os saberes dos educandos que são construídos na prática comunitária.

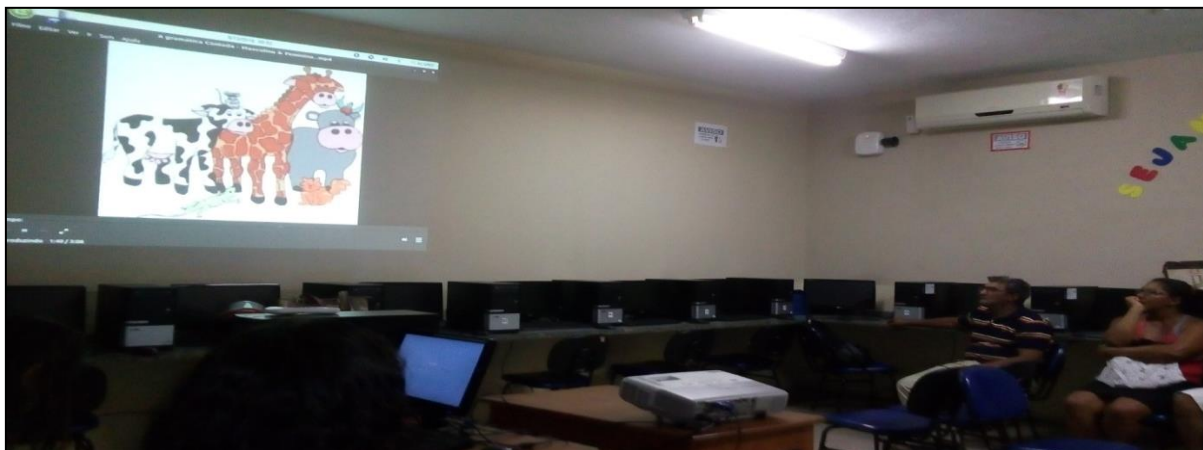
Foto: Alunos debatendo sobre o desmatamento



Fonte: Adriana Neves

O segundo momento foi passado uma cantiga sobre a gramática, onde abordava sobre os artigos feminino e masculino. Após o final da cantiga, foi indagado sobre a mensagem que a música transmitiu e cada um expressou sobre seu entendimento sobre o assunto. Neste momento ficou bem claro que eles não sabiam falar sobre o assunto e que haviam grandes dúvidas acerca deste conteúdo.

Foto: alunos assistindo sobre a cantiga da gramática abordando os artigos feminino e masculino



Fonte: Adriana Neves

O terceiro momento aconteceu em sala de aula, foram passadas atividades diversificadas, para um grupo de alunos que já dominavam a escrita e leitura recebeu um tipo específico de atividade, e o outro grupo que pertenciam aqueles que ainda estavam descobrindo as letras recebeu outra.

Foi escrito um pequeno texto no quadro dando continuidade a explicação dos artigos feminino e masculino. Para alguns dos alunos que já conseguiam copiar do quadro foram entregue uma folha em branco.

Após o texto escrito esse grupo de alunos receberam atividades relacionadas ao assunto dos artigos feminino e masculino que teve como objetivo detectar as dificuldades de interpretação que estes alunos possuem nas resoluções das atividades, além da verificação da escrita. Segundo Rocha e Souza (2013), as fases da escrita são os períodos que os educandos passam durante a aquisição da escrita. Essas fases demonstram o que os indivíduos conseguem ou não percebem da língua escrita.

Foto: Alunos resolvendo suas atividades



Fonte: Adriana Neves

O outro grupo de alunos receberam atividades relacionadas às letras do alfabeto e a escrita do seu próprio nome. Todas as atividades serão expostas para serem analisadas com enfoque em detectar as possíveis dificuldades destes alunos.

As outras atividades foram realizadas em fevereiro a março de 2017 com 7 alunos da 1ª etapa da EJA, umas das atividades foi a confecção de crachá com os alunos, cada um recebeu um crachá em branco onde escreveram seus próprios nomes. Após todos os crachás serem escritos, foi explicado que podemos escrever de 2 formas que seria com letra cursiva e letra de forma. Então foi indagado se eles identificaram a forma que foram escritos os seus nomes, mas nenhum deles soube responder. Portanto, foi comentado o que seria escrever com letra cursiva e letra de fôrma/bastão, no entanto apenas um aluno teve a iniciativa de escrever o seu nome com letras de fôrma/bastão, pois havia escrito com letra cursiva no primeiro momento.

Foto: Alunos escrevendo seu próprio nome



Fonte: Adriana Neves

Posteriormente, foi realizada uma dinâmica envolvendo o crachá que anteriormente já havia sido preenchido por cada aluno com seus respectivos nomes. Recolhi todos os crachás e baralhei, em seguida pedi que cada aluno pegasse um crachá sem deixar o colega ao lado ver o nome escrito. Em seguida, pedi que cada um lesse o nome e escrevesse abaixo uma característica, podendo ser desde características físicas a especificidade em geral sobre a pessoa do crachá.

Foto: Alunos escrevendo uma característica do colega



Fonte: Adriana Neves

Após todos terminarem de escrever, cada um do seu jeito, foi solicitado aos alunos que falasse o que havia escrito sobre o seu colega sem citar o nome, e o restante do grupo teria que adivinhar sobre quem o colega estava falando. Nesta atividade foram analisadas as dificuldades na escrita voltadas para o letramento. Este trabalho, além de propiciar vários elementos sobre a escrita, também houve uma maior interação, apesar de que sentiram vergonha de falar sobre o que havia escrito sobre o colega.

No entanto, ao decorrer da atividade eles foram se “soltando” e se tornou um momento de descontração e de muitos risos. Percebe-se que são alunos que não estão acostumados a participarem de dinâmicas, mas é necessário que sejam inseridos nas escolas atividade que desenvolvam a oralidade e a interação entre alunos e professores.

Outra atividade desenvolvida também ocorreu com este grupo de 6 alunos na biblioteca da escola, nesta atividade foi trabalhado a questão do letramento, pois sabemos que

deve-se ensinar a ler e escrever no contexto das práticas sociais da leitura e da escrita pra que o indivíduo se torne, ao mesmo tempo, alfabetizado e letrado.

Foto: Alunos preenchendo o currículo com seus dados pessoais



Fonte: Adriana Neves

E foi nessa perspectiva que ocorreu, pois foi desenvolvido com os alunos o preenchimento de um currículo, foi um momento enriquecedor. Todos já fizeram uso de currículos em algum momento de sua vida, no entanto, existem outros que fazem uso constantemente do currículo para concorrer a vagas de emprego, mas nessa atividade foi averiguado que eles nunca haviam preenchido algum currículo e demonstraram muitas dificuldades no preenchido.

A última atividade foi realizada em março de 2017, com a turma da 1º etapa de 2017 juntamente com alguns alunos da 1º etapa de 2016, mas somente os alunos que fizeram parte da turma de 2016 que serão analisados. Foi efetuado com esta turma um “Bingo de Palavras”, cada aluno recebeu uma folha com 10 espaços em branco e uma cartela de bingo com 6 espaços também em branco.

Fiz a divisão dos alunos que conseguiam escrever sem auxílio e os que não sabiam, então ditei 10 palavras dos estados brasileiros e 10 letras do alfabeto para o outro grupo de

alunos. Coloquei dentro de um saquinho de plástico 14 nomes dos estados brasileiros e 14 letras do alfabeto para serem sorteadas.

Foto: Ditado dos estados brasileiros para a realização do Bingo de palavras



Fonte: Adriana Neves

Após a finalização dos ditados das palavras e das letras do alfabeto, pedi que cada um escrevesse 6 palavras ou letras das ditadas na cartela do bingo, podendo escolher qualquer uma que quisesse, mas sem deixar o colega ao lado ver as palavras ou letras escolhidas. Após todos terem escrito cada qual em seu bingo, comecei o sorteio das palavras e das letras, todas estavam dentro de um saquinho, ora saía palavras ora letras. Ganhou aquele que marcou todas as letras da sua cartela ou todas as palavras e o vencedor ganhou um prêmio.

Foi um momento enriquecedor, todos se animaram bastante e com esta atividade exercitaram à escrita, o raciocínio e o conhecimento de alguns dos estados brasileiros e letras do alfabeto de uma forma diferenciada.

Foto: Alunos escrevendo as palavras ditadas



Fonte: Adriana Neves

Abaixo serão expostas todas as atividades realizadas por cada aluno com suas respectivas análise em relação às possíveis dificuldades que estes educandos enfrentam em resoluções de atividades que estão intimamente ligadas ao letramento, pois sabemos que as técnicas da leitura e escrita devem fornecer subsídios suficientes para que estes alunos façam uso destas técnicas no meio social, além de formar pessoas críticas em nossa sociedade.

ATIVIDADE 1: atividades direcionadas para aqueles que estavam no processo de descobrir as letras do alfabeto e a escrita do seu nome.



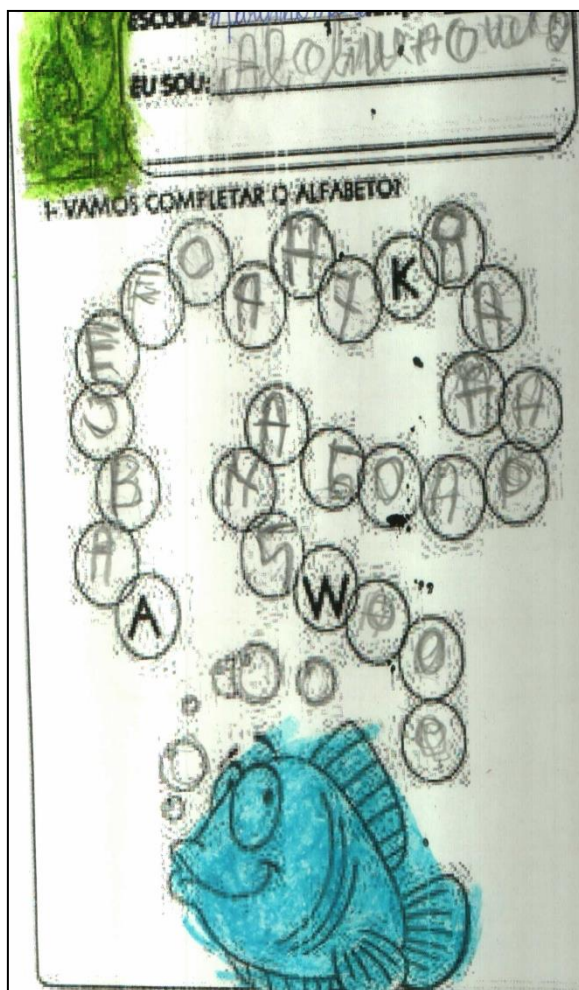
Atividade 1



Atividade 2

Percebe-se nestas atividades 1 e 2, que a aluna conhece todas as letras do alfabeto, é importante salientar que esta aluna tem 88 anos de idade. Expliquei o comando da questão e em nenhum momento fiz interferência quando a mesma respondia. Durante as observações como pesquisadora participante desta turma, observei que a aluna possui uma grande facilidade em aprender o que é explicado, demonstrando sempre comprometimento e raramente faltava às aulas. A mesma tem uma memória ótima, porém necessitava ser estimulada sempre para não cair em esquecimento o aprendizado.

Esta aluna não consegue copiar do quadro textos, pois é uma senhora de idade e sua visão está comprometida, então suas atividades sempre foram escritas ao caderno ou atividades xerocadas. Ao decorrer do ano esta educanda se desenvolveu bastante, já conseguia soletrar algumas sílabas e juntá-las em palavras pequenas. Mas não desenvolveu a escrita autônoma, não conseguia escrever palavras sem o auxílio de alguém ou de algum suporte para copiar exceto o seu nome que conseguia escrever completo sem auxílio.



Atividade 1



Atividade 2

Percebe-se na atividade 1, que a aluna não conhece todas as letras do alfabeto, tendo muita dificuldade em preencher corretamente as letras do alfabeto em ordem e em alguns casos colocou as letras ao contrário do correto, a mesma tem muita dificuldade em assimilar o comando das atividades. Verifica-se também que esta aluna não conseguiu escrever o seu próprio nome na atividade.

Na atividade 2, percebe-se que a aluna conseguiu escrever seu nome corretamente e compreender o comando da questão, mas observa-se que se trata de uma aluna copista que só conseguiu resolver atividade por estar vendo a letra que deveria escrever abaixo. É importante relatar que a mesma não consegue copiar do quadro, pois sua visão está prejudicada e suas atividades todas são escritas no caderno ou xerocadas.

Esta aluna tem 67 anos de idade, a mesma teve alguns avanços durante o ano letivo como escrever seu nome completo apesar de que algumas vezes sua memória falha e falta algumas letras. A mesma passou todo o ano letivo sem reconhecer todas as letras do alfabeto,

no entanto, é uma aluna que raramente falta às aulas, mas possui dificuldade em compreender os assuntos propostos em sala de aula e esquece facilmente os conteúdos já trabalhados.



Atividade 1



Atividade 2

Percebe-se nas atividades 1 e 2, que a aluna não teve nenhuma dificuldade em responder as atividades, pois a mesma conhece as letras do alfabeto e escreve corretamente o seu nome, porém a sua dificuldade está na leitura, pois a mesma ainda não consegue ler palavras, somente soletrar sílabas simples. O que atrapalha o aprendizado desta aluna é o comprometimento em frequentar todos os dias as aulas, pois a mesma passa de dias e até meses sem ir à escola.

Nestas atividades foi trabalhada a questão ecológica através dos desenhos que retratava o cuidado com a natureza, pois anteriormente havia acontecido um debate sobre o meio ambiente e os problemas que a cidade estava enfrentando com problemas ambientais. Na perspectiva do letramento, usamos o debate para discutir os problemas fazendo com que estes alunos desenvolvam o senso crítico perante os acontecimentos que os norteiam e posteriormente foi usado estas atividades para desenvolver a escrita e a leitura, pois precisam dominar estes códigos para desenvolverem qualquer demanda social.

Segundo Brandão (1994) ao falar sobre o Método de Paulo Freire menciona sobre o objetivo da pesquisa vocabular e temático.

O objetivo da pesquisa vocabular e temática é surpreender a maneira como uma realidade social existe na vida e no pensamento, no imaginário dos seus participantes. A pesquisa deve ser um ato criativo e não um ato de consumo. A descoberta coletiva da vida através da fala; do mundo através da palavra não deve servir apenas para que os educadores obtenham um primeiro conjunto de material de alfabetização: palavras, frases, dados, desenhos, fotos. Deve servir também para criar um momento comum de descobertas. (BRANDÃO, 1994, p. 28)

Nesta perspectiva, o debate foi introduzido com o objetivo de conhecer a realidade social que estes educandos passam com problemas ambientais sejam em suas ruas, nos bairros ou na cidade e tais questões foram apresentadas através da fala, da interação em círculo.

ATIVIDADE 2: Atividades direcionadas para aqueles que já conheciam as letras, conseguiam ao menos ler palavras simples e copiar textos do quadro.

VANESSA MARIA DA PIXÃO
06/12/2016
masculino e feminino

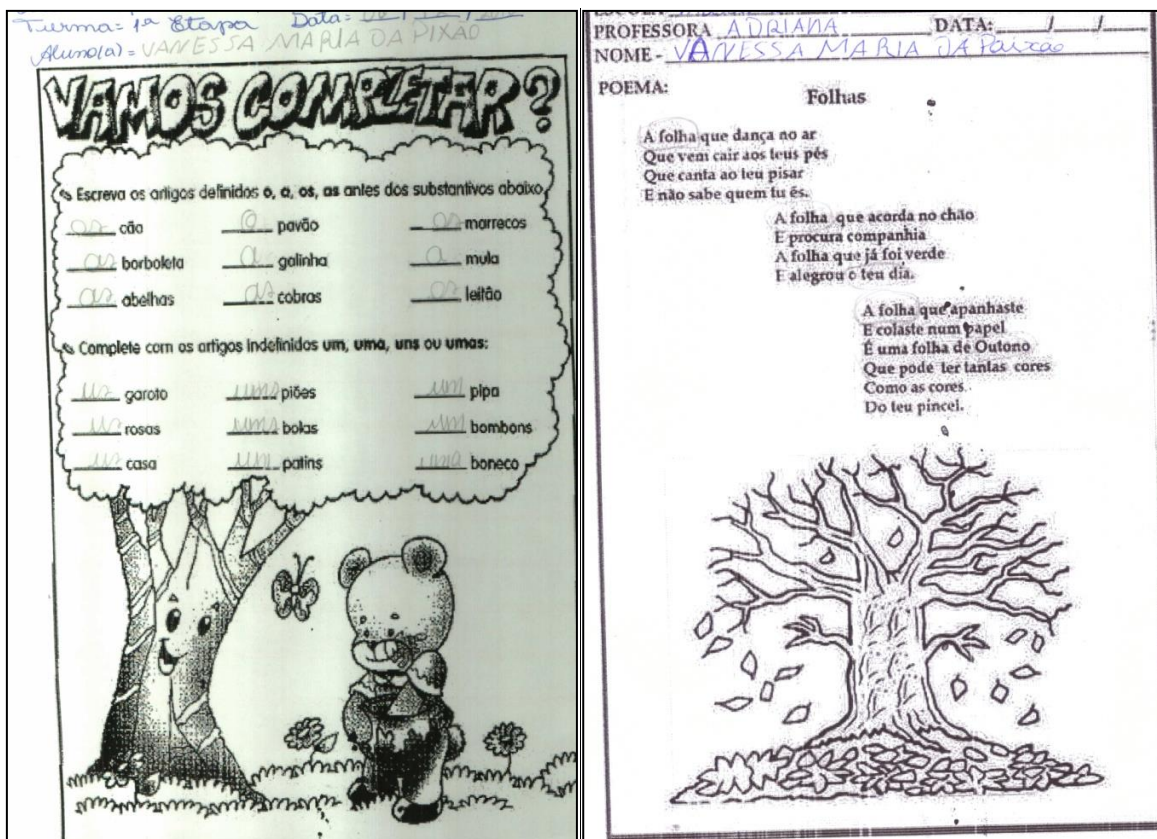
As coisas, assim como as Pessoas, animais, objetos
certos têm nome. Esses nomes são chamados de substantivos
e parecem em gêneros diferentes, o masculino e o feminino.
Conforme o gênero de cada coisa, usamos os artigos
o, um para o masculino e a, uma para feminino.

Exemplos:

- o relógio do meu irmão caiu e quebrou
- um relógio de ouro é muito caro
- A boneca é conhecida e conhecida no mundo todo
- uma menina, ganhou o concurso de redação

ARTIGO	SUBSTANTIVO
o	Bombom
a	laranja
uma	Papel
um	casa
	bolo

Atividade 1



Atividade 2

Atividade 3

Verifica-se na atividade 1, que a aluna não possui nenhuma dificuldade em copiar textos do quadro, a mesma consegue ler muito bem e escrever, porém sua maior dificuldade é compreender o comando das questões, ou seja, é alfabetizada, mas não letrada. Segundo Soares (2000), o indivíduo pode ser alfabetizado, mas não letrado, ou seja, sabe ler e escrever, mas não é capaz de interpretar um texto lido e tão pouco é capaz de preencher formulários, currículos e resolver situações que envolvem a escrita e a leitura no cotidiano.

Observa-se na atividade 2, a aluna teve vários erros na resolução da atividade, colocando os artigos no plural no lugar do singular ou vice versa. Já na atividade 3, esta aluna conseguiu responder corretamente, circulando os artigos feminino e masculino encontrados no poema.

É importante salientar que em vários momentos era necessário explicar o comando da questão, pois sozinha a aluna possuía dificuldade em compreender a instrução da questão. Percebemos que o grande desafio não é alfabetizar, mas desenvolver um trabalho de alfabetização e letramento, pois a alfabetização e o letramento são indissociáveis.

Antonio Clito Forças das Santos
 masculino e feminino 06/12/2016

As coisas, assim como as pessoas, animais, objetos, coisas, tem nome. Esses nomes são chamados de substantivos e parecem em gêneros diferentes, o masculino e o feminino.

Conforme o gênero de cada coisa, usamos os artigos "o, um" para o masculino e "a, uma" para o feminino.

Exemplos

- o relógio do meu irmão caiu e quebrou
- um relógio de ouro é muito caro
- A banca é conhecida no mundo todo
- Uma menina ganhou o concurso de recitação

ARTIGO	SUBSTANTIVO
o	Bambam
a	laranja
o	Papel
Uma	casa
Um	leão

Atividade 1

Turma = 1ª etapa Data = 06/12/2016
 Aluno(a) = Antonio Cleito Farias dos Santos

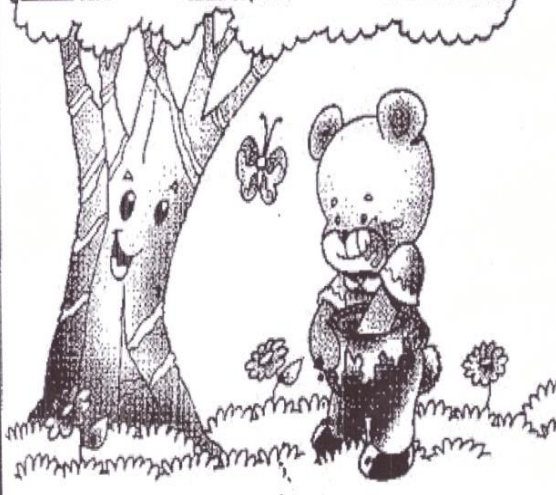
VAMOS COMPLETAR?

Escreva os artigos definidos o, a, os, as antes dos substantivos abaixo:

<u>a</u> cão	<u>o</u> pavão	<u>os</u> marrecos
<u>a</u> borboleta	<u>a</u> galinha	<u>a</u> mula
<u>as</u> abelhas	<u>as</u> cobras	<u>o</u> leitão

Complete com os artigos indefinidos um, uma, uns ou umas:

<u>um</u> garoto	<u>umas</u> piões	<u>um</u> pipa
<u>umas</u> rosas	<u>umas</u> bolas	<u>umas</u> bombons
<u>uma</u> casa	<u>umas</u> patins	<u>um</u> boneco



Atividade 2

ESCOLA: _____
 PROFESSORA: Adriana DATA: 06/12/2016
 NOME: Antonio Cleito Farias dos Santos

POEMA: Folhas

A folha que dança no ar
 Que vem cair aos teus pés
 Que canta ao teu pisar
 E não sabe quem tu és.

A folha que acorda no chão
 E procura companhia
 A folha que já foi verde
 E alegrou o teu dia.

A folha que apanhaste
 E colaste num papel
 É uma folha de Outono
 Que pode ter tantas cores
 Como as cores
 Do teu pincel.



Atividade 3

Percebe-se na atividade 1, que este aluno consegue copiar corretamente todo o texto, já na atividade 2, este aluno errou somente o preenchimento dos artigos em 2 locais, porém é importante revelar que este aluno contava sempre com a ajuda de sua esposa para responder suas atividades, pois a mesma estudava na mesma sala e conseguia ler e escrever bem. A atividade 3, o aluno não teve muita dificuldade em circular os artigos femininos e masculinos encontrados no poema.

A maior dificuldade deste aluno é ler, pois o mesmo ainda se encontra na soletração de sílabas, conseguindo ler somente palavras simples. O mesmo demonstra muito interesse nas aulas e raramente falta à escola, consegue compreender com facilidade o comando das atividades quando explicadas.

(06/12/16)

masculino e feminino

As coisas se parecem como as Pessoas,
animais, objetos,
comidas, tem nome. Esses nomes são
chamados de
substantivos e podem ser gênero
diferentes, -o
masculino e feminino

Conferir o gênero de cada coisa,
usando os artigos:

Um Para o masculino e a Para o
feminino. Exemplos:

- o relógio do meu irmão caiu e quebrou
- Um relógio de ouro é muito caro
- A boneca é conhecida no mundo todo
- Uma menina ganhou o concurso de recitação

ARTIGO	SUBSTANTIVO	Exemplo
o	Bom dia	
a	laranja	
o	Papel	
uma	Mãe	
um	Editorial	

Atividade 1

Turma: 1ª Etapa Data: 26/12/2016
Aluna: Maria Edina Vaz Gomes

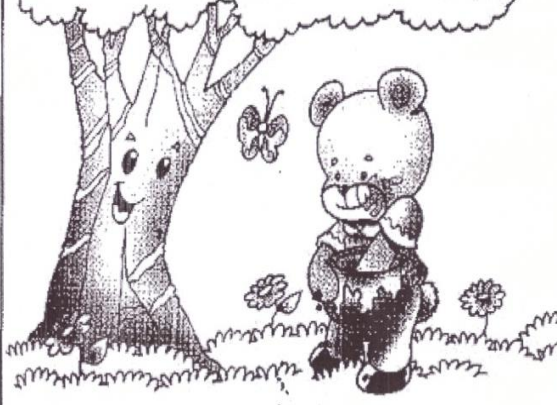
VAMOS COMPLETAR?

Escreva os artigos definidos o, a, os, as antes dos substantivos abaixo:

<u>O</u> cão	<u>O</u> pavão	<u>Os</u> marrecos
<u>O</u> borboleta	<u>A</u> galinha	<u>A</u> mula
<u>As</u> abelhas	<u>As</u> cobras	<u>O</u> leitão

Complete com os artigos indefinidos um, uma, uns ou umas:

<u>um</u> garoto	<u>uns</u> piões	<u>umas</u> pipas
<u>umas</u> rosas	<u>umas</u> bolas	<u>uns</u> bombons
<u>uma</u> casa	<u>uns</u> patins	<u>um</u> boneco



Atividade 2

PROFESSORA: _____ DATA: 26/12/2016
NOME: Maria Edina Vaz Gomes

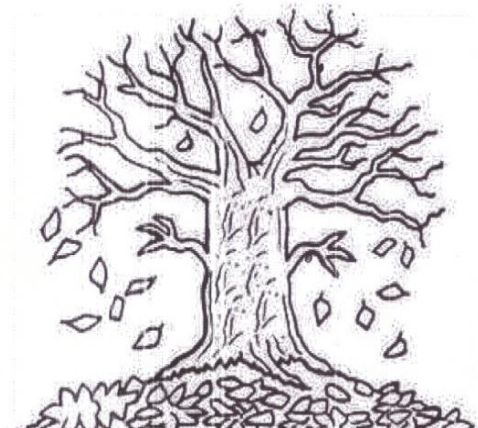
POEMA:

Folhas

A folha que dança no ar
Que vem cair aos teus pés
Que canta ao teu pisar
E não sabe quem tu és.

A folha que acorda no chão
E procura companhia
A folha que já foi verde
E alegrou o teu dia.

A folha que apanhaste
E colaste num papel
É uma folha de Outono
Que pode ler tantas cores
Como as cores
Do teu pincel.



Atividade 3

Observa-se na atividade 1, que a aluna consegue copiar do quadro todo texto, porém nas atividades 2 e 3 demonstra dificuldade em responder corretamente principalmente na atividade 3, pois a mesma circula várias palavras que não são artigos. A mesma já consegue ler razoavelmente, porém mostra dificuldade em compreender o que ler, solicitando sempre ajuda em explicações nas atividades.

A aluna possui problema de visão, usando óculos que não são compatíveis para seu problema, impedindo-a de ter um desempenho melhor nas aulas. É importante destacar que a aluna raramente falta às aulas e dedicada e assim ajuda em seu desenvolvimento.

Vanessa Flores Gomes 06/14

masculino e feminino

As coisas - assim como as pessoas
animais - objetos - comidas - têm
nome. Esses nomes - são - chamados
de substantivos e existem em
gêneros - diferentes - o masculino
e o feminino - conforme o gênero de
cada coisa. Usamos os artigos
o um para o masculino e a um. Para
feminino. Exemplos: o relógio do
meu irmão - caiu e quebrou
um relógio de ouro é muito caro
A boneca é conhecida - no - mundo
todo - uma - menina - ganhou o
concurso - de leitura

ARTIGO	SUBSTANTIVO
o	Bom dia
a	laranja
o	Pa Pel
uma	casa

Adriana

VAMOS COMPLETAR?

Escreva os artigos definidos o, a, os, as antes dos substantivos abaixo:

<u>o</u> cão	<u>o</u> pavão	<u>o</u> marrecos
<u>a</u> borboleta	<u>a</u> galinha	<u>a</u> mula
<u>as</u> abelhas	<u>a</u> cobras	<u>o</u> leitão

Complete com os artigos indefinidos um, uma, uns ou umas:

<u>um</u> garoto	<u>uns</u> piões	<u>uma</u> pipa
<u>umas</u> rosas	<u>umas</u> bolas	<u>os</u> bombons
<u>uma</u> casa	<u>um</u> patins	<u>os</u> boneco



Atividade 2

ESCOLA _____

PROFESSORA _____ DATA: ____/____/____

NOME - Namenda Flores

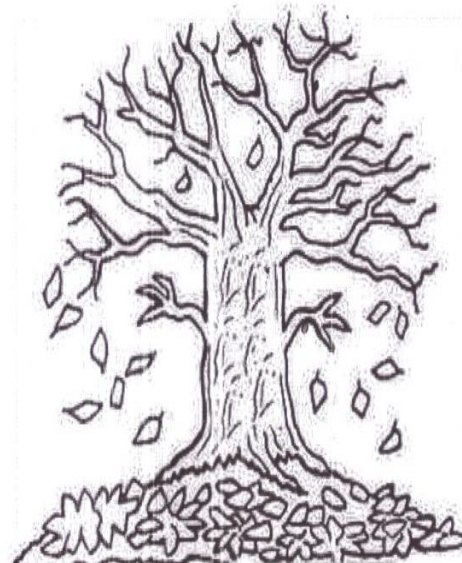
POEMA:

Folhas

A folha que dança no ar
Que vem cair aos teus pés
Que canta ao teu pisar
E não sabe quem tu és.

A folha que acorda no chão
E procura companhia
A folha que já foi verde
E alegrou o teu dia.

A folha que apanhaste
E colaste num papel
É uma folha de Outono
Que pode ter tantas cores
Como as cores
Do teu pincel.



Atividade 3

Percebe-se nas atividades 1, 2 e 3, que a aluna teve alguns erros, porém a mesma ler e escreve muito bem e possui um bom desempenho nas aulas. A mesma consegue compreender o que se lê, neste caso podemos afirmar que esta aluna está sendo alfabetizada e letrada, pois sabemos que o letramento vai além de saber o código da leitura e da escrita, mas sim de usá-las seja na escola, em casa, no trabalho ou na rua para resolver problemas do cotidiano. No entanto, percebemos através das atividades que esta aluna precisa continuar desenvolvendo, pois a mesma precisa se aperfeiçoar na leitura e escrita.

Francisca Beindamar.

masculino e feminino 06-12-2016

As coisas, assim como as pessoas, animais, objetos conhecidos, tem nome. Esses nomes são chamados de substantivos e parecem em gêneros diferentes, o masculino e o feminino.

Conforme o gênero de cada coisa, usamos os artigos.

O, um para o masculino e a, uma para feminino:

Exemplos:

- O relógio do meu irmão caiu e quebrou.
- Um relógio de ouro é muito caro.
- A boneca é conhecida no mundo todo.
- Uma menina ganhou o camuêlo de seda da mãe.

ARTIGO	SUBSTANTIVO
O	Bombom
a	Lâmpada
o	Papel
uma	carra
um	Lobo

Atividade 1

Turma = 1ª etapa Data = 06/12/2016
Aluna(a) = Francisca Simões

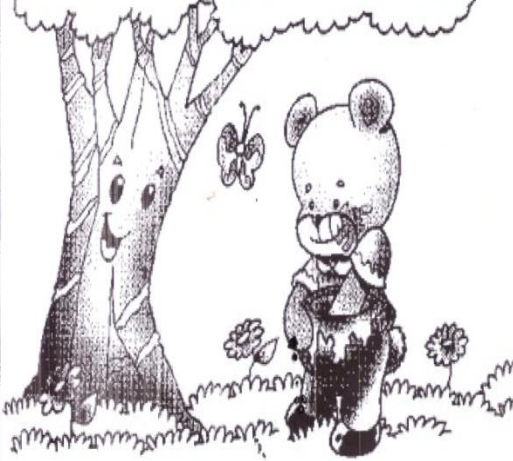
VAMOS COMPLETAR?

Escreva os artigos definidos o, a, os, as antes dos substantivos abaixo:

<u>o</u> cão	<u>o</u> pavão	<u>o</u> marrecos
<u>a</u> borboleta	<u>a</u> galinha	<u>a</u> mula
<u>as</u> abelhas	<u>a</u> cobras	<u>o</u> leitão

Complete com os artigos indefinidos um, uma, uns ou umas:

<u>um</u> garoto	<u>uns</u> piões	<u>uma</u> pipa
<u>umas</u> rosas	<u>umas</u> bolas	<u>uns</u> bombons
<u>uma</u> casa	<u>umas</u> patins	<u>um</u> boneco



Atividade 2

PROFESSORA _____ DATA: 06/12/2016
NOME: Francisca Simões

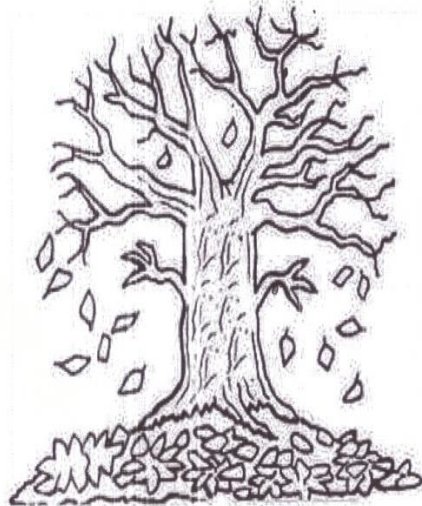
POEMA:

Folhas

A folha que dança no ar
Que vem cair aos teus pés
Que canta ao teu pisar
E não sabe quem tu és.

A folha que acorda no chão
E procura companhia
A folha que já foi verde
E alegrou o teu dia.

A folha que apanhaste
E colaste num papel
É uma folha de Outono
Que pode ter tantas cores
Como as cores
Do teu pincel.



Atividade 3

Identifica-se através das atividades 1, 2 e 3 que aluna teve alguns erros ao resolvê-las, porém esta aluna consegue ler e escrever bem dentro de suas limitações, dificilmente falta às aulas e possui um bom desenvolvimento. No entanto, sua maior dificuldade estar em compreender o que se ler, sabemos que a compreensão de texto é de total importância para uma alfabetização e letramento de qualidade, pois não basta apenas ler e escrever, se não compreende o que lê e escreve.

Francisco Bizevil de Oliveira
06/12/16

mas culoso e feminino
e coironicista como os pericar animais digitar
curador tem nome e ser manez são chamados de
substantivo e parecem em gênero diferentes, o
masculino e o feminino
conforme o gênero de cada coisa usamos artigos
um para o masculino e a uma feminina

Exemplos

o relógio do meu irmão caiu e quebrou
um relógio de avô e muito caro
+ parece e conhecida no mundo todo
uma menina ganhou o concurso de redação

ARTIGO	SUBSTANTIVO
O	Bom dia
a	laranja
O	Papel
uma	coisa
Uma	lata

Atividade 1

Turma: 1ª Etapa Data: 06/12/16
Aluno(a): Francisco Bizevil de Oliveira

VAMOS COMPLETAR?

Escreva os artigos definidos o, a, os, as antes dos substantivos abaixo:

<u>O</u> cão	<u>O</u> pavão	<u>os</u> marrecos
<u>A</u> borboleta	<u>A</u> galinha	<u>A</u> mula
<u>As</u> abelhas	<u>A</u> cobras	<u>O</u> leitão

Complete com os artigos indefinidos um, uma, uns ou umas:

<u>Um</u> garoto	<u>umas</u> piões	<u>uns</u> pipas
<u>Uma</u> rosas	<u>umas</u> bolas	<u>uns</u> bombons
<u>A</u> casa	<u>um</u> patins	<u>um</u> boneco



Atividade 2

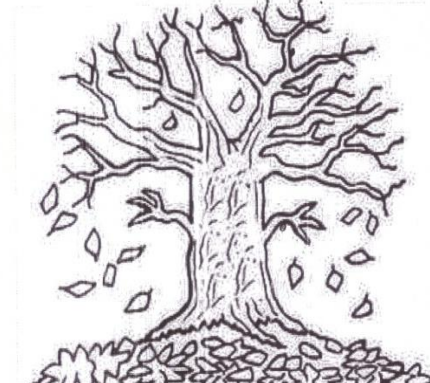
PROFESSORA ADRIANA DATA: 06/12/16
NOME: Francisco Bizevil de Oliveira

POEMA: Folhas

A folha que dança no ar
Que venciair aos seus pés
Que cantava seu pisar
E não sabe quem tu és.

A folha que acorda no chão
E procura companhia
A folha que já foi verde
E alegrou o teu dia.

A folha que apanhaste
E colaste num papel
É uma folha de Outono
Que pode ter tantas cores
Como as cores.
Do teu pincel.



Atividade 3

Nas atividades 1, 2 e 3, percebe-se que houve alguns erros na resolução das atividades, no entanto conseguiu responder de acordo com o comando das questões apesar de haver alguns erros.

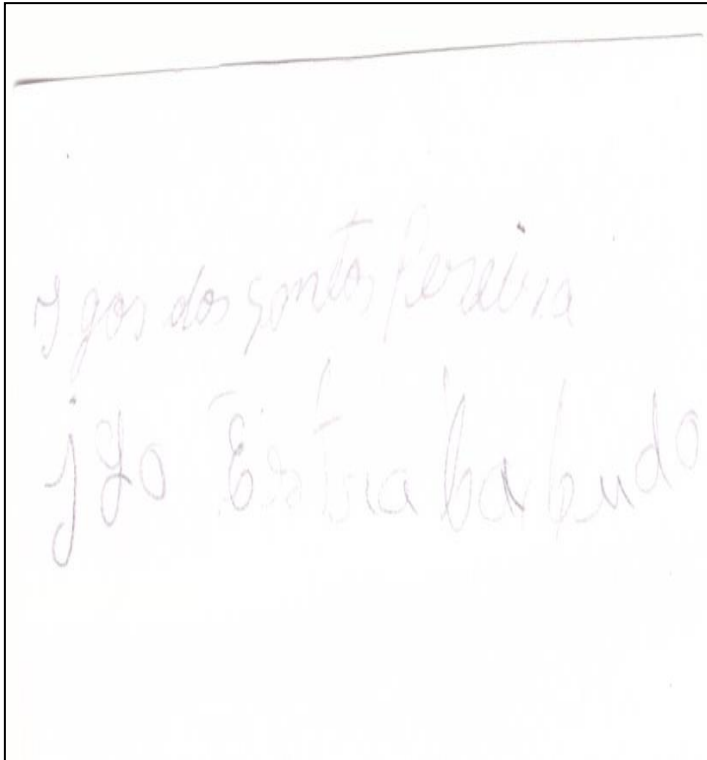
Este aluno é um senhor de 57 anos, teve o primeiro contato com a escola em junho de 2016, entrou na escola sabendo escrever seu nome completo e reconhece todas as letras do alfabeto, possui facilidade em compreender os assuntos e uma enorme vontade em aprender a ler. Durante o ano letivo de 2016 desenvolveu a leitura, conseguindo ler palavras simples.

Sua dificuldade estar em ler, porém é um aluno que possui conhecimento, conseguindo compreender sempre as explicações, se não fosse à dificuldade na leitura, conseguiria responder suas atividades sem auxílio.

[...] o indivíduo letrado, o indivíduo que vive em estado de letramento, é não só aquele que sabe ler e escrever, mas aquele que usa socialmente a leitura e escrita, pratica a leitura e a escrita, responde adequadamente as demandas sociais de letramento e de escrito. (SOARES, 2000, p. 40)

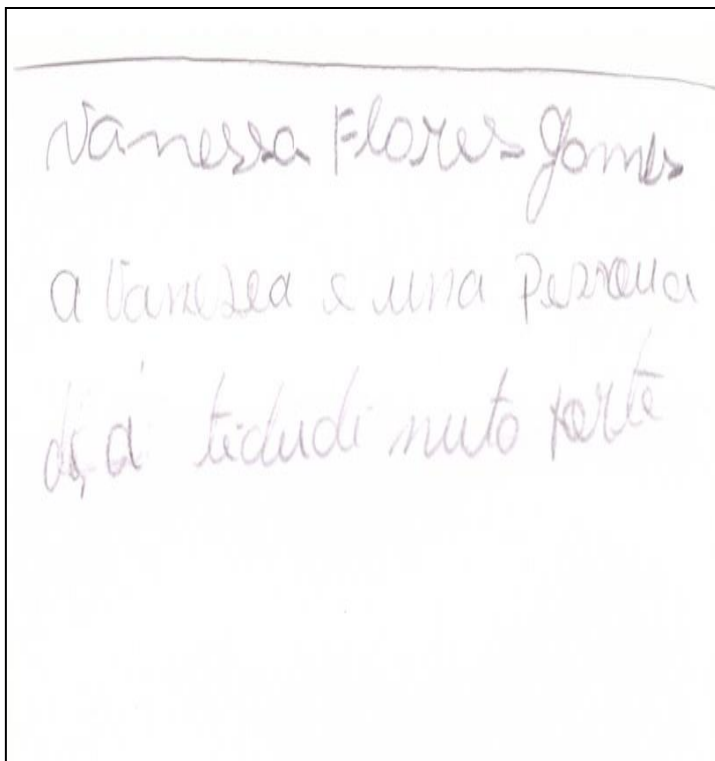
Nesta perspectiva, ao analisar o perfil deste aluno podemos afirmar que o mesmo não é alfabetizado, porém é um indivíduo letrado, pois faz uso do código da escrita e leitura em seu cotidiano no seu local de trabalho por meio de outra pessoa, pois o mesmo é proprietário de lava jato tendo funcionários em seu estabelecimento, tendo que lidar diariamente com várias demandas sociais.

ATIVIDADE 3: Confecção de crachá realizada por todos os alunos da 1ª etapa, cada um escreveu da forma que conseguia.

Crachá 1:

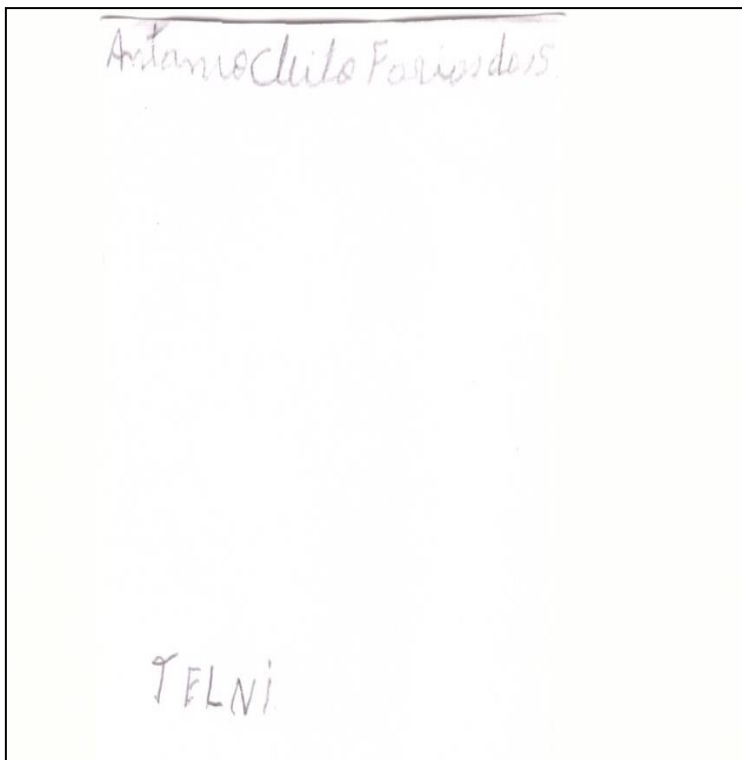
A primeira linha foi escrito pelo aluno Igor.

A segunda linha foi escrita pela a aluna "E".

Crachá 2:

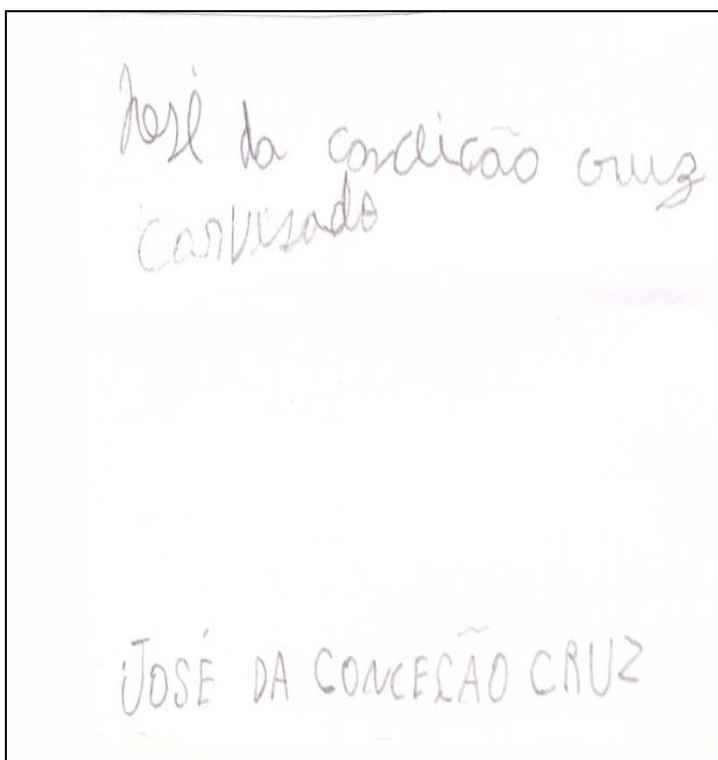
A primeira linha foi escrito pela aluna Vanessa.

A segunda e a terceira linha foram escritas pela a aluna "F".

Crachá 3:

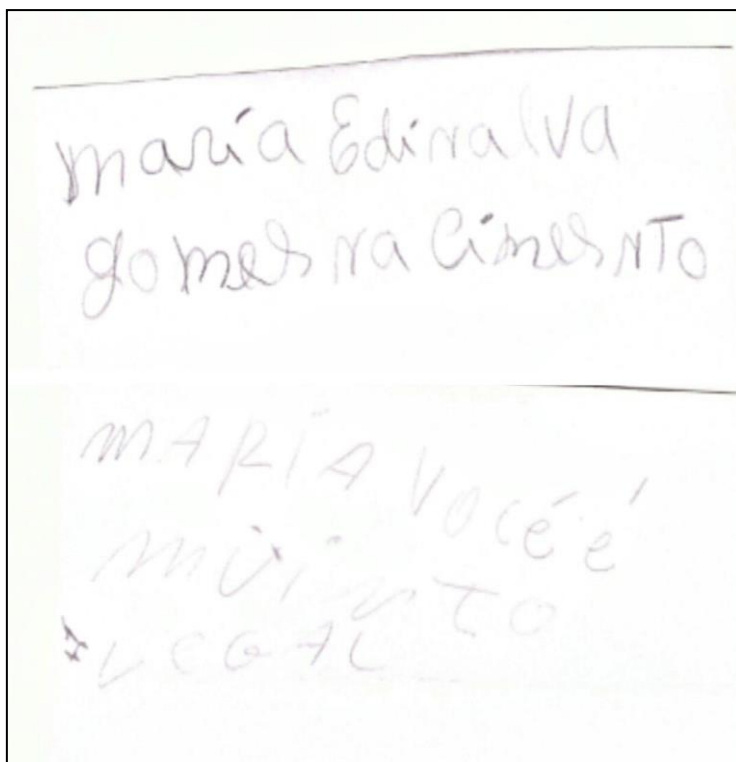
A primeira linha escrita pelo aluno Antonio

A segunda linha escrita pelo aluno "J"

Crachá 4:

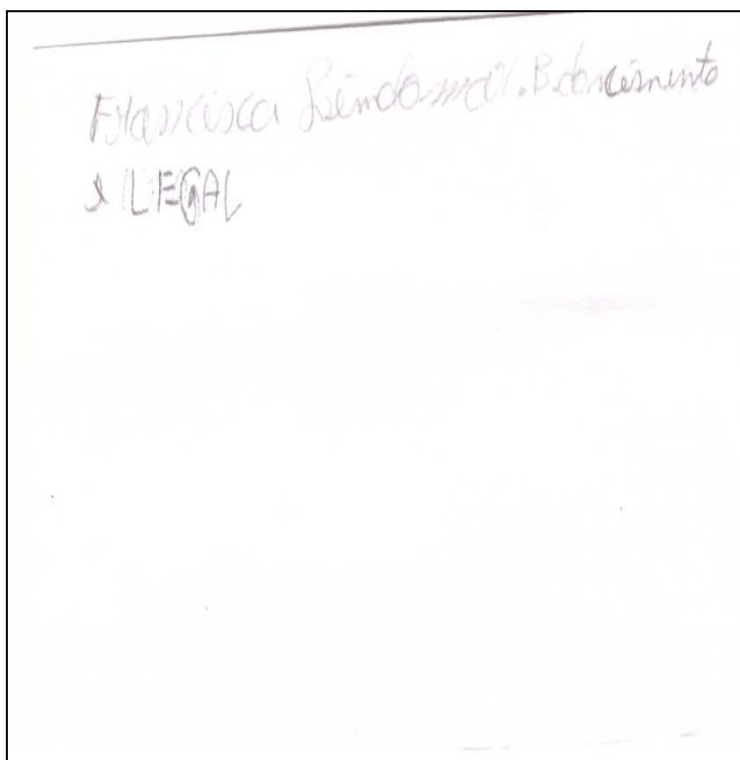
A primeira e a terceira linha foram escritas pelo aluno José.

A segunda linha foi escrita pelo aluno "C".

Crachá 5:

As linhas 1 e 2 foram escritas pela aluna Maria.

As linhas 3, 4 e 5 foram escritas pelo aluno "T".

Crachá 6:

A primeira linha foi escrita pela aluna Lindomar.

A segunda linha foi escrita pela aluna "V".

Observa-se no crachá 1, que aluna “E”, ao tentar escrever sobre uma característica do colega, escreve “estra” em vez de está e “babudo” em vez de barbudo, além de esquecer ou não saber que o nome do colega precisa da letra R ao final. Percebe-se que esta aluna teve dificuldade ao escrever, sendo assim é necessário exercitar sempre a escrita para desenvolver com excelência e autonomia.

No crachá 2, nota-se que houve alguns erros de português por parte da aluna “F” ao escrever “pessoua” em vez de pessoa, “a titude” em vez de “atitude”, “una” em vez de “uma” e “nuto” em vez de “muito”. No entanto, esta aluna ler muito bem, mas constatamos que ao escrever a mesma enfrenta dificuldades ao se expressar pelo código da escrita, por isso é tão importante estimulá-los a escrever expressando sempre suas opiniões.

Segundo Freire (1996), o professor deve alfabetizar seus alunos levando em consideração o seu contexto social e seus conhecimentos, neste sentido essa atividade foi desenvolvida a fim de proporcionar aos alunos a possibilidade de expressarem os seus pensamentos através da escrita, desenvolvendo a escrita autônoma.

Verifica-se no crachá 3, que o aluno “J” ao tentar escrever a palavra “inteligente” escreve “telni”, logo percebe-se que este aluno não domina o código da escrita autônoma e nem da leitura. É importante salientar que este educando não consegue ler palavras simples, apenas soletra algumas sílabas, portanto fica evidente que o mesmo possui dificuldades tanto na leitura quanto na escrita, mas para que esta dificuldade seja suprida é necessário mais comprometimento deste aluno em sala aula, pois o mesmo falta bastante e demonstra indisposição ou vergonha quando solicitado leitura.

Ao observar o crachá 4, nota-se que o aluno “C” ao escrever uma característica do colega, escreve “corvesado” em vez de “conversador”, demonstrando dificuldade na escrita, mas esta atividade irá auxiliá-los a desenvolver a escrita dentro do seu mundo vocabular. Segundo o método de alfabetização de Paulo Freire, é necessário estimular o educando a escrever sílabas, palavras e frases extraídas do seu mundo, do seu entendimento e de sua vivência. Nesta perspectiva, este aluno escreveu a palavra do seu mundo vocabular para caracterizar o colega.

Nota-se no crachá 5, que a aluna “E” ao escrever seu próprio sobre nome escreve “Nacimesnto” em vez de “Nascimento” e o aluno “I” ao escrever sobre a colega escreveu “muinto” em vez de “muito” e “você” em vez de “você”, neste dois casos percebemos a importância de ter atenção ao escrever, pois são palavras simples e que fazem parte diariamente do cotidiano destes alunos.

Ao observar ao crachá 6, percebe-se que ficou faltando somente o acento (´) na letra E, pois a aluna escreveu apenas um adjetivo para caracterizar a colega. É importante frisar que esta aluna ler muito bem e consegue escrever apesar de ocorrer erros ortográficos, mas só se aprende a ler lendo e a escrever escrevendo.

ATIVIDADE 4: Preenchimento de um currículo, cada qual preencheu individualmente com suas informações pessoais.

CURRÍCULO	
Dados Pessoais	
Nome:	Francisca Bordini, B. de M. S. S. S.
Endereço:	Rua 14, 10, Casa 03
Bairro:	NOVA MARABÁ
Cidade:	MARABÁ
Telefones:	(991 930 942
Idade:	41
Formação	
Cenguda e tapa du enceno fudaneta (em a dei neto)	
Qualificações	
• Curso:	
• Instituição:	
• Curso:	
• Instituição:	
Experiência Profissional	
• Empresa:	loja
• Função:	loja tendete
• Período:	
• Empresa:	
• Função:	
• Período:	

Currículo 1

CURRÍCULO	
Dados Pessoais	
Nome:	LEONILDO SANTOS PEREIRA
Endereço:	E 201920148
Bairro:	NOVA MARABÁ
Cidade:	MARABÁ
Telefones:	()
Idade:	20 ANOS
Formação	
melo ALUNO 110 ANO	
Qualificações	
• Curso:	X
• Instituição:	X
• Curso:	X
• Instituição:	X
Experiência Profissional	
• Empresa:	SIG 1121MA
• Função:	refrigerante
• Período:	
• Empresa:	
• Função:	
• Período:	

Currículo 2

No currículo 1, a aluna possui dificuldade no preenchimento do currículo. Ao preencher na parte formação a aluna escreve: “cenguda e tapa du enceno fudaneta (em a dei neto)”. Tradução: Segunda etapa do ensino fundamental (em andamento). Em experiência profissional para designar a empresa que trabalhou escreve: logei querendo escrever “loja” e em função escreve: “a tendete” em vez de “atendente”.

No currículo 2, também houve erros ortográficos e o mesmo demonstrou dificuldade ao preencher o currículo. Na parte de formação o aluno escreve: “melo aluno do ano”

querendo escrever: “melhor aluno do ano” e em experiência profissional para determinar a empresa que trabalhou escreve “Sig Veira” em vez de “Sig Vieira” e em função escreve “refligerano” em vez de “refrigeração”.

Nos dois casos é importante enfatizar que os mesmos lêem bem, porém fica evidente a dificuldade na escrita, deixando claro que estes alunos ainda não desenvolveram a escrita autônoma.

As pessoas se alfabetizam, mas não necessariamente incorporam a prática da leitura e da escrita, não necessariamente adquirem competências sociais de escrita: não leem livros, jornais, revistas, não saber redigir um ofício, um requerimento, uma declaração, não sabem preencher um formulário, sentem dificuldade em escrever um simples telegrama, uma carta, não conseguem encontrar informações num catálogo telefônico, num contrato de trabalho, numa conta de luz, numa bula de remédio [...]

(SOARES, 2010, p. 46)

CURRÍCULO	
Dados Pessoais	
Nome:	Maria Edinalva Gomes
Endereço:	
Bairro:	NOVA MARA
Cidade:	20/212012
Telefones:	(1) 9921501
Idade:	94/2154001
Formação	
01 etapa na icino fudumetau	
Qualificações	
Curso:	
Instituição:	
Curso:	
Instituição:	
Experiência Profissional	
Empresa:	Golden Ville
Função:	Chefe do Lavnaderia
Período:	
Empresa:	
Função:	
Período:	

Currículo 3

CURRÍCULO	
Dados Pessoais	
Nome:	JOSÉ DA CONCEIÇÃO CRUZ
Endereço:	ED 96 DDH LT 923
Bairro:	NOVA MARA
Cidade:	MARANA PA
Telefones:	(1) 992 64 95 85
Idade:	37
Formação	
1ª ETAP	
Qualificações	
Curso:	
Instituição:	
Curso:	
Instituição:	
Experiência Profissional	
Empresa:	TM FERRA
Função:	DEPREIO
Período:	
Empresa:	
Função:	
Período:	

Currículo 4

No currículo 3, a aluna ao preencher o nome da cidade em vez disso, escreve a data, ao escrever sua formação a aluna anota: “01 etap na icino fudumetau”. Tradução: 01 etapa do ensino fundamental. Para determinar a função que desempenhou na empresa a aluna escreve “chefe do lavnaderia” em vez de “chefe de lavanderia”.

Já no currículo 4, percebe-se que se trata de um caso sério, pois o aluno não consegue escrever praticamente nenhuma palavra sem auxílio, pois ao preencher o nome da cidade o mesmo escreve “Marama” em vez de “Marabá” e ao preencher a empresa que trabalhou fica irrealizável a leitura e para designar sua função o aluno escreve “pedreiro” em vez de “pedreiro”.

O método educacional - em particular, o método da alfabetização – tem que ser definido como dependência de seu conteúdo (e significado) social, ou seja, o elemento humano ao qual vai ser aplicado, de quem o deve executar, dos recursos econômicos existentes, das condições concretas nas quais será levado a prática. Fora isso, é apenas obra imaginativa (cartilhas, campanhas de alfabetização etc), é pensamento em abstrato, é projeto no vácuo social. (PINTO, 2010, p. 49)

Nesta perspectiva, fica evidente a importância de trabalhar conteúdos da realidade destes alunos, pois além de alfabetizar é necessário que haja um trabalho de letramento para que estes educandos se tornem cidadãos capazes de usarem em sociedade o código da leitura e escrita em seu cotidiano.

CURRÍCULO	
Dados Pessoais	
Nome:	Antonio Clito Farias das Santos
Endereço:	F 33 Q 10 L 03
Bairro:	NOVA MARABÁ
Cidade:	MARABÁ
Telefones: ()	991398742
Idade:	31
Formação	
1 etapa do Ensino Fundamental	
Qualificações	
Curso:	
Instituição:	
Curso:	
Instituição:	
Experiência Profissional	
Empresa:	transportadora
Função:	auxiliar de carga
Período:	
Empresa:	
Função:	
Período:	

Currículo 5

CURRÍCULO	
Dados Pessoais	
Nome:	Stanisla Farias Gomes
Endereço:	F 33 Q 10 L 3 A
Bairro:	NOVA MARABÁ
Cidade:	MARABÁ
Telefones: ()	
Idade:	43
Formação	
Segunda Etapa do Ensino Fundamental	
Qualificações	
Curso:	
Instituição:	
Curso:	
Instituição:	
Experiência Profissional	
Empresa:	Automa
Função:	
Período:	
Empresa:	
Função:	
Período:	

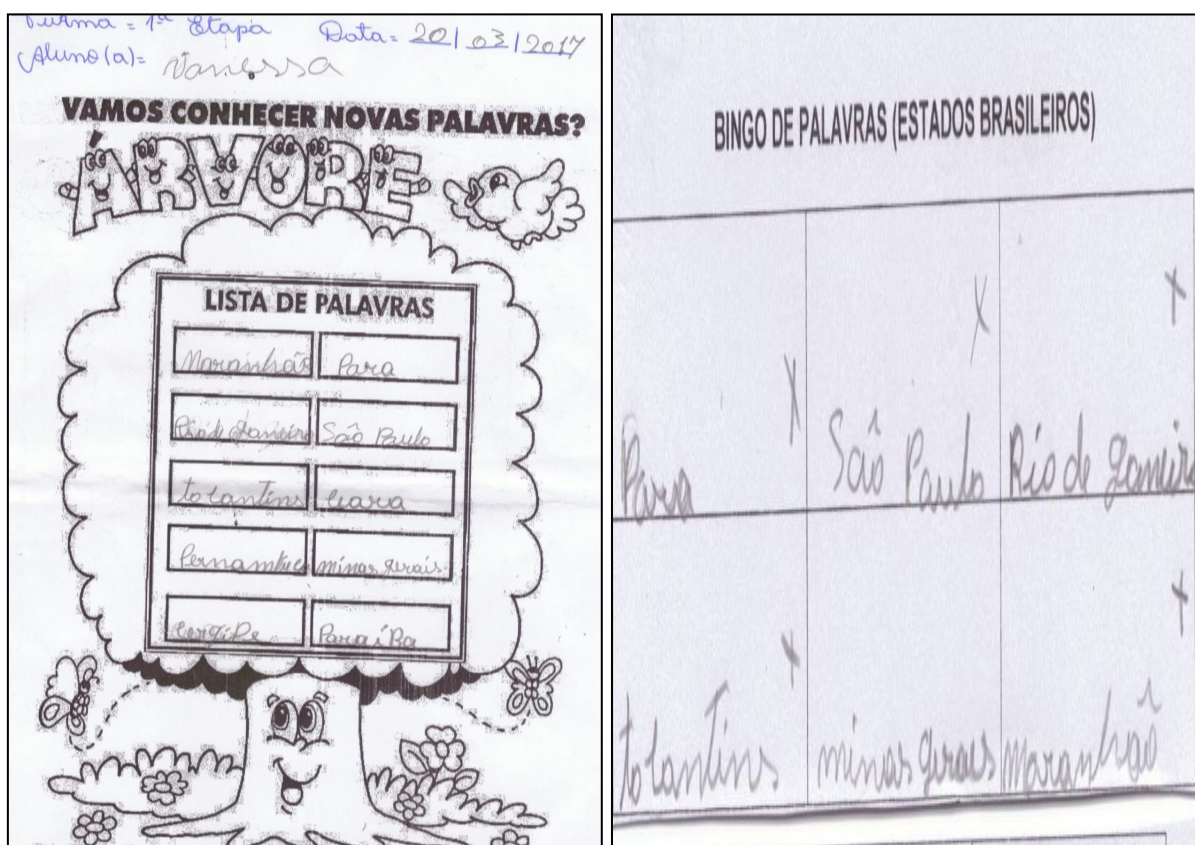
Currículo 6

Observa-se nos currículos 5 e 6, que houve poucos erros ortográficos, porém o aluno do currículo 5 recebeu ajuda para o preenchimento, pois o mesmo ainda não desenvolveu a escrita autônoma, apresentando dificuldade para escrever e ler. Já aluna do currículo 6, pelo

fato de saber ler, teve menos dificuldade no preenchimento, porém foi necessário explicar para todos o que significa cada campo do currículo.

Nesta atividade do preenchimento do currículo fica evidente a carência que estes alunos possuem quando é proposto uma atividade que fazem parte do contexto social, mas nesse momento é percebido que muda significativamente quando o trabalho de alfabetização é realizado na perspectiva de letramento. Visto que, através do letramento torna-se possível envolver os indivíduos no processo de aprendizagem para que estes possam inteirar-se de forma crítica à sociedade, fazendo uso da escrita e leitura no meio social.

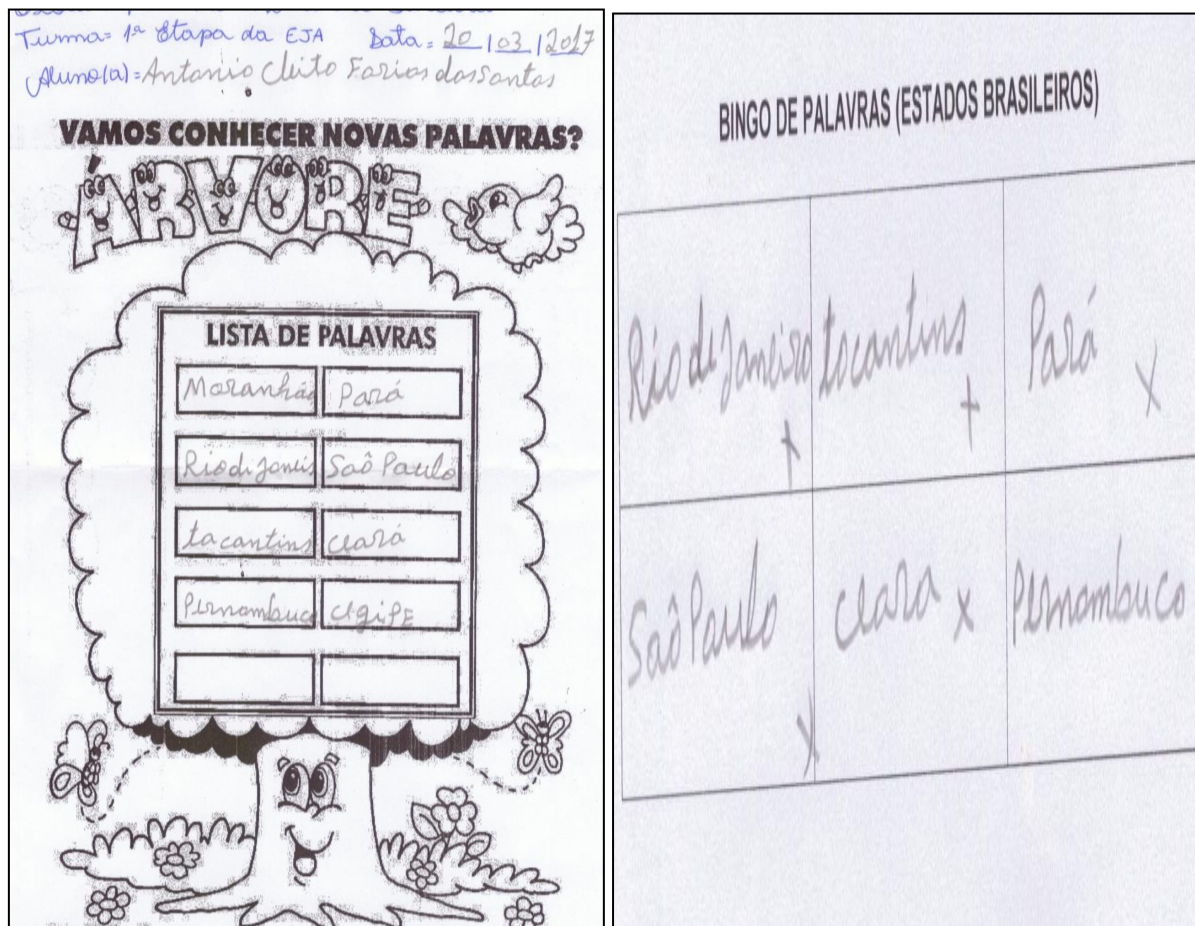
ATIVIDADE 5: Bingo de palavras, para aqueles que já dominavam a escrita e a leitura as palavras foram ditados os nomes dos estados brasileiros e para o outro grupo as letras do alfabeto.



Bingo 1

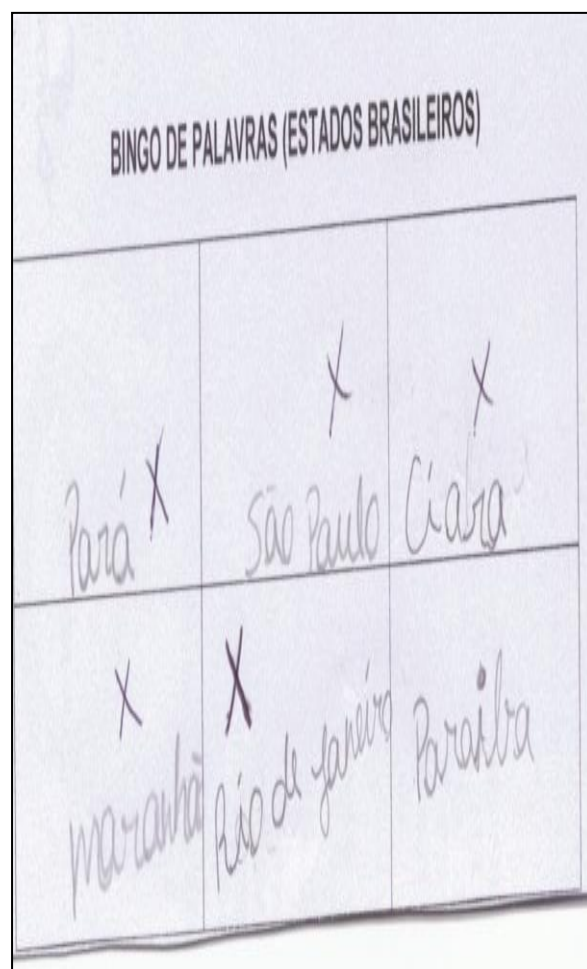
Observa-se neste bingo de palavras que a aluna errou somente na palavra Rio de Janeiro, pois usou “g” no lugar de “j” na palavra janeiro, em outras palavras usou letra minúscula ao escrever os estados brasileiros, mas no geral a esta aluna teve êxito

demonstrando que está conseguindo alcançar a escrita autônoma, destacando que a mesma ler bem.

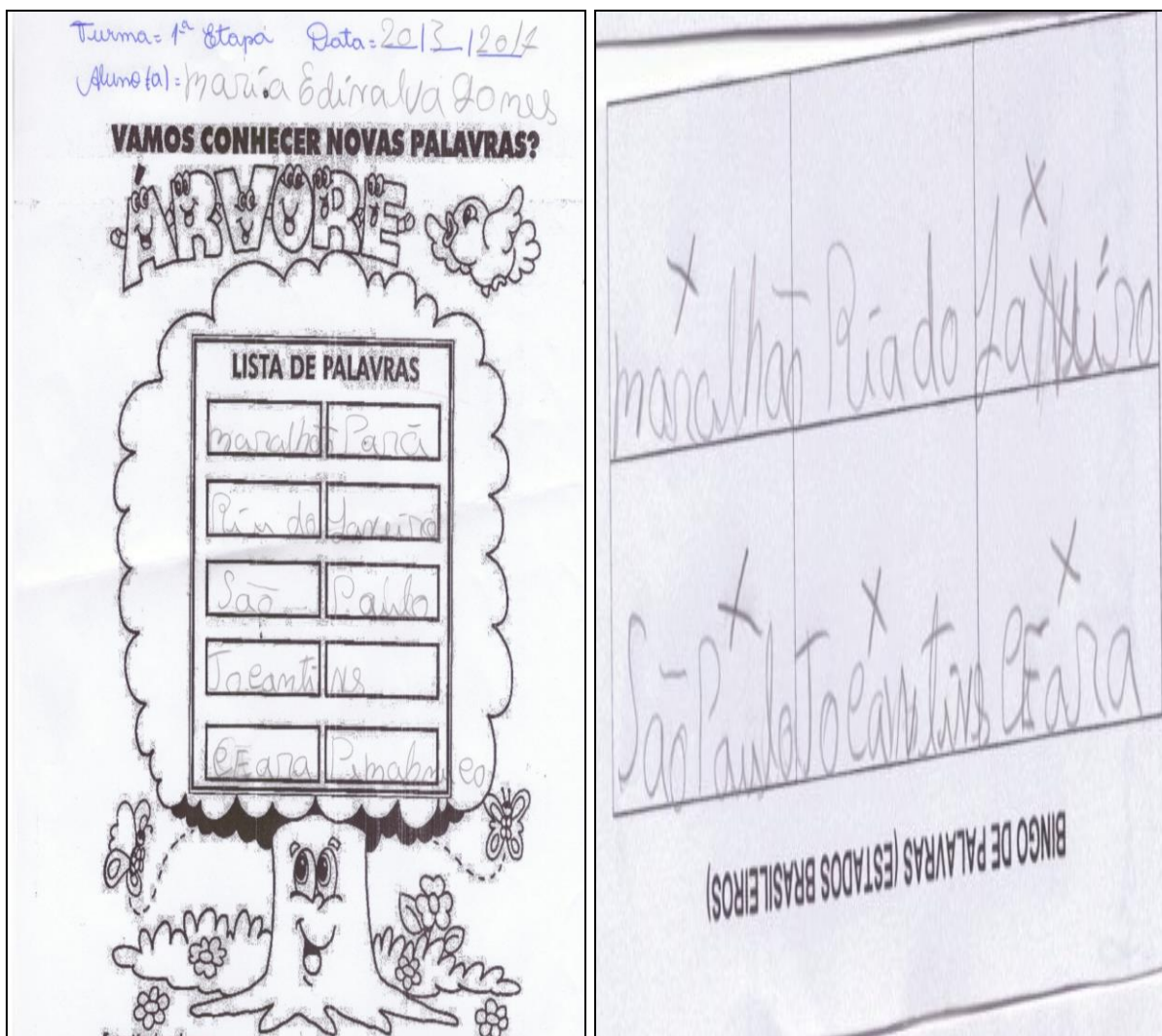


Bingo 2

Observa-se que para a realização do bingo, o aluno precisou escrever todas as palavras ditadas na primeira folha para depois transcrevê-las apenas 6 palavras para a cartela de bingo, percebe-se que este aluno errou apenas a palavras Sergipe iniciando com a C em vez de S, porém é importante destacar que o mesmo usou o livro onde encontrava todas os nomes dos estados brasileiros, nessa situação percebemos que se trata de um aluno copista e que precisa desenvolver a escrita autônoma e a leitura.



Nota-se no bingo 3, que a aluna escreveu todas as palavras corretamente exceto na palavra Ceará, pois escreveu “Ciara” e na palavra Tocantins ao deixar a palavra incompleto escrevendo somente “toci”, mas apesar destes erros a aluna desenvolveu muito bem a sua escrita e leitura, porém a mesma deve atentar mais para sua escrita, pois percebe-se que a sua dificuldade está mais voltada para desenvolver a escrita autônoma.



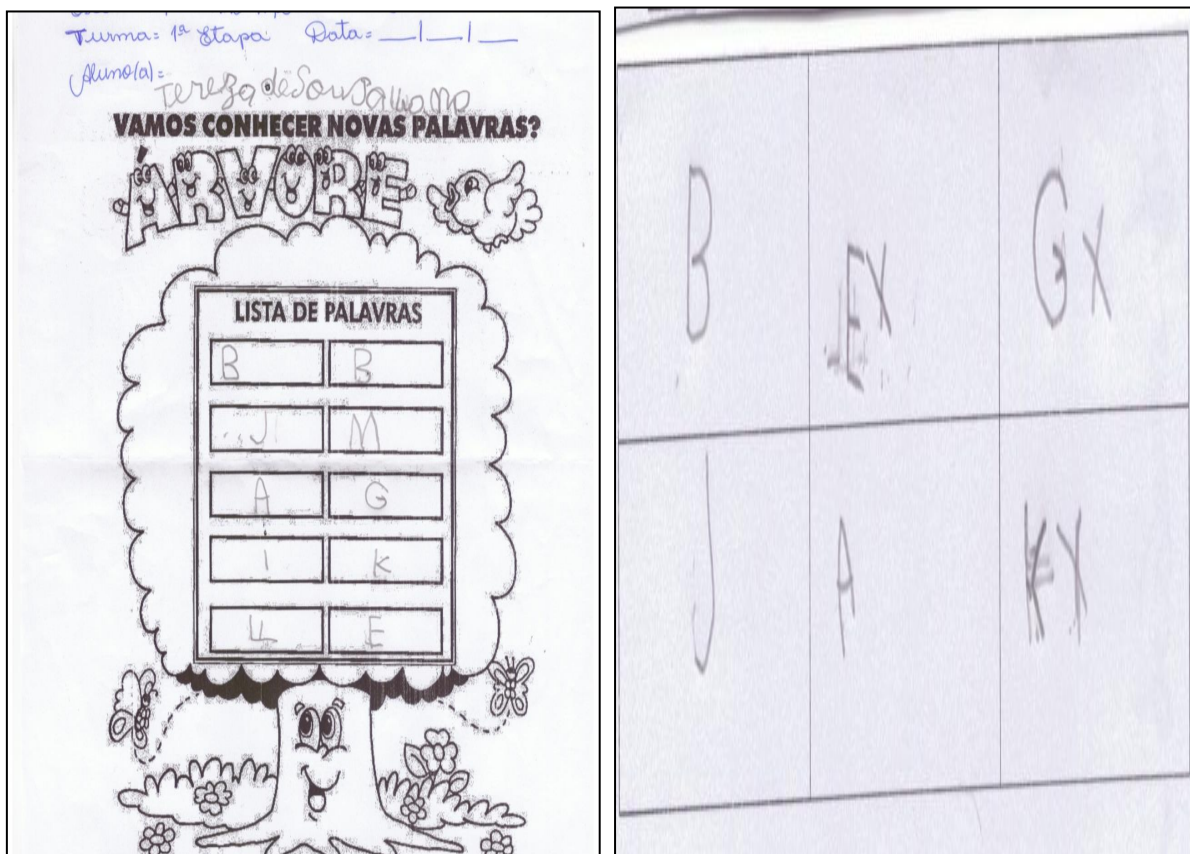
Bingo 4

No bingo 4, percebe-se que a aluna em alguns casos na primeira folha usou 2 espaços para escrever uma única palavra, escrevendo somente 7 palavras sendo que foram ditadas 10 estados brasileiros, além de notar que na palavra Maranhão a aluna escreve “Maralhão”, sendo que esse estado faz parte da sua história de vida, pois é o estado natal da aluna.

Na cartela de bingo ao transcrever as 6 palavras para a cartela, a mesma escreve somente 5 palavras e uma destas é usado em dois espaços para escrever uma única palavra, percebe-se que a aluna escreveu todas as palavras do lado inverso da cartela de bingo, além de notar que a educanda fez um X em todas as palavras, mas deixou de ganhar o prêmio por ter escrito somente 5 palavras em vez de 6.

A dificuldade desta aluna está na escrita, pois na leitura já teve um avanço significativo. É importante que educadores usem os conhecimentos prévios dos alunos e de seu mundo para desenvolver um trabalho eficaz de alfabetização e letramento, fazendo com

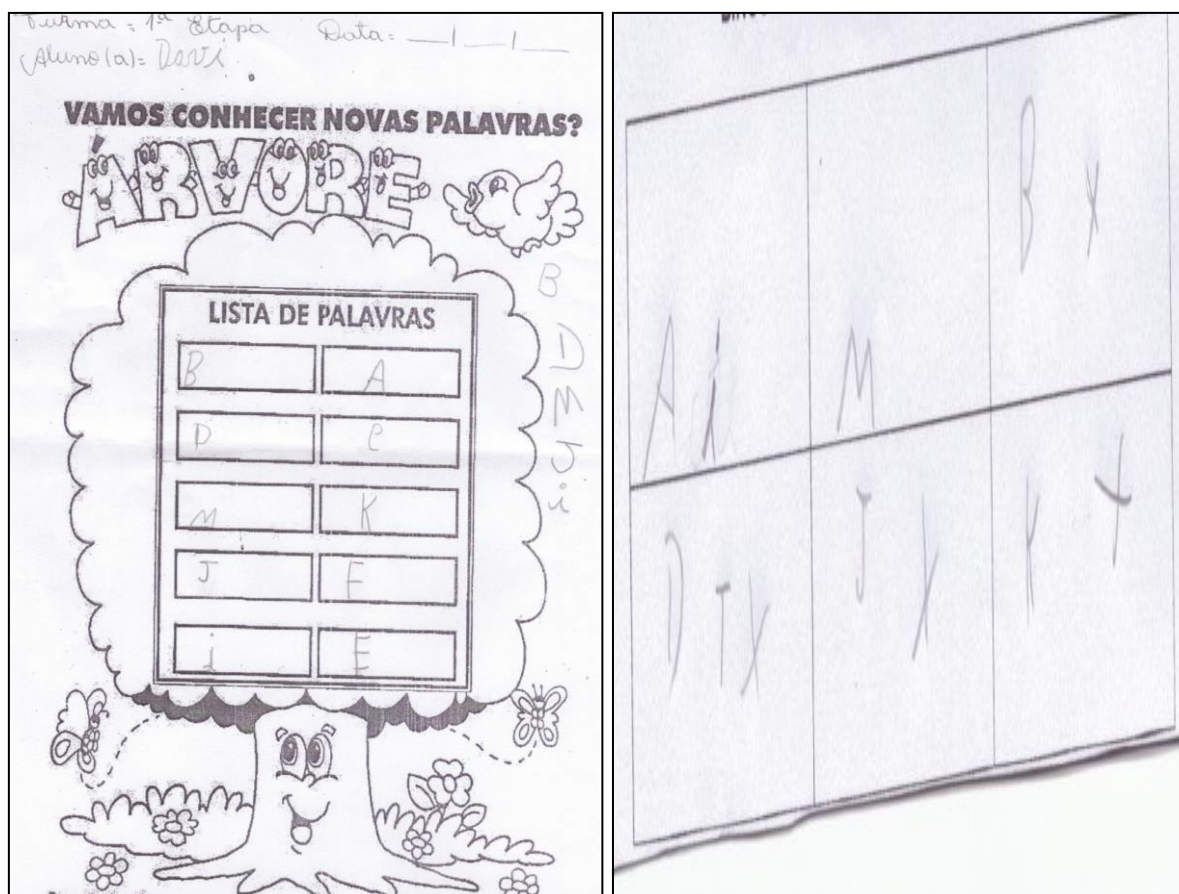
este educando sejam cidadãos capazes de usarem seus conhecimentos aprendidos na escola em sociedade.



Bingo 5

No bingo 5, em vez de palavras dos estados brasileiros foram ditadas letras do alfabeto, pois esta aluna ainda não desenvolveu a leitura e nem a escrita autônoma, no entanto desenvolveu a escrita do seu nome, identifica todas as letras do alfabeto e consegue ler sílabas simples, apesar de possuir 88 anos de idade é uma aluna dedicada e comprometida com os estudos.

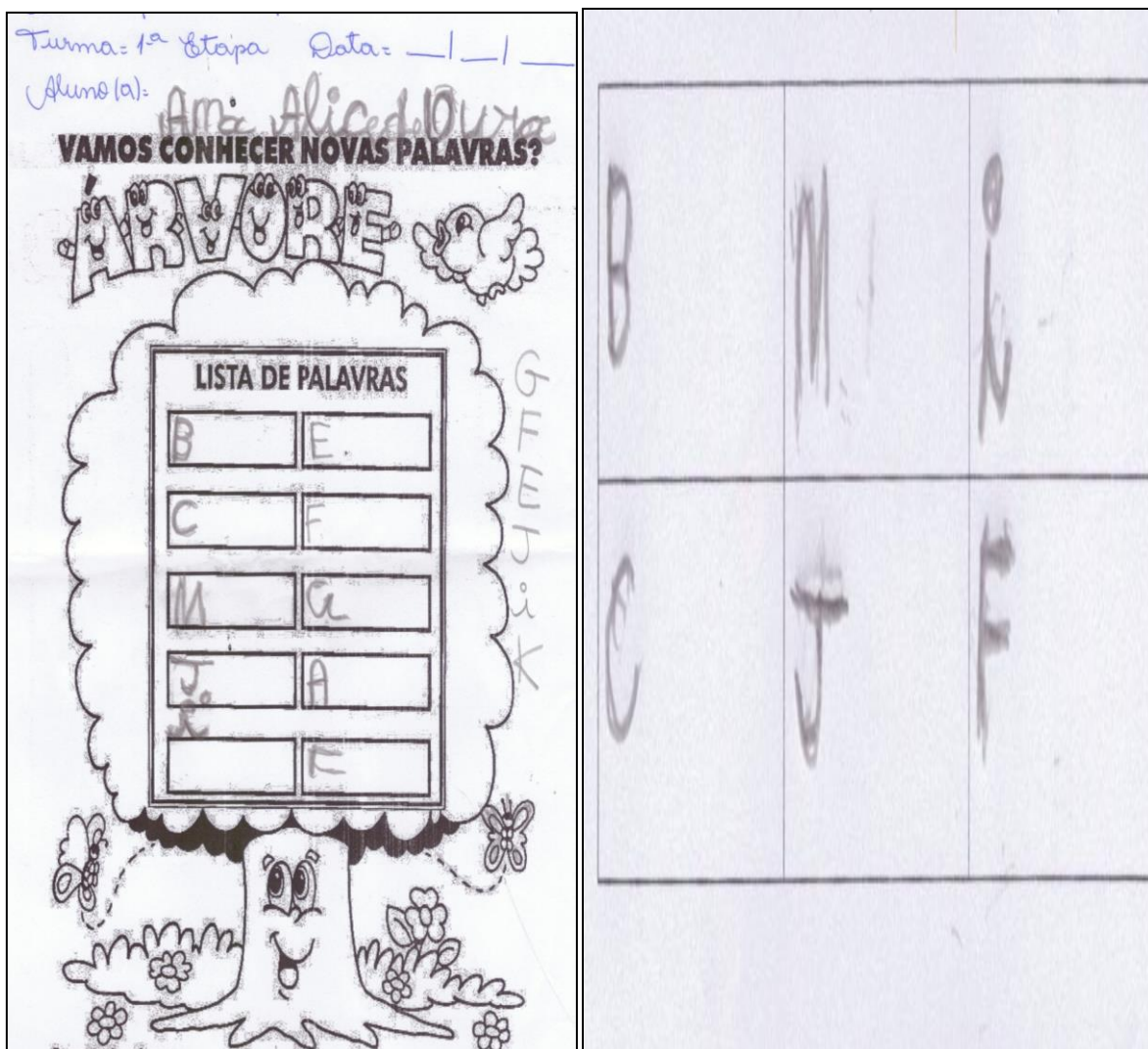
São alunas como esta senhora que demonstra que nunca é tarde para aprender, pois é assegurado na Constituição Federal de 1988 o direito de todo cidadão seja ele criança, adolescente, adulto ou idoso a educação.



Bingo 6

Observa-se no bingo 6, na primeira folha há várias letras ao lado (escritas por mim), pois o aluno não sabia escrever tais letras, então a todo momento precisou da minha ajuda. É importante citar que este aluno em julho de 2016 sofreu um grave acidente perdendo toda sua memória ficando sem os movimentos do corpo e a fala, mas com o decorrer dos meses o mesmo teve uma grande melhora, voltando a falar e andar, porém sua memória continua sem retonar.

O ano de 2016 o aluno já sabia ler e escrever com poucas dificuldades, porém com este lamentável acidente esqueceu tudo, não sabendo nem escrever seu próprio nome sem auxílio. Para participar deste bingo de palavras contou com minha ajuda e de um colega da sala para escrever as letras ditadas e o seu nome. Percebe-se que o aluno escreveu somente seu o primeiro nome, pois não soube dizer o nome completo para ser escrito.



Bingo 7

Percebe-se no bingo 7, que a aluna não conseguiu escrever seu nome completo esquecendo algumas letras para compor a palavra “Oliveira”, observa-se que ao lado da primeira folha está escrito 6 letras do alfabeto, estas foram as letras que a aluna não conseguiu escrever sozinha e precisou que eu a escrevesse para ser transcritas nos espaços designados, sendo assim a mesma conseguiu escrever sozinha apenas as letras A, C, M e B as demais precisou de auxílio. Portanto, nota-se que a educanda possui dificuldade em reconhecer as letras e até na escrita do seu próprio nome.

Freire (1996), sem fazer uso da terminologia letramento, já a utilizava em seus debates nos estudos das palavras geradoras, por meio de suas concepções de leitura e escrita, bem como da realidade onde estavam inseridos os alfabetizando na perspectiva do meio social.

Nessa perspectiva, é essencial trabalhar conteúdos extraídos da sua realidade e que atividades como estas ajudam a conhecer os estados que compõem o nosso país além de ajudar a fixar e reconhecer as letras do alfabeto.

Para Soares (2000), todo o trabalho que envolve o ensino da leitura e da escrita deve ser dentro da proposta de letramento, proporcionando ao aluno adquirir um grau de letramento cada vez mais elevado. Desenvolver com os alunos um conjunto de habilidades e comportamentos de leitura e de escrita que lhe permitam fazer uso das capacidades técnicas de ler e escrever no meio social.

Soares (2000) ao abordar sobre letramento enfatiza que nenhum ensino pode se contentar simplesmente em ensinar a ler e escrever, mas que deve oferecer aos indivíduos, uma vez alfabetizados, condições para o letramento, isto é, condições para o desenvolvimento cada vez mais intenso e extenso das habilidades de escrita e de leitura, e principalmente, sem fazer a dissociação da alfabetização e do letramento, pois um completa o outro nesse processo de ensino.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, o objetivo principal foi buscar junto aos educandos as principais dificuldades encontradas no processo de alfabetização e letramento da Educação de Jovens e Adultos e, também, verificar como a formação dos professores pode influenciar neste processo de ensino e aprendizagem. Através de estudos na literatura e artigos buscou-se argumentações para entender a grande importância de trabalhar a alfabetização dentro da perspectiva do letramento.

Dentro da perspectiva do letramento, a alfabetização não deve ser um ato mecânico de memorização de letras, palavras e conceitos, mas o processo de alfabetização deve estar voltado para a importância de ler o contexto e o mundo dos alunos desta modalidade de ensino, uma vez que eles já possuem sua cultura, sua profissão e um vasto conhecimento de vida. Portanto, o ensino deve partir da realidade do aluno, da sua cultura e das suas motivações.

A Educação de Jovens e Adultos, no Brasil, configura-se como um despertar de um período histórico conturbado por problemas políticos, econômicos, culturais e sociais. Sua trajetória é marcada por avanços e retrocessos educacionais. Por muito tempo, a Educação de Jovens e Adultos foi vista como uma compensação e não como um direito. Esta modalidade de ensino deve priorizar uma formação pedagógica para professores específica para atender às reais necessidades dos alunos desta modalidade, garantindo uma educação de qualidade, suprimindo as necessidades de aprendizagem, fazendo com que os alunos adquiram competências da leitura e da escrita para atingir melhores condições de vida e desenvolver níveis maiores de letramento. Suas práticas educativas devem privilegiar a realidade de vida dos sujeitos e o diálogo constante entre professor e aluno.

Por meio do trabalho consciente, engajado com a proposta de letramento que o aluno da Educação de Jovens e Adultos, vai interagir eficientemente com as práticas sociais de leitura e escrita em sociedade. Nesta perspectiva, o aluno não ficará com uma postura passiva diante dos acontecimentos sociais, mas será capaz de interagir e modificar a realidade social na qual vive, no entanto para que isto ocorra o trabalho pedagógico do professor deve acenar dentro da postura de letrador, para essa mudança.

Foram entrevistados seis alunos através da entrevista semi-estruturada, com 18 perguntas e ao final do trabalho, pode-se comprovar que há uma necessidade de serem elaboradas atividades em sala de aula, as quais valorizem os conhecimentos prévios dos educandos, pois quando o trabalho de alfabetização é incorporado na perspectiva do letramento há mudanças significativas. Os alunos têm anseio em aprender a ler e escrever, diante deste resultado, percebe-se que em muitos casos o ato do retorno à escola teve como motivo a realização de um sonho em aprender a ler, e também ficou bastante claro por parte dos entrevistados que não pretendem parar de estudar, mas chegar a cursar um curso profissionalizante ou superior futuramente.

A escola deve ser capaz de oferecer ao aluno o que ele necessita no aspecto das suas dificuldades de aprendizagem, sabemos que “fórmulas prontas” não existem, mas é importante que educadores possam mudar, experimentar e acrescentar em suas práticas pedagógicas sempre que houver necessidade, pois tudo é uma constante mudança, as pessoas mudam, o mundo muda, tudo se transforma com o tempo e nada permanece igual, sendo assim o profissional da educação necessita acompanhar tais mudanças para formar pessoas críticas e autônomas.

Diante de tudo pesquisado, posso concluir que não basta somente o educador refletir e discutir sobre as questões do ensino, tão somente, se não forem em busca de mudança, se não permitirem mudanças em suas práticas. A Educação de Jovens e Adultos necessita de uma educação de qualidade, uma educação que satisfaça as necessidades de aprendizagem dos educandos dentro da perspectiva do letramento. Portanto, as dificuldades de aprendizagens encontradas na 1ª Etapa da Educação de Jovens e Adultos estão intimamente associadas à desmotivação por parte de alunos, problema de memória ocasionado pela idade, atividades desvinculadas da proposta de letramento e em alguns casos problema de visão.

REFERÊNCIAS

- 1.1.1 ALVES, Zélia Mana Mendes Biasoli; SILVA, Maria Helena G. F. Dias da. **Análise qualitativa de dados de entrevista:** uma proposta. Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto, fev./jul 1992, nº 2. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X1992000200007. Acessado em: 15 fev. 2017.

ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia de; LEAL, Telma Ferraz; MORAES, Artur Gomes. **Alfabetizar letrando na EJA:** fundamentos teóricos e propostas didáticas. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues; STRECK, Danilo Romeu. **Pesquisa Participante:** o saber da Partilha. São Paulo: Ideias e Letras, 2006.

BRASIL. Carta Magna de 1824. **Presidência da República**, Rio de Janeiro, v. 4, p. 17, abril. 1824.

BRASIL. Decreto-Lei nº 3.029, de 09 de janeiro de 1881 (Lei Saraiva). **Coleção de leis do Império do Brasil**, Brasília, DF, v. 1, p. 1, jan. 1981.

BRASIL. Decreto-Lei nº 53.886, de 14 de abril de 1964. **Coleção de leis do Brasil**, Brasília, DF, v. 4, p. 11, abr. 1964.

BRASIL. Decreto-Lei nº 57.895, de 28 de fevereiro de 1966. **Coleção de leis do Brasil**, Brasília, DF, v. 2, p. 536, fev. 1966.

BRASIL. Decreto-Lei nº 5.379, de dezembro de 1967. **Coleção de leis do Brasil**, Brasília, DF, v. 7, p. 86, fev. 1966.

BRASIL. Constituição (1988). Emenda Constitucional nº 14, de 12 setembro de 1996. **Lex**: Diário Federal da União, Brasília, DF, set. 1996.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394 de 1966. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, dez. 1966.

BRASIL. Lei Federal de Diretrizes e Bases (LDB) nº 5.692, de 11 de agosto de 1971. **Coleção de leis do Brasil**, Brasília, DF, v. 5, p. 59, ago. 1971.

BRASIL. **Lei Constituição Federal (1988)**. Brasília, DF, out. 1988.

BRASIL. **Plano Nacional de Educação**. Disponível em: http://pne.mec.gov.br/images/pdf/pne_conhecendo_20_metas.pdf. Acessado em: 23 fev. 2017.

DI PIERRO, Maria Clara; HADDAD, Sérgio. **Escolarização de jovens e adultos**. Revista Brasileira de Educação, maio, junho, julho e agosto de 2000, nº 14. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n14/n14a07>. Acesso em: 30 abr. 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários a prática educativa. São Paulo: Paz e terra, 1996.

FERREIRO, Emília. **Reflexões sobre alfabetização.** São Paulo: Cortez Editora, 1995.

_____. **Alfabetização em processo.** São Paulo: Cortez: Autores associados, 1991.

KLEIMAN, Angela B; SIGNORINI, Inês e colaboradores. **O ensino e a formação do professor:** alfabetização de jovens e adultos. Porto Alegre: Artmed, 2001.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em Educação:** Abordagens Qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

PAIVA, Vanilda Pereira. **História da Educação Popular no Brasil:** educação popular e educação de adultos. São Paulo: Loyola, 2003.

PINTO, Álvaro Vieira. **Sete lições sobre educação de adultos.** São Paulo: Cortez, 2010.

ROCHA, Raquel da Silva; SOUZA, Solange Gois de. **Práticas de Alfabetização na Educação de Jovens e Adultos.** São Paulo: Cortez, 2013.

SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

_____. **Alfabetização e Letramento**: caminhos e descaminhos. Revista Pátio – Revista Pedagógica de 29 de fevereiro de 2004. Disponível em: <https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/40142/1/01d16t07.pdf>. Acesso em: 25 set. 2016.

TEBEROSKY, Ana. **Aprender a ler e escrever**: uma proposta construtivista. Porto Alegre, 2003.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Currículo usado pelos alunos da 1ª Etapa da EJA

CURRÍCULO

Dados Pessoais

Nome: _____

Endereço: _____

Bairro: _____ Cidade: _____

Telefones: () _____

Idade: _____

Formação

Qualificações

- Curso: _____
- Instituição: _____
- Curso: _____
- Instituição: _____

Experiência Profissional

- Empresa: _____
- Função: _____
- Período: _____
- Empresa: _____
- Função: _____
- Período: _____

APÊNDICE B – Roteiro de entrevista direcionado a professora da 1ª Etapa da EJA

1. Nome e formação pedagógica?
2. Quanto tempo de docência na EJA?
3. Você fez alguma especialização para trabalhar na EJA?
4. Você trabalha com a EJA fundamentada em algum posicionamento teórico?
5. Qual sua avaliação sobre a EJA?
6. Em sua opinião, quais as dificuldades que os alunos enfrentam no processo da aquisição da leitura e da escrita?
7. Quais estratégias você utiliza para ajudar seus alunos a superar as dificuldades de aprendizagem?
8. Quais são os maiores desafios de ser uma professora da EJA?
9. Como realizam os recortes do conteúdo para as turmas da EJA?
10. Qual o perfil da turma?
11. Como você acha que deve ser uma escola para aluno trabalhador?

12. Em sua opinião, o uso de recursos tecnológicos facilita o aprendizado?
13. De que forma contribui positivamente para a formação do aluno?
14. E quando tinha formação, como ela era?
15. Como seus alunos são avaliados?
16. O que você faz quando os alunos não estão no mesmo ritmo de aprendizagem?
17. O que lhe traz mais satisfação em relação ao ensino-aprendizado dos alunos?
18. Existe uma socialização de planejamento entre os professores da EJA na escola?
19. Qual o índice de frequência dos alunos?
20. Que materiais dos conhecimentos dos alunos são utilizados em sala de aula?
21. Quais as características do aluno da EJA?
22. Em sua opinião o processo de alfabetização, os alunos já trazem conhecimento suficiente de casa ou é necessário alfabetizá-lo?
23. Em sua opinião, a formação e a metodologia do professor pode influenciar no desenvolvimento de aprendizagem dos alunos?

APÊNDICE C – Roteiro de entrevistas direcionado a professora da 2ª Etapa da EJA

1. Qual sua formação?
2. Quanto tempo de docência na EJA?
3. Quais as maiores dificuldades que você enfrenta em sala de aula?
4. A Secretaria de Educação oferece formação continuada aos professores?
5. Qual o perfil da turma da EJA?
6. Em sua opinião, qual a maior dificuldade que os alunos enfrentam em sala de aula?
7. Em suas aulas você usa alguma ferramenta tecnológica?
8. Há planejamento entre toda a equipe escolar?
9. Você usa algum conhecimento do aluno em sala de aula?
10. A evasão é muito grande na EJA?
11. Fora os motivos externos, dentro da escola de alguma forma tem algum motivo que pode fazer com que haja evasão?
12. O professor em sua ação influencia a evasão?

13. Mas em sua opinião, se o professor não tiver essa interação com os alunos há evasão?

APÊNDICE D – Roteiro de entrevistas direcionado aos alunos da 1ª Etapa da EJA

1. Nome, idade e profissão?
2. Por qual motivo você precisou parar de estudar?
3. Quando você teve o primeiro contato com a escola?
4. Você estudou até que série e tinha quantos anos?
5. Em sua opinião, o tempo perdido de não ter estudado lhe prejudicou? De que forma?
6. O que você esperava das aulas antes de começar a estudar? Superou suas expectativas?
7. O que você aprende em sala de aula, você utiliza em seu dia a dia? De que forma?
8. A forma que a professora ensina é de fácil entendimento?
9. Ao longo da sua vida você se sentiu discriminado por não ter completado os estudos?
10. Antes de voltar a estudar, você já tinha noção da escrita e da leitura?
11. Quais as dificuldades de aprendizagem você enfrenta em sala de aula?
12. Por que você quer aprender a ler?

13. Quais as dificuldades para se manter na escola?
14. O que te incentivou a voltar a estudar?
15. O ano passado (2016) porque você desistiu?
16. E esse ano de 2017 pensa em desistir? Por quê?
17. Você acha adequado o material (livro didático, texto xerocado) usado em sala de aula pela professora?
18. Agora que voltou a estudar, quais são os seus sonhos?

APÊNCIDE E – Transcrição das entrevistas direcionadas as professora da 1ª e 2ª Etapa da EJA

Entrevista com a Professora da 1ª Etapa da EJA:

1. Nome e formação pedagógica?
Meu nome é “M”, graduada em Pedagogia e mestrado em Ciências da Educação.
2. Quanto tempo de docência na EJA?
Seis anos
3. Você fez alguma especialização para trabalhar na EJA?
Não direcionada a EJA. Primeiro fui coordenadora da EJA, depois passei a ser professora da EJA.
4. Você trabalha com a EJA fundamentada em algum posicionamento teórico?

Não. Até porque não existem livros direcionados para EJA, a gente tem muita dificuldade de adaptar as atividades. Tem que ir buscar, tem que pesquisar, e não existe, assim, um livro direcionado. Os livros que nós temos, são umas cartilhas, um livro que não condiz com a realidade dos alunos, até porque a minha turma, ela composta por alunos de maior idade, acima de 30 anos, tenho alunos de 70, 68 de 88 anos, então os livros não são adaptados para essa faixa etária.

5. Qual sua avaliação sobre a EJA?

Nos últimos anos, nesse ultimo governo que tivemos aí, a educação da EJA está assim, muito jogada, na verdade a EJA está em péssimas condições. Nós não temos formação, nesse ultimo mandato do prefeito, nós não tivemos formação nenhuma, a formação que nós temos é sentar, pesquisar buscar conhecimentos para poder desenvolver a aula, e até porque a coordenadora ela trabalha em três escolas, então ela vem dois dias na semana, a maioria dos professores nem conhece a coordenadora pedagógica.

6. Em sua opinião, quais as dificuldades que os alunos enfrentam no processo da aquisição da leitura e da escrita?

O que eu observo no decorrer do ano é a questão da visão, os alunos tem muita dificuldade de enxergar as letras e assim, nós também tem muita dificuldade de imprimir, porque tem vez que tem tinta na impressora, tem fez que falta folhas e a gente tem que se virar, escrever de pincel, escrever manualmente para poder o aluno não ficar sem atividade nesse dia, mas assim, não tem nenhum programa que ajude na questão do óculos, da consulta no oftalmologista, esses é um dos problemas que mais se vê na educação de jovens e adultos.

7. Quais estratégias você utiliza para ajudar seus alunos a superar as dificuldades de aprendizagem?

Há! Atividades diversificadas, a gente tenta buscar atividades de acordo com os conhecimentos dos alunos, textos, atividades direcionada a aquela faixa etária, assim, eles tem conhecimentos muito vasto de vida, a dificuldade mesmo é de conhecer as letras e de leituras.

8. Quais são os maiores desafios de ser uma professora da EJA?

Os desafios que nós encontramos é o seguinte, nós não temos formação, não temos hora pedagógica reservada, exclusivamente pra nós, nós não temos um professor pra substituir a gente na hora de fazer as formações, quando tinha formações, quando tinha formação os alunos ficavam sem aula. A gente encontra desafio de sala de aula, sem luz, sem energia, sem

ar condicionado, é no calor fica mudando de sala, a direção também não ajuda muito nos momentos, e para você desenvolver um bom trabalho você tem que ser um professor bem responsável, tem que buscar, inovar, trazer aulas inovadoras. Eu faço de tudo para que eles não vão embora, eu levo eles para sala de recursos. A gente sempre tá buscando para ver se eles não desistem.

9. Como realizam os recortes do conteúdo para as turmas da EJA?

Então, quando a gente tinha formação, a gente tinha o plano de curso da EJA, só que aí, como não teve mais formação a gente continuou usando e vai adaptando, fazendo planejamento de acordo com a realidade que a gente tem enfrentado no dia a dia.

10. Qual o perfil da turma?

A turma ela é multisseriada, tem uns que não conhecem nem as letras do alfabeto, encontramos alunos que leem, encontramos alunos que lê, mas não produzem e alunos que produzem textos e assim, é na faixa etária bem mais alta, os jovens são poucos na primeira etapa é mais adultos mesmo, adultos de terceira idade já.

11. Como você acha que deve ser uma escola para aluno trabalhador?

Que estivesse uma merenda de qualidade, porque aqui a gente observa que eles vêm do trabalho direto pra escola, eles não jantam em casa, e a gente observa que o dia que não tem merenda eles ficam muito triste querendo ir embora, e pra ser uma aula de qualidade tinha que ter merenda, umas carteiras confortáveis, porque aqui a gente observa que são trabalhadores de serviços pesados, como: domésticas, pedreiros, auxiliar de pedreiro, lavador de carro, ajudante de rua, descarregador de carros, mototaxista que pega muito sol, pega chuva, esses tipos de pessoas que temos em nossa sala de aula.

12. Em sua opinião, o uso de recursos tecnológicos facilita o aprendizado?

Nossa! Pra quem sabe usar facilita sim.

13. De que forma contribui positivamente para a formação do aluno?

Conhecer as letras do alfabeto, digitar, aprender a manusear, tem alunos que nunca tinham visto um mouse, não sabia nem como pegar no mouse e hoje eles já produzem texto, já vão com maior prazer pra sala de informática, na quarta feira eles ficam todos empolgados. Para eles foi um recurso muito importante.

14. E quando tinha formação, como ela era?

Era a cada dois meses, a gente ia para velha marabá e pra cidade nova e aí a gente ia debater os conteúdos que trabalhava, os conteúdos que a gente queria modificar, e tinha o acompanhamento da escola, individualmente para cada professor, era muito bom.

15. Como seus alunos são avaliados?

Dia a dia, no dia a dia a gente ver se realmente esta desenvolvendo, através de atividades, de conversas, dia de provas avaliativas, não é a prova que vai dizer se ele aprendeu ou não, mais o dia a dia no cotidiano, a avaliação é feita mesmo no cotidiano.

16. O que você faz quando os alunos não estão no mesmo ritmo de aprendizagem?

Então, aí você tem que fazer atividades diversificadas, individualmente, para os alunos que não dão conta de escrever no quadro tirar do quadro, e você tem que diversificar, fazer atividades diversas, recorte e colagem, aumentar o tamanho da letra para poder haver uma melhora da visão das palavras dos conteúdos.

17. O que lhe traz mais satisfação em relação ao ensino-aprendizado dos alunos?

Ver que eles estão aprendendo a ler, eles gostam de vir para a sala de aula, o meu maior prazer é ter um aluno que tem prazer em vir para a escola, e de um aluna que tem 88 anos, eu aprendi muito com essa minha aluna, eu tenho orgulho de ser professora da educação de jovens e adultos.

18. Existe uma socialização de planejamento entre os professores da EJA na escola?

Existe, a gente sempre senta com a vice diretora, com a coordenadora para decidirmos algumas metas, projetos. Esse ano foi muito difícil por conta dessas greves, a gente sempre tinha um calendário, festividades, todas as datas comemorativas a gente trabalhava, esse ano foi o pior ano da minha vida na educação.

19. Qual o índice de frequência dos alunos?

Esse ano foi um dos piores, a gente teve um índice muito grande de reprovações, de desistências, a greve contribuiu para que isso acontecesse infelizmente nós estamos em um país onde os políticos fazem o que querem e quem sofre são os professores e os alunos. E estamos tentando trazê-los para sala de aula, mas está difícil.

20. Que materiais dos conhecimentos dos alunos são utilizados em sala de aula?

Geralmente a gente traz um texto e faz uma roda de conversa, e aí a gente vai perguntando, conversando e eles vão falando da realidade deles, porque não estudaram o que aconteceu, é um riquíssimo trabalho.

21. Quais as características do aluno da EJA?

Então, nós temos a primeira etapa que são mais adultos, a terceira etapa, são mais adolescentes e são pessoas que não foram na escola, os pais não deixaram, preferiam que eles trabalhassem na roça. São pessoas que não estiveram realmente a oportunidade de verdade de estudar.

22. Em sua opinião o processo de alfabetização, os alunos já trazem conhecimento suficiente de casa ou é necessário alfabetiza-lo?

Eles trazem conhecimentos diferentes, mas assim, as letras a leitura, essa questão da leitura tem que ensinar para alguns, são vários perfis.

23. Em sua opinião, a formação e a metodologia do professor pode influenciar no desenvolvimento de aprendizagem dos alunos?

Muito! Se o professor não estiver a capacidade de diversificar atividades do dia a dia, no decorrer do mês ela perde todos seus alunos, professor tem que ter estratégias, mesmo sem formação, sem conhecimento, sem essa preparação o professor tem que ser muito esperto se não ele encerra o ano sem nenhum aluno em sala de aula.

Entrevista com a Professora da 2ª Etapa da EJA

Professora “J”

1. Qual sua formação?

Graduada em Pedagogia e Educação Física.

2. Quanto tempo de docência na EJA?

Cinco anos

3. Quais as maiores dificuldades que você enfrenta em sala de aula?

Manter os alunos com o mesmo foco do início do ano até o final do ano, porque a maioria deles são pessoas de idade, pessoas que trabalham, pessoas que as vezes tem que se deslocar de um município pra outro município e agente acaba muitas das vezes perdendo alguns alunos.

4. A Secretaria de Educação oferece formação continuada aos professores?

No ano de 2016 não tivemos formação, mas sempre havia nesses 5 anos que estou sempre teve, mas o problema de gestão, de administração do município não estava tendo principalmente pra EJA.

5. Qual o perfil da turma da EJA?

São jovens, são pessoas idosas também que deixaram de ter a oportunidade de ir a escola no tempo certo e que agora eles procuram pra poder aprender a escrever o nome, outros pra poder interagir. Alguns jovens vem porque querem, outros forçados pelos pais e outros vem forçado pelo Conselho Tutelar porque não podem ficar na rua tem ficar na escola se não são recolhidos, então são uma turma diversificada.

6. Em sua opinião, qual a maior dificuldade que os alunos enfrentam em sala de aula?

Eu acredito que seja mesmo a aprendizagem porque assim, como são a maioria deles pessoas de idade mais elevada e eles acabam ficando um pouco desacreditados, às vezes eles estão até se apropriando do conhecimento, mas não querem acreditar que estão conseguindo escrever e que estão conseguindo a ler, eles tem essa dificuldade de acreditar em si. A gente sempre tem que estar incentivando para que eles possam acreditar neles que eles são capazes.

7. Em suas aulas você usa alguma ferramenta tecnológica?

Nós usamos a sala de informática uma ou duas vezes por semana e estamos sempre levando os alunos lá.

8. Há planejamento entre toda a equipe escolar?

Sim, como em 2016 tivemos um sistema de modificação da coordenação. A coordenação ficou um pouco a desejar porque quando a coordenadora não estava aqui estava em outra escola, mas a gente quanto profissional já sabe como praticamente como funciona da questão da organização e a gente se planeja dentro daquilo que é proposto no Plano de Curso.

9. Você usa algum conhecimento do aluno em sala de aula?

Sim, é importantíssima essa questão da gente usar o conhecimento do aluno porque a gente não é o detentor do conhecimento, eles sempre têm algo que a gente possa estar aproveitando sim, as histórias de vida, aqueles momentos de diálogo entre eles e é muito bem aceito entre eles trabalhar a oralidade contando a própria de vida deles.

10. A evasão é muito grande na EJA?

Sim, por diversos motivos, temos pessoas que vai aos pouco se desestimulando, pessoas que tem que trabalhar, temos aqui muitos alunos que são moto táxi, pessoas que trabalham quando tem show com vendas de bebidas, são pais de família que acaba se afastando aos poucos e quando a gente vê já deixou de vir, temos jovens também que são forçados e acabam saindo, a criminalidade aqui já perdemos muitos alunos em 2016, pessoas que se envolveram em situações difíceis e vai indo a evasão é muito grande.

11. Fora os motivos externos, dentro da escola de alguma forma tem algum motivo que pode fazer com que haja evasão?

Acredito que não, porque nós procuramos estar tratando da melhor forma possível, é claro que todo local de trabalho tem suas regras e eu acredito que a gente para construir um conhecimento nós também temos que estabelecer regras dentro do local de trabalho, então o que a escola exige é o respeito entre os próprios funcionários e os educandos para que haja um trabalho porque se não tiver não vai a lugar nenhum.

12. O professor em sua ação influencia a evasão?

Eu como professora e há cinco anos que estou aqui, eu não acredito que eu tenha contribuído pra isso porque são pessoas que a gente observa pela própria fala deles que graças a Deus sou bem querida entre os alunos e inclusive as outras turmas vão para a minha janela e às vezes até tenho que pedir pra sair, então é porque gostam de mim porque interajo com todos os alunos do jovem ao adulto, comigo não tem esse problema não, não sei outros professores por aí.

13. Mas em sua opinião, se o professor não tiver essa interação com os alunos há evasão?

É interessante discutir sobre esse assunto, porque cada educador tem uma visão, mas aqui entre nós colegas discutimos muito nas nossas reuniões na questão da gente manter os nossos alunos em sala, é uma coisa que a gente sempre está batendo na tecla, meios para incentivar a questão da arte, da cultura dentro da escola, então assim, nós temos que ter a preocupação de manter a nossa carga horária, pois se a gente fizer com que o nosso aluno se afaste da escola nós também estamos perdendo o nosso trabalho.

APÊNCIDE F – Transcrição das entrevistas direcionadas aos alunos da 1ª Etapa da EJA

ALUNO J:

1. Nome, idade e profissão?

Meu nome é J, tenho 37 anos e sou pedreiro, mas trabalho como segurança.

2. Por qual motivo você precisou parar de estudar?

Por falta de interesse mesmo, eu não boto a culpa nos meus pais, eu mesmo que não me interessei por estudar.

3. Quando você teve o primeiro contato com a escola?

Quando criança, porque a gente morava na roça e não ligava muito pra estudo, pra nós a gente achava que tudo era roça e quando fui pra cidade às coisas mudaram. Voltei a estudar em 2016 aqui nesta escola.

4. Você estudou até que série e tinha quantos anos?

Até a 2ª série, tinha 13 anos.

5. Em sua opinião, o tempo perdido de não ter estudado lhe prejudicou? De que forma?

E muito. Porque eu trabalhava em uma grande empresa aqui em Marabá no cargo de serviços gerais e eles viram a minha capacidade eles me ofereceram um cargo de gerente, mas fui obrigado a pedir conta pra não passar vergonha. Agora mesmo quando estava em Goiânia recebi uma proposta de fiscal em uma empresa grande também, mas por causa dos estudos fui obrigado a recusar.

6. O que você esperava das aulas antes de começar a estudar? Superou suas expectativas?

Estava ansioso pra saber como é que era, esperava aprender porque não sei quase nada, mas esse ano vou aprender. Superou as minhas expectativas.

7. O que você aprende em sala de aula, você utiliza em seu dia a dia? De que forma?

Sim, utilizo. Uso conhecimento no dia a dia o pouco que aprendi tendo usar durante o dia.

8. A forma que a professora ensina é de fácil entendimento?

É muito bom porque antes quando estudei era mais difícil, hoje acho mais fácil.

9. Ao longo da sua vida você se sentiu discriminado por não ter completado os estudos?

Sim, porque muitas vezes fui chamado de burro e outras palavras também que não aprendi porque não quis, então isso em vez de me deixar pra baixo foi me incentivando a estudar, não me deixou pra baixo, fiquei feliz por me incentivar a estudar, se estou aqui hoje na sala de aula foi por essas palavras.

10. Antes de voltar a estudar, você já tinha noção da escrita e da leitura?

Já tinha sim.

11. Quais as dificuldades de aprendizagem você enfrenta em sala de aula?

Porque as letras eu misturo muito ainda pra ler porque a gente sabendo ler, escrever é o mais fácil, então ainda misturo muito as letras.

12. Por que você quer aprender a ler?

Porque assim, a gente que não saber ler, antes as pessoas falavam tu é cego e eu não entendia, mas agora que estou estudando, cego não é porque você não enxerga é porque você não sabe ler, muitas coisas passam batido se você não souber ler e muitas vezes você não quer perguntar para as pessoas que não estão ao seu lado pra não passar vergonha.

13. Quais as dificuldades para se manter na escola?

Tem o meu trabalho que agora estou trabalhando como segurança e assim exige muito da gente, tirando isso não tenho problemas para se manter na escola.

14. O que te incentivou a voltar a estudar?

O que me incentivou foi essas propostas de emprego que recebi que fui obrigado a recusar e até hoje o pessoal das empresas não sabem porque pedi conta, mas o motivo foi o estudo que eu não sabia.

15. O ano passado (2016) porque você desistiu?

Porque tive que sair pra fora da minha cidade para procurar trabalhar e dar uma vida melhor pra minha família porque estava muito difícil e eu escolhi estudar ou ver minha família sofrendo, então escolhi desistir de estudar e ir trabalhar.

16. E esse ano de 2017 pensa em desistir? Por quê?

Esse ano por nada eu desisto.

17. Você acha adequado o material (livro didático, texto xerocado) usado em sala de aula pela professora?

Sim, até onde o meu conhecimento, até onde eu sei, acho adequado.

18. Agora que voltou a estudar, quais são os seus sonhos?

O meu sonho é terminar os meus estudos e o meu maior sonho é fazer concurso e fazer um ensino superior também.

ALUNA Z:

1. Nome, idade e profissão?

Meu nome é Z, tenho 42 anos e sou dona de casa.

2. Por qual motivo você precisou parar de estudar?

Porque não me interessei mesmo quando era mais nova, mas depois que voltei a estudar estou achando muito melhor porque me desenvolvi mais.

3. Quando você teve o primeiro contato com a escola?

Quando adolescente. E voltei a estudar em 2016 nessa escola.

4. Você estudou até que série e tinha quantos anos?

Até a 2ª série, tinha 19 anos.

5. Em sua opinião, o tempo perdido de não ter estudado lhe prejudicou? De que forma?

E muito, me prejudicou sobre emprego, apareceu muita oportunidade pra mim assim, serviço melhor e sem estudo eu só encontrava serviço em casa de família.

6. O que você esperava das aulas antes de começar a estudar? Superou suas expectativas?

Esperava coisas boas. Superou minhas expectativas porque me desenvolvi mais, aprendi a ler bem e a escrever.

7. O que você aprende em sala de aula, você utiliza em seu dia a dia? De que forma?

Sim, utilizo quando vou ao supermercado comprar alguma coisa e ir em uma loja, então me desenvolvi mais.

8. A forma que a professora ensina é de fácil entendimento?

Sim, não tive dificuldade em compreender.

9. Ao longo da sua vida você se sentiu discriminado por não ter completado os estudos?

Sim e muito. Assim no meio de gente não sabia ler bem e ficava com vergonha de fazer alguma pergunta pra mim, se me pedisse pra escrever e eu não sabia.

10. Antes de voltar a estudar, você já tinha noção da escrita e da leitura?

Escrevia muito pouco e lia pouquinho coisa. E aqui na escola me desenvolvi mais.

11. Quais as dificuldades de aprendizagem você enfrenta em sala de aula?

Matemática, a matéria que eu sou mais ruim é matemática. Na leitura eu estava indo bem.

12. Quais as dificuldades para se manter na escola?

A dificuldade é que a escola é muito longe, mas estou enfrentando e faço de tudo pra vir para a aula.

13. O que te incentivou a voltar a estudar?

Eu mesmo pensei mesmo a voltar a estudar, já era pra muito tempo eu ter voltado, mas voltei depois dos quarenta e poucos anos.

14. Você acha adequado o material (livro didático, texto xerocado) usado em sala de aula pela professora?

Eu acho bom o material, assim normal.

15. Agora que voltou a estudar, quais são os seus sonhos?

Não parar mais de estudar continuar até terminar os estudos. E quero fazer uma faculdadezinha.

ALUNA E:

1. Nome, idade e profissão?

Meu nome é “E”, tenho 41 anos e trabalho como doméstica.

2. Por qual motivo você precisou parar de estudar?

Porque engravidei aí parei de estudar e depois fui cuidar de roça mais o marido, panhar arroz, quebrar milho aí pronto, parei de estudar.

3. Quando você teve o primeiro contato com a escola?

Quando adolescente. E voltei a estudar em 2005 em uma outra escola, mas desisti porque sofri um acidente e voltei a estudar nessa escola em 2016.

4. Você estudou até que série e tinha quantos anos?

Até a 1ª série, sabe que eu não lembro quantos anos eu tinha.

5. Em sua opinião, o tempo perdido de não ter estudado lhe prejudicou? De que forma?

Demais, porque eu trabalhava muito na roça e não tinha muito serviço assim tipo um trabalho aqui aí tinha que trabalhar de roça mesmo.

6. O que você esperava das aulas antes de começar a estudar? Superou suas expectativas?
Esperava aprender e está superando as minhas expectativas aos poucos estou aprendendo.
7. O que você aprende em sala de aula, você utiliza em seu dia-a-dia? De que forma?
Sim, utilizo. Leio a bíblia que ganhei esses dias, o pessoal tão querendo que vou ser crente, mas aí eu não tenho muito leitura até o homem lá ficou sorrindo de mim porque ele me deu a bíblia pra ler e eu disse que não sabia ler e ele disse: não sabe ler? E eu disse que não, aí ele me perguntou se eu estava estudando e eu disse que agora que estava estudando, então ele me disse que era bom eu estudar mesmo porque você não sabe ler.
8. A forma que a professora ensina é de fácil entendimento?
É tenho um pouco de dificuldade molde a vista, mas eu compreendo o que ela explica, mas molde a vista porque o óculo não está bom não dá pra responder muito.
9. Ao longo da sua vida você se sentiu descriminado por não ter completado os estudos?
Não.
10. Antes de voltar a estudar, você já tinha noção da escrita e da leitura?
Já, eu sempre pegava um jornalzinho pra ficar lendo em casa quando não estava estudando aqui, pegava um jornal, um livro, tem muito livro lá em casa aí ficava deitada lendo, eu não leio porque o negócio aqui é molde à vista mesmo, mas eu leio é muito. Eu aprendi a ler sozinha mesmo, soletrando as letras sem ninguém me ensinar, às vezes vou pra rua e vejo aqueles nomão grande aí eu leio tudinho.
11. Quais as dificuldades de aprendizagem você enfrenta em sala de aula?
A dificuldade é em ler molde à vista, se não fosse eu lia correndo.
12. Quais as dificuldades para se manter na escola?
Tem o meu trabalho, quase que eu não vinha hoje, minha patroa chegou muito tarde e a escola é muito longe.
13. O que te incentivou a voltar a estudar?
O que me incentivou foi uma colega que todo dia me ligava pra vir estudar, mas eu dizia que não porque trabalhava muito e não dava tempo pra estudar e falei pra ela que quando saísse desse trabalho iria vir estudar, mas todo dia ela me ligava até que não resisti e vir, foi no ano (2016) que eles mandaram eu ir embora aí perguntei pra ela o que precisava tanto pra estudar e logo vir estudar.

14. Já pensou em desistir? Por quê?

Não, nunca pensei não, apesar que entrei no meio do ano do ano passado (2016), mas é daqui pra frente.

15. Você acha adequado o material (livro didático, texto xerocado) usado em sala de aula pela professora?

Acho que ela tem que focar na leitura pra nós vê se a gente aprende mais ler, a leitura tá muito pouco pra nós. Ela tem que focar na dificuldade que é a leitura e não perder tanto tempo em outras atividades.

16. Agora que voltou a estudar, quais são os seus sonhos?

Meu sonho mesmo é só aprender a ler é a vontade que tenho. Eu sempre falei pra professora que quero aprender a ler pra molde ninguém tá me enchendo o saco no negócio de mandar ler isso aqui aí a pessoa fala que não, se tu quiser que leia e vá estudar, porque tem muitos que falam, aí a gente vai passar uma vergonha.

ALUNO C:

1. Nome, idade e profissão?

Meu nome é "C", tenho 31 anos e trabalho como arrumador de carga.

2. Por qual motivo você precisou parar de estudar?

Porque era muito difícil onde eu morava lá na vila aí comecei a trabalhar desde cedo na roça com meu pai e lá comecei a estudar com 7 anos e já ajudava o meu pai na roça e não sabia se estudava ou se trabalhava. Às vezes o meu pai interferia em me deixar estudar.

3. Quando você teve o primeiro contato com a escola?

Estudei quando criança e só voltei a estudar em 2016 nessa escola.

4. Você estudou até que série e tinha quantos anos?

Eu cheguei a passar para a 2ª série, mas eu estava só começando a soletrar a ler e o professor me passou aí eu tenho muita dificuldade em leitura ainda. Eu não lembro com que idade parei de estudar.

5. Em sua opinião, o tempo perdido de não ter estudado lhe prejudicou? De que forma?

Prejudicou sim. Me prejudicou de várias formas em arrumar emprego e tudo fica mais difícil.

6. O que você esperava das aulas antes de começar a estudar? Superou suas expectativas?
Esperava aprender e estou aprendendo, estou evoluindo. Ainda não superou as minhas expectativas pra superar quero aprender ler e escrever direito.
7. O que você aprende em sala de aula, você utiliza em seu dia a dia? De que forma?
Tem coisas que a gente utiliza no dia a dia, como tratar as pessoas é uma das coisas.
8. A forma que a professora ensina é de fácil entendimento?
Às vezes a gente entende e tem umas que a gente não entende e fica com dificuldade em entender.
9. E quando acontece de você não compreender, a professora explica novamente?
Explica sim.
10. Ao longo da sua vida você se sentiu discriminado por não ter completado os estudos?
Ainda não.
11. Antes de voltar a estudar, você já tinha noção da escrita e da leitura?
Já sabia um pouco já, já sabia soletrar, tem palavras que tenho mais dificuldades, mas tem outras que eu já consigo ler.
12. Quais as dificuldades de aprendizagem você enfrenta em sala de aula?
O que tenho mais dificuldade é na leitura.
13. Quais as dificuldades para se manter na escola?
Não tenho nenhuma dificuldade pra continuar na escola.
14. O que te incentivou a voltar a estudar?
Porque deu vontade mesmo de estudar e aprender porque nunca é tarde pra gente aprender.
15. Já pensou em desistir? Por quê?
Ainda não, estou firme e forte.
16. Você acha adequado o material (livro didático, texto xerocado) usado em sala de aula pela professora?
Não acho muito não, porque tinha que ter um livro mais bom pra gente aprender pra praticar mais na leitura porque só aquele livro que ela deu pra gente não é muito bom pra praticar a leitura não.

17. E sobre as atividades que a professora passa, você acha adequado?

Não acho não, eu acho que tem que ser praticar mais na leitura até porque a gente tá aprendendo ainda e está na primeira série e tem que praticar bastante a leitura e ela deveria focar mais um pouco na leitura.

18. Por que você quer aprender a ler?

Pra mim fazer um curso, ter um emprego melhor porque a gente aprender a ler é muito bom a gente ter a sabedoria, se a gente não tem depende muito dos outros.

19. Agora que voltou a estudar, quais são os seus sonhos?

Eu quero continuar estudando até concluir o ensino médio e o meu sonho é fazer um curso técnico de construção civil.

ALUNO F:

1. Nome, idade e profissão?

Meu nome é F, 57 anos e sou proprietário de lava jato.

2. Por que parou de estudar?

Porque naquele tempo o pai da gente dizia que não precisava estudar, tinha que trabalhar. Então trabalhei com o meu pai na roça dos 10 aos 17 anos e depois fui trabalhar pra mim aqui em Marabá.

3. Parou de estudar em qual série?

Nunca estudei antes, comecei a estudar pela primeira vez aos 57 anos nesse ano de 2016.

4. O que te incentivou a voltar a estudar?

Eu mesmo tive a iniciativa porque depois que criei todos os meus filhos e formaram tudo, aí eu resolvi estudar, um dia passei em frente à escola e falei com a vice-diretora se tinha vaga pra eu estudar e ela disse que sim e que tinha uma professora muito boa e pediu pra esperar, mas eu não tinha nem caderno, mas a professora M me deu um caderno e comecei a estudar nesse mesmo dia.

5. Gostou de ter a experiência de estudar pela primeira vez?

Gostei, mas eu só quero estudar até saber ler, quando eu aprender vou embora da escola, não penso assim de saber ler pra formar em alguma coisa, não tenho esse sonho, mas quando eu aprender a ler bacana uma mensagem porque tem hora que a pessoa me manda mensagem eu consigo ler, mas tem hora que a gente se enrola.

6. Antes de começar a estudar, você já tinha noção da escrita e da leitura?

Sim, já sabia escrever o meu nome sozinho e conheço todas as letras do alfabeto, pode me perguntar qualquer letra que eu digo.

7. Quem lhe ensinou?

Aprendi sozinho, peguei o ABC e fui lendo até aprender.

8. Qual a maior dificuldade que enfrentou ao começar a estudar?

Só pra saber ler porque sei resolver contas de matemática.

9. Quais as dificuldades para se manter na escola?

Não tenho nenhuma dificuldade pra continuar na escola.

10. Quem lhe ensinou a resolver as contas matemáticas?

Eu não sei como foi não, fui aprendendo assim igual lá no meu trabalho, vou lavando carro e vou botando os nomes dos carros tudo no papel, eu sei escrever o nome de “corolla, hillux, classic, pálio”, mas não sei juntar pra ler.

11. Se eu escrever o nome de qualquer carro, você saberia ler?

Qualquer nome de carro eu digo se eu ver escrito.

12. Além da leitura enfrenta mais alguma dificuldade em sala de aula?

Só da leitura mesmo, pois tenho conhecimento de tudo, pois seu eu for consertar um carro eu sei quais as peças tenho que comprar.

13. Depois que começou a estudar, o que já aprendeu?

Já aprendi um pouco, já estou na escola desde o dia 24 de junho de 2016 e por causa da greve fiquei quase 2 meses sem aula e não completei direito o estudo.

14. Agora que começou a estudar, quais são os seus sonhos?

Aprender a ler estarei feliz, pegar uma bíblia e ler um salmo, ler jornal, ler e escrever mensagem de celular é só isso pra mim tá bom, não tenho o sonho de formar.

APÊNDICE G – Cartela Bingo de Palavras

BINGO DE PALAVRAS (ESTADOS BRASILEIROS)

ANEXOS

ANEXO A – Fotos dos alunos da 1ª etapa da Educação de Jovens e Adultos



ANEXO B – Atividades realizadas com alunos da 1ª Etapa da EJA

PROFESSOR(A): _____ TURMA: 1ª Etapa

ALUNO(A): Alice Oliveira

DOÇURAI COMPLETE O QUADRO ABAIXO COM AS LETRAS QUE ESTÃO FALTANDO NA PALAVRA ÁRVORE.

DEVEMOS CUIDAR BEM DA NATUREZA!

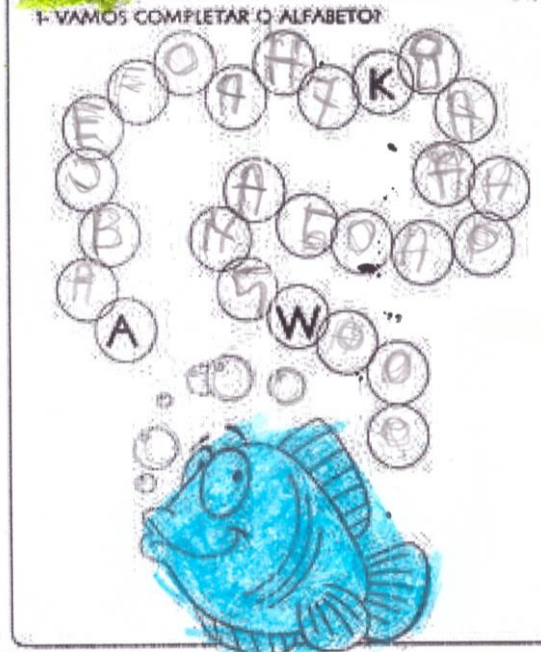
ESTA ÁRVORE VAI CRESCEER FOLTE E SAUDÁVEL.



Á	R	V	O	R	E
A	R	V	O	R	E
Á	R	V	O	R	E
A	R	V	O	R	E

EU SOU: Alice Oliveira

1- VAMOS COMPLETAR O ALFABETO?



PROFESSOR(A): _____ TURMA: 1ª Etapa

ALUNO(A): TERESA DE SOUZA VIANA

DOÇURAI COMPLETE O QUADRO ABAIXO COM AS LETRAS QUE ESTÃO FALTANDO NA PALAVRA ÁRVORE.

DEVEMOS CUIDAR BEM DA NATUREZA!

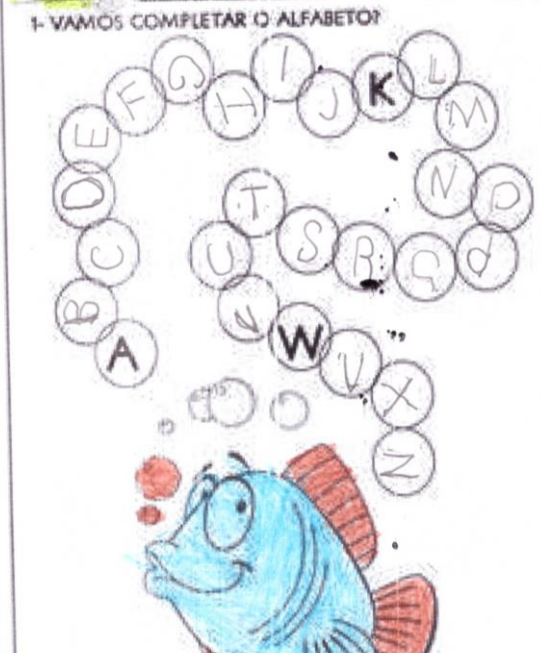
ESTA ÁRVORE VAI CRESCEER FOLTE E SAUDÁVEL.



Á	R	V	O	R	E
A	R	V	O	R	E
Á	R	V	O	R	E
A	R	V	O	R	E

EU SOU: TERESA DE SOUZA VIANA

1- VAMOS COMPLETAR O ALFABETO?



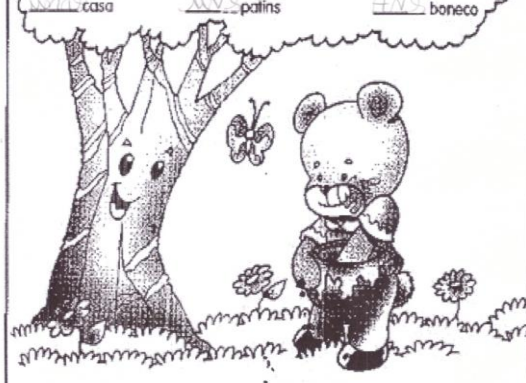
VAMOS COMPLETAR?

Escreva os artigos definidos o, a, os, as antes dos substantivos abaixo:

<u>O</u> cão	<u>O</u> pavão	<u>os</u> marrecos
<u>a</u> borboleta	<u>a</u> galinha	<u>a</u> mula
<u>As</u> abelhas	<u>as</u> cobras	<u>a</u> leilão

Complete com os artigos indefinidos um, uma, uns ou umas:

<u>um</u> garoto	<u>uns</u> piões	<u>uma</u> pipa
<u>umas</u> rosas	<u>umas</u> bolas	<u>uns</u> bombons
<u>uma</u> casa	<u>uns</u> patins	<u>um</u> boneco



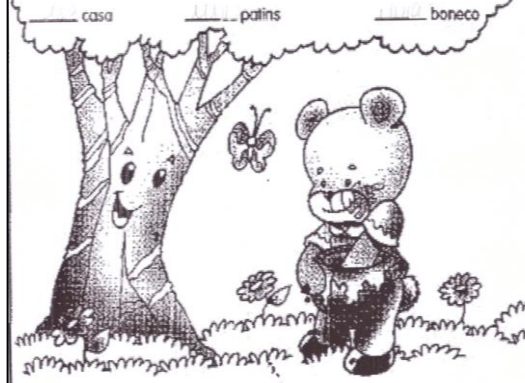
VAMOS COMPLETAR?

Escreva os artigos definidos o, a, os, as antes dos substantivos abaixo:

<u>O</u> cão	<u>O</u> pavão	<u>os</u> marrecos
<u>a</u> borboleta	<u>a</u> galinha	<u>a</u> mula
<u>As</u> abelhas	<u>as</u> cobras	<u>a</u> leilão

Complete com os artigos indefinidos um, uma, uns ou umas:

<u>um</u> garoto	<u>uns</u> piões	<u>uma</u> pipa
<u>umas</u> rosas	<u>umas</u> bolas	<u>uns</u> bombons
<u>uma</u> casa	<u>uns</u> patins	<u>um</u> boneco



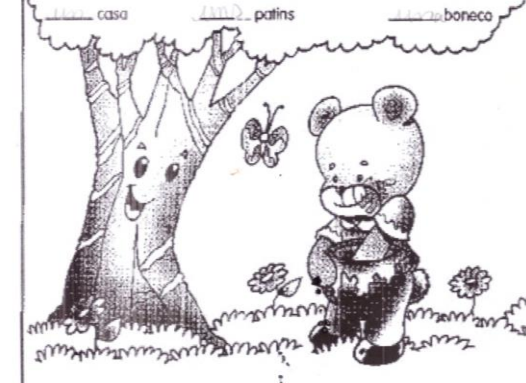
VAMOS COMPLETAR?

Escreva os artigos definidos o, a, os, as antes dos substantivos abaixo:

<u>O</u> cão	<u>O</u> pavão	<u>os</u> marrecos
<u>a</u> borboleta	<u>a</u> galinha	<u>a</u> mula
<u>As</u> abelhas	<u>as</u> cobras	<u>a</u> leilão

Complete com os artigos indefinidos um, uma, uns ou umas:

<u>um</u> garoto	<u>uns</u> piões	<u>uma</u> pipa
<u>umas</u> rosas	<u>umas</u> bolas	<u>uns</u> bombons
<u>uma</u> casa	<u>uns</u> patins	<u>um</u> boneco



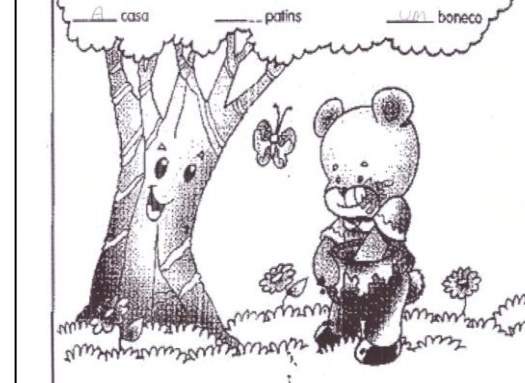
VAMOS COMPLETAR?

Escreva os artigos definidos o, a, os, as antes dos substantivos abaixo:

<u>O</u> cão	<u>O</u> pavão	<u>os</u> marrecos
<u>a</u> borboleta	<u>a</u> galinha	<u>a</u> mula
<u>As</u> abelhas	<u>as</u> cobras	<u>a</u> leilão

Complete com os artigos indefinidos um, uma, uns ou umas:

<u>um</u> garoto	<u>uns</u> piões	<u>uma</u> pipa
<u>umas</u> rosas	<u>umas</u> bolas	<u>uns</u> bombons
<u>uma</u> casa	<u>uns</u> patins	<u>um</u> boneco



o gos dos gontos Pereira
 João Estêvão Barbosa

Antônio Clito Farias dos S.

TELNI

José da Conceição Cruz
 Carversado

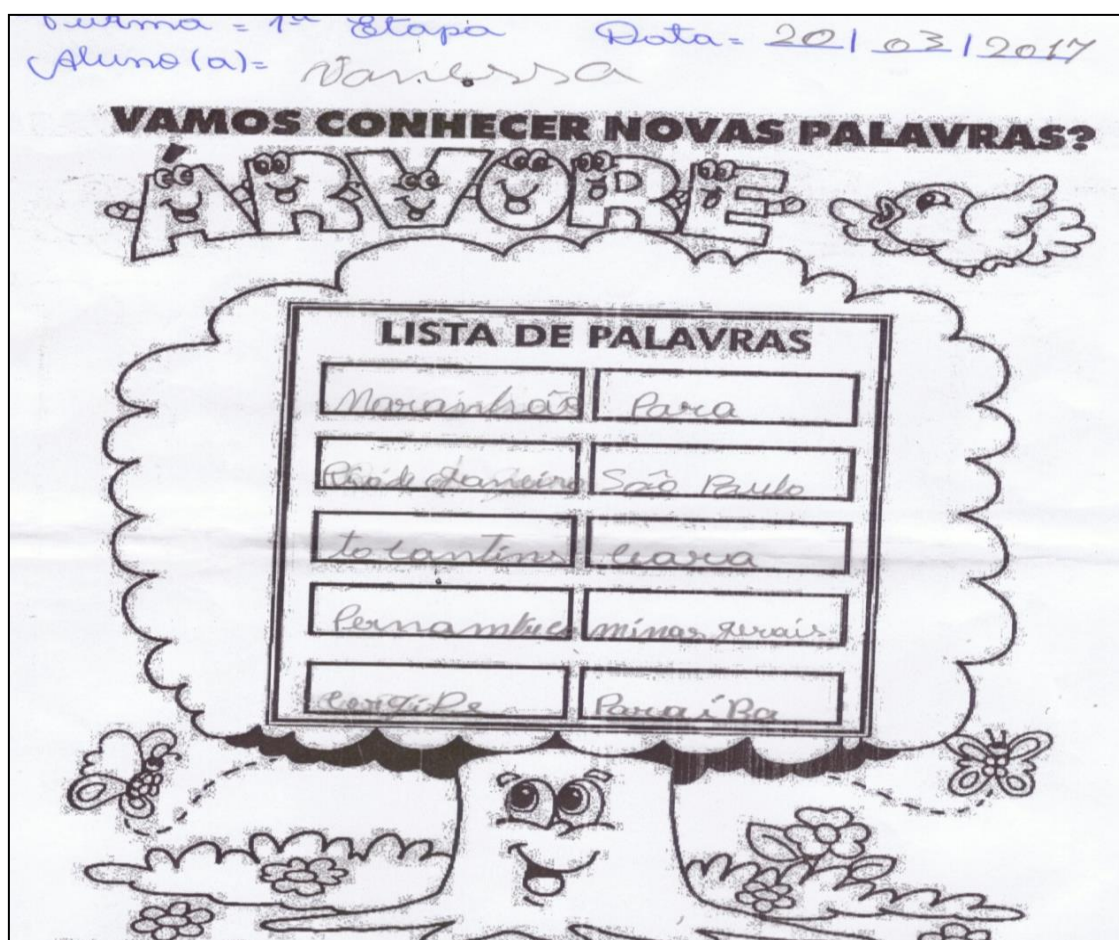
JOSÉ DA CONCEIÇÃO CRUZ

CURRÍCULO	
Dados Pessoais	
Nome:	Francisco Binda, B. de Almeida
Endereço:	Festa 14, 10. Caixa 03
Bairro:	NOVA MARABÁ
Cidade:	MARABÁ
Telefones: ()	991730242
Idade:	41
Formação	
Conquista e Tapa do ensino ficha nota (em a da nota)	
Qualificações	
Curso:	
Instituição:	
Curso:	
Instituição:	
Experiência Profissional	
Empresa:	Logia
Função:	Logia, atendimento
Período:	
Empresa:	
Função:	
Período:	

CURRÍCULO	
Dados Pessoais	
Nome:	LEONILDO SANTOS PEREIRA
Endereço:	E 201920168
Bairro:	NOVA MARABÁ
Cidade:	MARABÁ
Telefones: ()	
Idade:	20 ANOS
Formação	
Melo ALUNA DO ANO	
Qualificações	
Curso:	X
Instituição:	X
Curso:	X
Instituição:	X
Experiência Profissional	
Empresa:	SLA 121HA
Função:	SLA 121HA
Período:	
Empresa:	
Função:	
Período:	

CURRÍCULO	
Dados Pessoais	
Nome:	Maria Edivalva Gomes
Endereço:	
Bairro:	NOVA MARABÁ
Cidade:	20/212012
Telefones: ()	9927501
Idade:	94/154001
Formação	
01 62a Pm e 1a Fm de Tan	
Qualificações	
Curso:	
Instituição:	
Curso:	
Instituição:	
Experiência Profissional	
Empresa:	Golden Ville
Função:	Chefe de Lavanderia
Período:	
Empresa:	
Função:	
Período:	

CURRÍCULO	
Dados Pessoais	
Nome:	JOSÉ DA CONCEIÇÃO CRUZ
Endereço:	EO 26 ODU LT 23
Bairro:	NOVA MARABÁ
Cidade:	MARABÁ PA
Telefones: ()	999649585
Idade:	37
Formação	
1º ETAP	
Qualificações	
Curso:	
Instituição:	
Curso:	
Instituição:	
Experiência Profissional	
Empresa:	IM FERRA
Função:	DEDEIO
Período:	
Empresa:	
Função:	
Período:	



BINGO DE PALAVRAS (ESTADOS BRASILEIROS)

Para	São Paulo	Rio de Janeiro
toleantins	minas Gerais	Maranhão

Turma = 1ª Etapa da EJA Data = 20/03/2017
 Aluno(a) = Antonio Clito Farias dos Santos

VAMOS CONHECER NOVAS PALAVRAS?

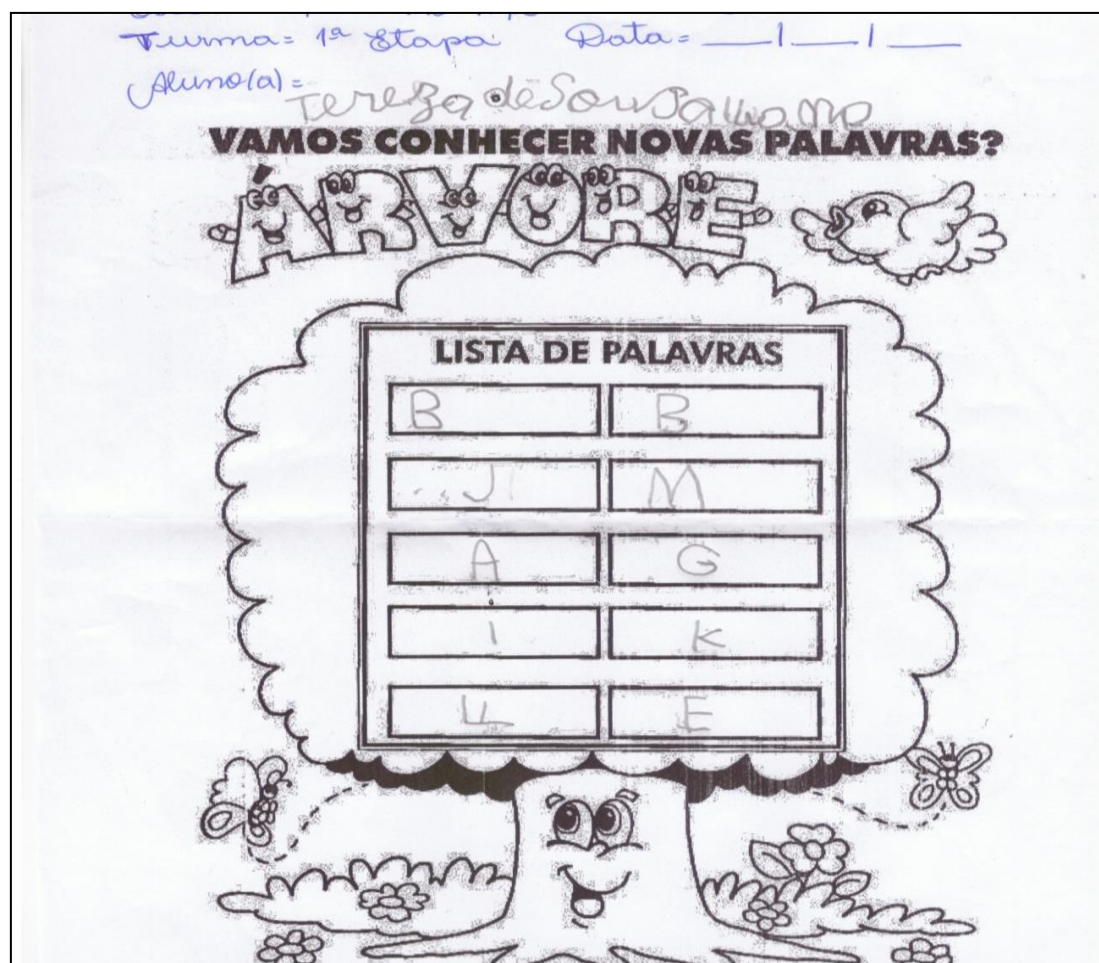
ARVORE

LISTA DE PALAVRAS

Maranhão	Pará
Rio de Janeiro	São Paulo
tocantins	ceará
Pernambuco	algife

BINGO DE PALAVRAS (ESTADOS BRASILEIROS)

Rio de Janeiro +	tocantins +	Pará x
São Paulo x	ceará x	Pernambuco



B	EX	G X
J	A	K X